

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

NARRATIVAS DA SOLIDÃO NA TOCAIA DOS INSTANTES NA CIDADE

GERALDO ARTTE

Orientador: Prof. Dr. Luis Antonio dos Santos Baptista

**NITERÓI
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

NARRATIVAS DA SOLIDÃO NA TOCAIA DOS INSTANTES NA CIDADE

GERALDO ARTTE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Estudos da Subjetividade – do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Linha de Pesquisa: Subjetividade, Política e Exclusão Social.

Orientador: Prof. Dr. Luis Antonio dos Santos Baptista

**NITERÓI
2011**

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

A786 Arte, Geraldo.

Narrativas da solidão na tocaia dos instantes na cidade /
Geraldo Arte. – 2011.

106 f.

Orientador: Luis Antonio dos Santos Baptista.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal
Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2011.

Bibliografia: f. 102-105.

1. Solidão (Psicologia). 2. Cidade; aspecto psicológico. 3.
Subjetividade na literatura. 4. Vida urbana na literatura. 5.
Exclusão social. I. Baptista, Luis Antonio dos Santos. II.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas
e Filosofia. III. Título.

CDD 150

NARRATIVAS DA SOLIDÃO NA TOCAIA DOS INSTANTES NA CIDADE

GERALDO ARTTE

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em 25 de Agosto de 2011

Prof. Dr. Luis Antonio dos Santos Baptista
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr. Marcelo Santana Ferreira
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof^a. Dr^a. Analice de Lima Palombini
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof. Dr. André Luis dos Santos Queiroz
Universidade Federal Fluminense – UFF

NITERÓI
2011

Dedico este trabalho aos meus pais (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Luís Antônio Baptista pela clareza e cuidado afetivo nas orientações. Por seu carinho e amizade.

Agradeço aos professores que me acompanharam neste mestrado, cada um com um jeito especial de fazer valer a pena os encontros. Em especial, agradeço ao professor Roberto Novaes pela acolhida amiga e ao professor Eduardo Passos pelos encontros potentes na clínica e na não clínica. Agradeço ao grupo de estudos Limiar por existir. À professora Lilia Lobo pela generosidade. À professora Cristina Rauter pela leveza. À professora Márcia Moraes pela delicadeza. À professora Cláudia Osório pela atenção e alegria. Ao professor André Queiroz por nos ajudar a pensar de outra maneira. À professora Kátia Aguiar pela delicadeza. À professora Cláudia Osório pelas aulas eletrificadas. Ao professor Hélder Muniz pela presença carinhosa e atenta.

Agradeço aos parceiros Jorge Mello, Diego Flores, Paula Lí, Rodrigo Lages e tantos outros desta turma maravilhosa que me acolheu como ouvinte.

Agradeço a Victor Tinoco pela ajuda num momento difícil.

Agradeço a minha turma de mestrado pelos encontros valiosos nas disciplinas estudadas.

Agradeço a Leandro Salgueirinho com seu apoio em momentos decisivos.

Agradeço aos meus pais (*in memoriam*) por terem me ensinado a acreditar nas coisas simples da vida.

Agradeço aos meus irmãos pelo espírito fraterno e cordial.

Agradeço a minha filha por me ajudar a entender o sentido do amor.

Agradeço ao professor Marcelo Santana pelo companheirismo, leitura atenta e generosa.

Agradeço à professora Analice Palombini pela dedicação nas leituras com sensibilidade, leveza, precisão e generosidade.

Agradeço ao meu grupo de pesquisa pelo aprendizado e renovação.

Agradeço a todos os funcionários da pós, pela dedicação e paciência.

Agradeço a CAPES, pela concessão de minha bolsa, fundamental para a minha dedicação a essa pesquisa.

Estou disperso nas coisas. Estou desfeito nas nuvens.

Ferreira Gullar

RESUMO

Esta dissertação aborda algumas discussões sobre a relação entre subjetivação e solidão urbana. Embora a experiência de solidão nos leve a épocas distantes, sua experiência na modernidade, com o advento das cidades, também trouxe a ideia do estar só ou sentir-se só como uma experiência universal. Se objetivamos ampliar a análise da solidão para além de um psicologismo é porque a consideramos como um fenômeno polifônico e polissêmico que apresenta características ímpares na modernidade. Dentro deste escopo, queremos estudar a evolução das experiências de solidão como forma de abordar a subjetividade na cultura moderna. Entendemos que a generalização do sentimento de solidão é historicamente datada e que só com o advento da modernidade é que ela passa a ser gozada na cidade. A modernidade destaca a relação entre solidão e individualismo, dando origem à moderna concepção do indivíduo dotado de uma subjetividade. Assim abordamos essa delicada transição que acomete o homem na contemporaneidade. Ela não se dá somente no plano da consciência, mas no plano da subjetividade. Liberar o estudo da subjetividade da tutela do psicologismo e/ou do senso comum implica na necessidade de pensá-la de outros modos. Nesses termos, montamos o percurso da nossa pesquisa transdisciplinar obedecendo ao encontro da cidade e dos processos de subjetivação entremeados pela contribuição da literatura. Com efeito, produziu-se um campo de experimentação onde encontramos outros modos de lidar com a solidão, os quais nos ajudaram a montar as narrativas de solidão na espreita dos instantes de cidades, produzindo sentidos diferentes de uma história universal da solidão urbana.

Palavras-chave: cidade; solidão; subjetividade; literatura; experiência urbana.

ABSTRACT

This thesis addresses some discussions about the relationship between subjectivity and urban loneliness. Although the experience of loneliness leads us to distant times, their experience in modernity, with the advent of cities, also brought the idea of being alone or feeling alone as a universal experience. If we aim to expand the analysis beyond the solitude of a psychologism is because we regard it as a polyphonic and polysemic phenomenon that presents unique characteristics of modernity. Within this scope we want to study the evolution of the experiences of loneliness as a way to address the subjectivity in modern culture. We believe that the widespread feeling of loneliness is historically dated and that only with the advent of modernity is that it is to be enjoyed in the city. Modernity highlights the relationship between loneliness and individualism giving rise to the modern conception of the individual endowed with a subjectivity. So we approach this delicate transition that man has been involved in contemporary times. She does not only in terms of awareness, but in terms of subjectivity. Releasing the study of the subjectivity of the auspices of psychologism and / or common sense implies the need to think of it in other ways. In these terms, we set the course of our transdisciplinary research obeying the city's meeting and subjective processes interspersed by contributions from the literature. Indeed, there has been a field of experimentation where we find other ways of dealing with loneliness, who helped assemble the narratives of loneliness ambush the city while producing different senses of a universal history of urban loneliness.

Keywords: city; loneliness; subjectivity; literature; urban experience.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	09
2 – CAPÍTULO 1: DESNATURALIZAÇÃO DA SOLIDÃO.....	21
2.1 – Anonimatos.....	21
2.2 – Formas de solidão.....	23
2.3 – Uma leve brisa romântica.....	26
2.4 – Modos de subjetivação no contemporâneo.....	27
2.5 – Caixa de ferramentas.....	28
3 – CAPÍTULO 2 – CIDADE E SUBJETIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA.....	37
3.1 – Interpenetrações.....	37
3.2 – Travessia por promessas do capitalismo.....	39
3.3 – Assim caminham as subjetividades.....	41
3.4 – Fragmentos de modernidade para pensar a “lírica baudeleriana”.....	42
3.4.1 – Poética do choque.....	44
3.4.2 – Passeio de tartaruga.....	45
3.5 – O que podemos extrair dessas imagens na cidade?.....	47
3.5.1 – Essa imagem da tartaruga nos leva aonde?.....	49
3.6 – Testemunho anônimo da multidão.....	49
3.7 – Os efeitos do choque.....	51

3.8 – Modernidade e experiência de si.....	55
3.9 – Foucault e a literatura: por uma exterioridade na escritura fonsequiana.....	61
4 – CAPÍTULO 3: UM CONTO DE RUBEM FONSECA COMO MÉTODO.....	67
4.1 – A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro: força cartográfica da nossa escrita.....	67
4.2 – A figura da prostituta e a força de sua escrita.....	75
4.3 – Experiências Urbanas.....	78
4.3.1 – Deambulações.....	78
4.3.2 – Homem de papel.....	80
4.3.3 – As rugas da fome.....	81
4.3.4 – Travessia.....	82
4.3.5 – Marcha profana.....	83
4.3.6 – Excessos.....	84
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102

1 – INTRODUÇÃO

“Sinto-me muito só! Por que será que as pessoas não me ligam e não me procuram? Só vou me relacionar com quem me procurar! Somos bandos de solitários vagando pelas ruas, sem entusiasmo e sem vontade de fazer nada. Estamos perdidos no meio da multidão. Tenho medo de estar só! Eu prefiro não andar pelas ruas, principalmente de noite! É muito arriscado! As ruas já não nos pertencem! Eu levo susto com frequência. Ontem mesmo, uma pessoa encostou sua mão em mim para pedir uma informação e eu dei um grito, no meio da rua. Até eu me assustei com a minha reação! Um dia desses estava num elevador e comecei a suar frio, meu coração disparou, cheguei a pensar que ia morrer!... A vida na cidade está um caos! Não aguento mais viver em meio a tanto barulho, engarrafamentos, poluição, violência!... Até as oportunidades de emprego estão se esgotando. Ontem mesmo, fiquei sabendo que seis colegas de trabalho foram demitidos sem o menor motivo. Meu amigo João era um deles. Coitado! O que ele vai fazer da vida? Ele só sabia fazer aquilo!...”

Encontram-se aqui algumas falas oriundas das nossas andanças pela cidade do Rio de Janeiro. Elas impulsionaram a escrita de determinadas narrativas nomeadas por nós de narrativas de solidão urbana, envolvendo sentimentos oriundos de questões que se vive nas

metrópoles, mas que hoje acreditamos que podem se apresentar em qualquer lugar, como vimos na clínica, nas ruas e na nossa imaginação. Elas trazem consigo as marcas de um diálogo promissor da literatura com as transformações sociais e econômicas apresentadas nesta pesquisa.

“Tenho sentido solidão quando chego em casa. Não tenho mais diálogo com a minha mãe, que está decrépita, próximo à morte. Desejo morar sozinha, mas ainda não sei como fazer isso. No último encontro do curso, tinha festa. Saí sem me sentir só. Com a tragédia do terremoto no Japão não me senti deprimida, mas espantada com a grandiosidade da natureza, arrastando tudo. Parece que o que eu sinto tem a ver com a solidão. Tenho uma sensação de repetição, de não andar para a frente. Uma palavra que vem na minha frente é melancolia. Me sinto deslocado com a garotada do curso que eu faço. Em casa está tudo bem, mas falta tesão. Estou mergulhado num misto de sentimentos. Ao mesmo tempo que tem um marasmo, eu também sinto potência.”

O pavor, o medo, os desassossegos e o espanto do viver na cidade. Misturas de ficções e falas colhidas na clínica sobre esses sentimentos de angústia e isolamento, que a gente vive como se fosse individual.

A nossa pesquisa reúne dizeres, falas, polissemias de instantes nas ruas e na clínica que nos servem para pensar o múltiplo e o diverso com implicações na filosofia, na arte e na política. O que seria próprio da clínica? Como podemos localizar essa experiência? Pensamos numa escuta que se inclina sobre aquele que demanda tratamento. Esta inclinação apresenta um outro movimento, de desvio. Inclusive, a clínica precisa desviar dela mesma, de uma certa psicologização do sentimento de solidão na urbe.

Depoimentos. Um coro de vozes. Nada parece mais universal do que essas aflições. Seus surgimentos e suas materialidades nos causam impressões. Seus fluxos são amparados em ritmos solitários constitutivos de individualidades. Testemunhos e agonias que abundam em alguma coisa. Situações com sutilezas de detalhes e impressões. Sensações que pulsam feito pomba nas mãos. Proposições de uma excitante polifonia.

Os textos desta pesquisa revelam a dificuldade de escrever acerca de uma realidade que insiste em ser vista como natural. Ao tratar de temas que desassossegam a sociedade atual, ressaltam-se os equívocos por toda parte na banalização do ser ou estar só na cidade. Aqui

desviamos para pensar a solidão em suas mais variadas formas de expressão.

Declarações que podem fazer muitos pensarem na solidão como mazela dos tempos de hoje. Não é destas experiências que queremos fazer passagens. Ao contrário do que o pensamento hegemônico, comum e ingênuo faz reluzir, a propagação do sentimento de solidão tem um percurso histórico. Vale dizer que a preocupação do homem com a sua solidão é muito recente. Podemos pensar que ela é contemporânea ao advento da modernidade. No entanto, abordaremos uma breve definição sobre este período histórico, para, em seguida, tratá-lo como experiência de si.

Em meio ao estudo da solidão, queremos mudar a nossa relação com ela e não eliminá-la. Para nós, pouco importa se estamos ou nos sentimos sós. Queremos entender como se produz uma assim chamada estética da existência num contexto citadino repleto de imagens velozes e fugidias.

Junto com o que possa desviar, sentimos a permanência do desejo de focalizar o estudo da solidão através e para além de uma visão oriunda de um psicologismo. O interesse é a solidão como evento polifônico e polissêmico que multiplica os olhares que se cruzam, se relacionam e se contrastam.

Nosso estudo das polifonias é inspirado por Máximo Canevacci (1997), quando diz, em *A cidade polifônica*, que “As cidades em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se e se contrastam...” (p. 17). Nesses termos, nosso estudo é polifônico, pois examina um coro heterogêneo de vozes na composição da urbe. Em outras palavras, somos convocados pelas diversas tramas, com suas mais variadas formas de expressão. Com efeito, entramos em contato com as transformações pelas quais passa o mundo alimentando a nossa perplexidade que coexiste com nossa escrita. Isto nos impulsiona ao exame do que acontece na cidade com tamanha sensibilidade. Toda a dimensão dos acontecimentos desenvolve equivalentes modalidades de observação. Elas não devem ser estudadas de forma superficial e apressada. Precisamos ajustar o ritmo do nosso caminhar para poder ver o que acontece na cidade. Nela queremos nos perder, aceitar ser estrangeiro e nos desenraizar, antes de reconstruirmos outras cidades na cidade. Em outras palavras, o estranhamento é fundamental para trazer outras possibilidades de lidar com as

misturas imprevisíveis que se apresentam na cidade do Rio de Janeiro.

A nossa vontade de estudar a cidade do Rio de Janeiro nasceu da montagem de um olhar desenraizado que almeja perceber as coisas ínfimas que o olhar domesticado não percebe. São justamente elas que constituem o escopo da nossa pesquisa. Uma vez selecionadas e articuladas, podem contribuir para o desenho de um outro mapa da cidade, com o qual talvez possamos descrever e compreender melhor as agruras de viver numa metrópole. É a cidade polifônica. Uma cidade narrada com diversas técnicas, cada qual diferente uma da outra, mas convergindo para um coro que canta uma multiplicidade de vozes autônomas que se enlaçam, comunicam-se, isolam-se e se contrastam, configurando assim uma polifonia.

Essa perspectiva multiplica os olhares sobre o objeto da nossa pesquisa num desenho metodologicamente paradoxal que nos faz aproximar das distâncias do que acontece na cidade. É preciso estar dentro e fora da cidade. Distância e proximidade compondo processos separados, mas vinculados, que constituem o nosso caminhar pela cidade e a nossa escrita. Quanto mais distâncias nós criamos, mais nossa escrita se aprofunda. Escrita que hora se faz como um diário que cria territórios onde os movimentos da nossa escrita datada se encontra com outro modo de escrever que não é datado, mas dotado de uma escrita febril que traça um conjunto de caminhos formado apenas por trechos de histórias.

Nesses termos, a cidade é lida em suas improvisações. Somando as vozes, pensamos a solidão urbana que fala de lutas, de amizade, de amor, de encontros e desencontros. Em cada passo que damos e em cada palavra que escrevemos, mais questionamos um certo sentimento universal de solidão. A montagem da nossa dissertação nos faz, em alguns momentos, sentir só, mas também nos faz pensar na existência de indivíduos que imaginam a solidão como algo permanente, constitutivo do seu ser. O estudo da solidão moderna feito por Celso de Castro (2001) nos faz pensar numa generalização do sentimento de solidão historicamente datado. Segundo ele, o solitário enquanto tipo social, ou seja, o que nos é familiar, é historicamente datado. A gênese deste indivíduo, que ele batiza de *homo solitarius*, é relativamente recente, próxima da nossa experiência moderna

Para buscarmos uma outra estética da existência, montamos leituras atentas ao que acontece na cidade. Encontramos com narrativas de solidão urbana oriundas tanto do nosso caminhar pelas ruas do Rio de Janeiro quanto da nossa experiência clínica em consultório; no

acompanhamento de usuários de saúde mental da rede pública bem como em nossa própria imaginação. É neste campo que sentimos a convocação oriunda das leituras que fizemos, principalmente no diálogo com a literatura, onde se encarna a nossa escrita.

Narrativas da solidão na tocaia dos instantes da cidade pretendem pensar a solidão urbana indo além dos gestos solitários e pensar o viver e a vida coletiva. Para tanto, se faz necessário investigar se é possível sustentar um coletivo que preserve as singularidades. Neste caminho, estamos pesquisando os coros de vozes que falam da solidão enquanto formas de êxodo, de exílio necessário para se pensar como cada um vive ao seu modo.

A solidão urbana, compreendida como possibilidade de criação de espaços heterogêneos, com intensidades próprias que propiciem encontros não impostos, permitindo que cada um preserve sua singularidade. Como favorecer esses instantes fugidios sem premeditá-los? Como fazer emergir as afecções onde se apresenta a aridez dos afetos? Estes são alguns dos nossos desafios estampados numa experiência coletiva que confira o desenho de singularidades nas coisas ínfimas e nos encontros aparentemente desprezíveis que compõem a nossa escrita.

O ato de escrever não diz respeito à imposição de uma forma de expressão a um objeto. A literatura deve estar antes do lado do inacabado, do inconcluso. Escrever tem a ver com devir, sempre inacabado, sempre em busca de constituir-se. Já a cidade precisa nos trazer novos registros de um devir cidade. Escrever uma dissertação que inclua uma geografia incessantemente reinventada extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. Compõem-se de sutilezas, porosidades, onde os encontros nas ruas ou no nosso acompanhamento clínico em consultório produzem estímulos inesgotáveis.

Então de que literatura estamos falando? Estamos falando de literatura e vida, pois ambas dizem respeito a um processo que atravessa o vivível e o vivido. Quando falamos de literatura, estamos pensando em limiares que furtam a sua própria formatação. Não queremos, na nossa escrita sobre a solidão urbana, alcançar uma forma, uma identidade ou uma verdade única. Queremos encontrar cidades possíveis na cidade, solidões possíveis no viver só. Para tanto, buscamos dialogar com meios literários despojado de características formais. Literaturas que evidenciem a potência do impessoal, ou seja, uma singularidade no mais alto grau. Literaturas que valorizem as passagens da vida. Um bom exemplo é o conto de Rubem

Fonseca que usamos nesta dissertação. O seu protagonista escreve tudo sozinho, andando pelas ruas do Rio de Janeiro. Por isso, Louis Wolfson, diz Deleuze, faz questão de dizer, “paradoxalmente”, que às vezes é mais difícil ficar prostrado, parado, do que levantar-se para ir para longe... (Gilles Deleuze, 1997, p. 33).

Quando o assunto é solidão, pensamos quase automaticamente no isolamento. Também pensamos no estar só como tentativa de nos protegermos das agruras do dia a dia. Não é de agora o pensamento de que a solidão contribui para o aumento de doenças. Assim, a solidão vem sendo pensada nas cidades como um fator de risco e de stress que pode até nos matar. Intencionalmente ou não, presenciamos a criação de tipos de solidão estampados em falas que dão testemunhos a essas invenções cotidianas.

A sensação de estar só faz com que uma parte expressiva da população urbana queira “tirá-la da cabeça”, enxergando-a como carência absoluta, vazio, perda de si.

Não podemos deixar de produzir um pensamento crítico (que tome a questão de uma outra forma) para informações que circulam pelas mídias impressa e falada. Nos Estados Unidos, 60 milhões, ou seja, um em cada cinco americanos, encaram a solidão como causa de infelicidade. O sentimento de solidão aqui é visto como um alerta para se buscar companhia¹.

Poderia ser um simples equívoco não dizer que, quando iniciamos uma pesquisa, precisamos mostrar, num processo de mudanças, o que ocupa um lugar singular nos acontecimentos. Também poderia ser um engano pensar que só há um jeito de ver o que chamamos de realidade e de sentir o que percebemos como mundo.

Ledo engano, pois, ao abrimos bem os olhos, encontramos um número enorme de cidades na cidade, estampadas nos pequenos momentos do dia a dia. Em cada instante que vivemos, sentimos germinar outros modos de constituição do presente. Em cada fôlego renovado, assim como em cada palavra urdida, presenciamos o crescimento dos afetos no encontro de uma pluralidade de forças que coexistem na cidade.

O que fazer? Aonde ir? Onde a gente está? Que propostas seguir quando o assunto é a solidão urbana? Podemos seguir um caminho da decifração, da construção de identidades ou buscar trilhas que construam territórios de vida. Para tanto, precisamos nos dar conta do que estamos inventando, do que estamos experimentando no encontro com as narrativas de

¹ Extraído do programa da Rede Globo, *Globo Repórter*, em 03/06/2011.

solidão. Esses encontros seguem a contramão da busca de identidade e de decifração. Apostamos nas narrativas de descaminhos, de desvios como método, não temendo as errâncias. Nossa escrita foi permeada pela atitude de parar, procurar descrever os impasses e, quem sabe, perceber o que acontece na cidade. Desta forma, não nos deixamos seduzir pelos modismos, mas nos aliançamos com o surgimento do devir, seja ele no ontem ou no hoje, mas incerto e inacabado.²

Em meio às agruras de se viver numa metrópole chamada Rio de Janeiro, o nosso estudo da solidão busca fragmentos de desassossego que nos façam pensar em esforços para tornar a vida singular. Através de passos e vozes nas esquinas da vida urbana, permanecemos à espreita, montamos a nossa tocaia no intuito de ver o que floresce em meio a assim chamada solidão e buscamos um norte cartográfico para a nossa pesquisa.

Aprendemos com os geógrafos que, diferente de um mapa, representação de um todo estático, a cartografia é um traçado que segue e se forma coexistindo com os movimentos que tecem a paisagem.³

Para nós, pesquisadores do campo que por hora intitulamos de psicossocial, também existe a possibilidade de cartografar. Neste caso, o ato de cartografar acompanha e se desfaz em meio à dissolução de um assim chamado mundo sem sentido para o encontro com um mundo que se cria na expressão dos afetos.

Estamos mergulhados nos afetos e neles encontramos passagem para viver as intensidades do nosso tempo. Atentos às linguagens, desejamos viver em cidades onde todo o possível possa ser convocado na composição de cartografias que se tornam imprescindíveis no entendimento do que acontece na cidade.

Nossa pesquisa, que hora se apresenta com um viés cartográfico, entende que estão em jogo estratégias de elaboração do desejo no campo social. Estamos atentos aos movimentos do desejo, investigando as transformações da sensibilidade coletiva. O que descreve, portanto, a tarefa do cartógrafo é uma certa sensibilidade no seu trabalho que cria espaços de emergências

² Método desviante de Gagnebin.

³ ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

de outras sensibilidades, de outras linguagens na análise do desejo onde se reinventa o que entendemos sobre o real e o social. Nesses termos, entendemos a prática do cartógrafo como uma prática política.

Aprendemos também que vivemos num mundo de imagens velozes e fugidias. Na cidade, este fato fica mais evidente onde máquinas e pessoas se agitam num movimento febril. Onde o que surge também desmorona. Assim, durante o curso da nossa escrita, nos vimos atravessados pelo desassossego que nos ajudou a montar um olhar participativo que nos fez estranhar o imperativo de certa razão que insiste em governar a cidade. Entendemos que o pensamento único homogeneiza a cidade, higieniza as misturas de cheiros, cores e vozes, aprisionando os cidadãos em scripts sociais.

Procuramos montar a nossa pesquisa vivendo os embates entre as diversidades, os tensionamentos e os acontecimentos que transbordam e pedem passagem como renovador do nosso fôlego. Deve-se sublinhar que convivemos com os acontecimentos que nos fizeram oscilar do paradoxo à ruptura. Alguns personagens anônimos nos levaram a pensar que o que esmaga também recompõe, que tanto nos amedronta como nos faz continuar e que a assim chamada condição miserável é apenas na aparência. A vida nas ruas retratada num misto de vozes de um humano em constante deslocamento.

A princípio, esta pesquisa vai se formando no que conseguimos abandonar algumas formas tradicionais de pensar a subjetividade. Parte-se da hipótese de que não devemos trabalhar com a noção de sujeito como classicamente é utilizado nas psicologias, mas com a noção de subjetividade (produção de subjetividade). A primeira pode nos levar a pensar no ser humano como base eterna da história e da cultura humana (como dotado de uma certa natureza). A segunda pode formar a ideia sobre o homem como uma produção histórica e cultural.⁴ Como atravessado por forças econômicas, sociais, políticas, que são históricas, mas não é resto, puro produto. Vale dizer que, em vez da história da pessoa, buscamos uma certa história das relações que as pessoas têm estabelecido consigo mesmas. Neste estudo, não queremos saber sobre a experiência do sujeito, ou seja, histórias pessoais, reminiscências, que

⁴ Sobre esse assunto, ver Nikolas Rose em “*Como se deve fazer a história do eu*”, na revista *Educação e realidade*. v.1, n.1 (Fev. 1976). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1976.

desembocam numa via que afirma, por exemplo, que mulheres são mais solitárias que homens, que as pessoas são sozinhas, mas apesar disso podem ser felizes, que solidão na terceira idade adoce etc. Generalizações que se desdobram quando ouvimos depoimentos com nomes próprios. Nossa escrita aposta nos modos de existir das experiências que produzem sujeitos. Essa é a história que estamos querendo conhecer e desarranjar. Uma nos remete à noção de indivíduo⁵ e, conseqüentemente, uma definição universal, totalizante e privatizada. Já a outra, cara à nossa pesquisa, faz surgir novas imagens dialógicas, múltiplas, nômades, que dizem respeito ao estar-no-mundo.

Com efeito, optamos por trabalhar com três eixos: O primeiro eixo aborda a solidão desnaturalizada tendo em vista o uso da história para a retirarmos do senso comum. O segundo eixo apresenta a tríade cidade, modernidade e literatura, ou seja, a literatura sobre o urbano como instrumento para pensarmos a subjetividade. O terceiro eixo tem Rubem Fonseca como método: seu conto “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro” como norte metodológico para a nossa pesquisa. Além do diálogo com o referencial teórico, o nosso andar pelas ruas do Rio de Janeiro, inspirado pela escritura fonsequiana, gerou vários textos que intitulamos de “experiências urbanas”. Elas estarão presentes na nossa dissertação.

No primeiro capítulo, abordamos as por nós chamadas “narrativas de solidão”, onde apresentamos os estudos de Celso de Castro (2001) sobre a constituição da solidão moderna trazendo notas sobre sua emergência; de Luís Cláudio Figueiredo (1992) e suas indagações que problematizam o modo de subjetivação contemporâneo, pensando a solidão como uma invenção; de Bernardo Tanis (2003), que atesta que a subjetividade humana se molda e se transforma ao longo da história, traçando assim um circuito da solidão; e de Richard Sennett (2003), com sua compreensão da evolução da experiência de solidão, indispensável para se pensar a subjetividade na cultura moderna.

No segundo capítulo, apresentamos Cidade e subjetividade: contribuições da literatura. Apresentamos cenas urbanas entremeando o instantâneo, o fugidio, o contingente e o transitório. A cidade onde todo o possível é convocado para dialogar com as agruras de se

⁵ O modo de ser indivíduo, que é um modo de ser sujeito, é datado, mas desde a modernidade vem se colocando como forma única de existência – interiorizada, apartada de força política, aprisionada.

viver numa urbe chamada Rio de Janeiro. Subjetividades que apontam para um tecido relacional esboçando uma trama social. Em vez de diferentes formas dominantes de pensar a subjetividade, queremos pensá-la em movimento, sendo intensamente reinventada. Já a modernidade é tratada com a assim chamada percepção moderna que acolhe uma narrativa dos vestígios, do inacabamento que fortalece o nosso olhar moderno para o fragmento e para o acaso. E, por fim, literaturas mais sensíveis ao que acontece na cidade e que põem em cena a metrópole moderna e contemporânea. Literaturas que objetivam o desmanche do que pensamos já conhecer e que podem deformar a nossa visão sobre a cidade. Escrituras que visam a produção de modos de pensar para a dissolução do real rumo às novas modalidades de experiências urbanas.

No terceiro capítulo, trazemos um conto, “A arte de andar nas Ruas do Rio de Janeiro”, de Rubem Fonseca, como método. Ele se apresenta como norte cartográfico para pensarmos a solidão urbana. Nosso interesse não é pela obra deste escritor, mas pelo tema da cidade na literatura. Os seus personagens nos ajudam a apreender a realidade pelo seu ângulo mais inusitado, deslocando o nosso olhar para a cena urbana.

Mas não é apenas do conto fonsequiano que extraímos o sumo dos acontecimentos na cidade. Do encontro do nosso andar pelas ruas do Rio de Janeiro com as pistas deixadas pelo referencial teórico desta pesquisa surgiram o que denominamos de experiências urbanas. Elas estarão presentes ao longo da nossa escrita. Elas produzem sentidos outros que renovam o nosso fôlego ao mesmo tempo que deformam tudo que pensamos já saber sobre o viver numa metrópole.

Coexistindo com o que vimos acontecer nas ruas, presenciamos também a apresentação da solidão na clínica particular, no serviço público de atendimento de usuários de saúde mental e na nossa imaginação. Solidão que fala do nosso padecimento por excesso de comunicação, atravessados que estamos por palavras estéreis, como se não sustentássemos um silêncio e uma reclusão necessária para produzirmos o que dizer. Esta coexistência da solidão em tempos e espaços distintos reflete uma certa passividade que cria obstáculos para a produção de sentido do viver nas cidades. Uma reclusão necessária que possa nos livrar de estruturas aprisionantes do pensar e do viver.

Em todos os territórios por nós percorridos na pesquisa se apresentaram formas de

solidão que nos fizeram tanto perguntar sobre que formas de isolamentos ou exílios insistem em resistir como denunciar essa espécie de sobrevivencialismo quase exangue que vivemos nas metrópoles. Quantas formas de reclusão e atitudes solitárias criam limiares, fronteiras do porvir, entre o sobreviver e o viver, entre a vida isolada e a vida coletiva?

Um olhar se configura na ideia de que existem formas singulares, modos não unívocos de solidão que se apresentam na cidade. Nosso intento é embasar esta hipótese pelo diálogo com a literatura de Rubem Fonseca e com os escritos de Renato Cordeiro Gomes sobre a cidade, com o estudo da solidão proposto por Richard Sennett e Chaim Samuel Katz e o pensamento crítico sobre o viver nas ruas proposto na filosofia de Walter Benjamin, Michel Foucault e Ítalo Calvino.

Fonseca e Gomes parecem produzir uma nova gramática da cidade. Suas narrativas dão visibilidade ao inconcluso, num diálogo da solidão com a cidade. Sennett e Katz apresentam um outro olhar sobre a solidão, compreendendo-a como positiva e necessária para transcender o poder. Aquela que nos faz pensar no que experimentamos perante o funcionamento do mundo. Por sua vez, Benjamin, Foucault e Calvino nos trazem a transição do medonho ao encantamento e nos fazem acreditar na necessidade de abirmos mão da nossa privacidade, do nosso individualismo, para nos perdermos na cidade num exame minucioso de imagens prenhes de histórias. Partindo da superfície da sua época, esses autores dialogam com os restos e materiais aparentemente insignificantes, dando o mesmo valor dado às grandes ideias. Eles nos ajudam a produzir outras maneiras de lidar com o ritmo citadino. Noções como eu, individualismo e solidão estão estreitamente vinculadas, promovendo um alargamento na valência polissêmica da noção de individualismo e na compreensão da solidão. Assim, ao andar pelas ruas e ao escrever sobre essas experiências, ficaremos atentos às condições que moldam a constituição do presente. Nos instantes fugazes da história, o agora em forma de acontecimentos será bem-vindo para renovar nosso encanto pela escrita que nos atualiza todos os dias. História que precisa ser pesquisada na sua força inventiva, discursos que provocam estranhamentos e narrativas provocadoras de súbitos acontecimentos que podem ser vistos no antigo e no moderno.

Inspirado no conto do Rubem Fonseca, vamos apresentar, no decorrer desta pesquisa, algumas experiências urbanas. Elas foram resultantes do encontro do que estudamos ao longo

do mestrado com o que vimos, ouvimos e sentimos no consultório e nas ruas do Rio de Janeiro. Utilizamos o princípio da montagem⁶ usada por Walter Benjamin nas *Passagens*. Esta técnica é vista por ele como a base da sua historiografia. Assim, colhemos fragmentos na cidade, sublinhando certo caráter de narrativas de histórias abertas de solidão na cidade.

⁶ A montagem é um procedimento característico das vanguardas do início do século XX.

2 – CAPÍTULO 1: DESNATURALIZAÇÃO DA SOLIDÃO

A saia de veludo sagrada, os vidros indiferentes da garrafa, o saco plástico descartável são objetos do cotidiano das metrópoles, impregnados de coisas para contar [...] A história tensa de confrontos entre homens, corpos, desejos, produção de riquezas aponta-nos para a inesgotabilidade daquilo que tem a nos dizer. [...] Ao lado das máquinas de deuses e de emoções, entre peças de aço e fuligens, agoniza a soberania da consciência, a sagrada solidão do passageiro encerrado em si mesmo. [...] Ver sem ser visto, impregnar-se de imagens inodoras, proteger-se em si, faz de seus moradores deuses solitários, imunes aos contágios do dia a dia.

Luís Antônio Baptista. O veludo, o vidro e o plástico. 2009, p.25,.

2.1 – Anonimatos

Os passos na multidão, marcados pela busca do que possa ser familiar em mais um dia na cidade onde tudo que tem forma se transforma e deforma o nosso olhar. São marcas excessivas de “eus” que nos enfraquecem como narradores do indispensável agora. Nas cidades, o anônimo coexiste com o espetáculo que insiste em nos distrair e nos comover com imagens sedutoras e pacificadoras da nossa escrita inquieta. Para esse turbilhão de apelos da cidade cartão-postal, pouco resta que provoque desassossego.

Anônimos de um tempo que evita as misturas e privatiza suas sensações. Tempo que abafa a intensidade criativa de combate. Tempo que paralisa o encanto da experiência.

Este desencanto comemorado pelas leis de mercado nos aprisiona num ciclo de consumismo desenfreado, o qual nos afunda cada vez mais num individualismo marcado pela dúvida e pela insegurança.

É dos restos de um eu solitário que podemos habitar os interstícios do que nos isola e

nos faz lutar. Sofrimentos e necessidades apressadas que desperdiçam a dobra do possível.

Nas cidades pensadas como territórios de combate, todo o possível é convocado. Nas narrativas urbanas, podemos extrair outros sentidos de existência, em histórias anônimas e inacabadas.

Aqui nos perguntamos como é possível desenvolver esta espécie de arte da deambulação, de errância pelas ruas do Rio de Janeiro? O que nos leva a apostar num perder-se (com método) numa cidade plural que reinventa suas versões sobre o viver só. Podemos apostar numa solidão que nos energiza perante as aflições do mundo? Este espaço metodológico pode inventar passagens do medo ao encanto produzindo outras formas de lidar com o ritmo citadino?

Cores, odores e vozes e afetos vão compondo a nossa escrita a partir do que experimentamos na cidade do Rio de Janeiro. Ao narrar as impressões resultantes do nosso caminhar pelas ruas cariocas, sentimos a força da nossa aliança teórica. Nas transformações desta pesquisa, a solidão urbana permanece e as experiências urbanas denotam a potência da nossa escrita. Mesmo sem saber quando elas iriam se apresentar e como suas linhas se organizariam, sentimos o seu crescimento. Assim apostamos.

Pensamos que a solidão pode ser vista para além do seu estatuto negativo. Vivemos ansiedades que se fortaleceram não só em seu aspecto paralisante, como também em atos para além da passividade, ampliando a análise da solidão, pensando-a por vieses que também considerem as características ímpares sobre o viver na cidade nos dias de hoje. Apostamos que o nosso fôlego poderia ser renovado na medida em que déssemos atenção a narrativas que falassem da cidade que vive em meio aos desassossegos e aflições. Valeu à pena sair à cata de versos na cidade que possam verter outras histórias. Estas indagações nos fizeram avançar um pouco mais no estudo das cidades, tentando fazer dos pedaços de existências anônimas a presença outra de afetos.

Neste estudo, nos encontramos com textos literários que estão antes do lado do inacabamento, quero dizer, onde o escrever está sempre em via de fazer-se. Assim se montou o estudo da alienação e do isolamento do indivíduo nas grandes cidades. Alguns deles extrapolam os limites entre as disciplinas acadêmicas, convocando-nos a pensar as questões sociais, estéticas e políticas do nosso tempo. Movidos por um pensamento inventivo, o qual

monta tocaias, buscamos outra forma de ver o que acontece na cidade. Assim, montamos nossos textos no tênue tecido da vida cidadina.

Percorremos algumas imagens do mundo antigo, onde deparamos com certa incapacidade de reconhecer o que faz sentido para o nosso estudo da solidão urbana, longe dos holofotes do “eu”. Algumas tendências foram percebidas como o advento da modernidade, o advento do individualismo e a sua relação com as transformações da subjetividade. Nas narrativas da solidão, almejamos compreender o que se experimenta como experiências cidadinas. Vale dizer, sobre a trama composta por Romantismo, Liberalismo e Capitalismo. Cada um destes elementos pode ser tratado em suas características próprias, enquanto temas ricos e inesgotáveis para se pensar a modernidade e a cidade.

Narrativas de solidão inventada e necessária, com suas variações e começos, mostrando várias faces: fechadas e porosas, desassossegante e encantadora, asfixiante e vigorosa. Na nossa errância pelas ruas do Rio de Janeiro, montamos nossa escrita na efervescência de narrativas descontínuas frente às agruras da vida. Como os vencidos e os infames da cidade moderna, nossa escrita vai inventando ruínas do concreto. Nossos passos incansáveis pela cidade abrem fendas, montam caminhos de leitura da solidão urbana.

No lugar da ordem, a desordem das nossas certezas. No lugar da evitação, o enfrentamento dos nossos incômodos. No lugar do isolamento e da passividade, uma solidão necessária para inventarmos o nosso presente. O nosso estudo da urbe moderna se apresenta nesses termos.

2.2 – Formas de solidão

Cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta etc.: essa dinâmica ilimitada da memória é a da constituição do relato, com cada texto chamando e suscitando outros textos.

Jeanne-Marie Gagnebin

A solidão na Antiguidade tinha uma conotação de exílio. Forma extrema de isolar o indivíduo do seu meio e da convivência com os seus semelhantes. A solidão se confunde com

determinações espaciais: desertos, ilhas distantes, lugares perdidos. Para o grego, um dos piores castigos era ser posto para fora da pólis. Já para os hebreus, a solidão não assume este sentido de punição. O deserto passa a ser o sentido central da sua solidão. O cristianismo, por sua vez, nos fez pensar, como se pode ver em Santo Agostinho, que não aprovava o ser solitário, pois “o homem nasce igual em Deus pela união amorosa”. Isolamentos, riscos, temores encobrindo espaços da desordem, da angústia e do desejo. Atravessar a solidão numa atmosfera de intimidade e reflexão individual. Vale dizer que não é da “origem” da solidão que queremos tratar, mas antes de sua invenção. Talvez esse pensamento nos ajude a entender como a solidão contribuiu para a formação desta subjetividade assim chamada intimidade. Pensar esta esfera da subjetividade na narrativa de outras histórias sobre a nossa sociedade individualizada. Esta pode ser uma semente do eu moderno? Nas linhas do Bernardo Tanis (2003), repousa a visão de que as sementes do eu moderno foram plantadas no Renascimento e floresceram durante a Modernidade.

O desenvolvimento de certa cultura da individualidade parece ter ocorrido em meio às transformações da modernidade, desde o Renascimento. Mudanças na organização social, política e econômica e no território das ideias forjaram o surgimento da noção de indivíduo. O cultivo do eu em oposição ao nós, a intimidade e os relatos sobre si mesmo constituem um processo histórico que se intensificou a partir do Renascimento. Vai se construindo um longo processo de subjetivação. O eu passa a ocupar um lugar de destaque e a solidão, esta complexa mistura de estado e sentimento, adquire novas formas e significados.

No final da Idade Média, existia um indivíduo preso em solidariedades coletivas, feudais e comunitárias. Um indivíduo vinculado a um mundo que não era público nem privado, no sentido moderno. A formação dos feudos contribuiu para a formação de uma longínqua população anônima. O trabalho, a família e o lazer tornaram-se atividades separadas em divisões vedadas. O novo papel do Estado a partir do século XV, o desenvolvimento da alfabetização e da leitura e as reformas religiosas foram determinantes para o início destas transformações.

Deve-se sublinhar que, para Tanis (2003), no final do século XVIII, o Estado e o processo de privatização; a alfabetização e a leitura silenciosa geradora de reflexões solitárias e as reformas religiosas, incentivando uma relação direta, individual com o texto bíblico e com

Deus como exercícios de liberdade, foram ideias emergentes que ganharam muita força. Neste período, o estar só, antes da conotação de desamparo, vinculava-se a certo exercício de liberdade do indivíduo e na formação de uma sociedade individualista. O curioso (porque psicologizamos liberdade, solidão, como sentimentos privados) é que o exercício de liberdade inaugurado com o liberalismo oitocentista não foi movido por vontade psicológica, mas por leis de mercado. Assim, progressivamente criam-se as condições da emergência do indivíduo moderno. De que maneira essas condições de emergência do indivíduo estão vinculadas à solidão na cidade moderna? Se a modernidade é autocentrada no indivíduo, como viver junto nas cidades modernas? Se a individualidade é a categoria central no projeto de modernidade, por que a solidão urbana é tão dramatizada e os solitários são tão autorreferentes? Vale dizer que o projeto da modernidade inoculou a qualidade de indivíduo como condição primordial e medida de todas as coisas. Este indivíduo já não é mais aquele das sociedades tradicionais, mas uma unidade isolada vinculada aos outros por sistemas contratuais.

Nosso estudo se volta para certa (re)invenção da experiência de solidão no contemporâneo. Neste sentido, queremos manter nosso foco a partir do século XIX. Este período é marcado pelo fracasso do individualismo liberal, estampado no processo de desumanização provocado pelo sistema econômico. Este mesmo liberalismo é retomado pelo Romantismo onde o objetivo das relações interpessoais configura uma base na busca de um conhecimento. Esta busca, para Simmel (1987), faz com que o outro exista enquanto visão da sua própria singularidade e da individualidade do próprio mundo. Para ele, a reivindicação do indivíduo pela sua autonomia e individualidade em função das opressoras forças externas tornou-se um grande problema para a vida moderna. Esta necessidade de preservar a sua autonomia traz para a vida moderna um indivíduo incomparável ao outro e cada um deles altamente indispensável. A partir do século XVIII, aumenta a demanda pela especialização funcional do homem e seu trabalho. O curioso é que isso também torna o indivíduo mais dependente de forma direta das atividades suplementares de todos os outros. “A pessoa resiste a ser nivelada e uniformizada por um mecanismo sócio-tecnológico. Uma investigação que penetre no significado íntimo da vida especificamente moderna e seus produtos [...] deve responder à pergunta de como a personalidade se acomoda nos ajustamentos às forças externas” (SIMMEL, 1987:12). Aqui, podemos acompanhar suas reflexões sobre as condições

psicológicas, criadas pelo mundo, e que se apresenta na metrópole. Seu raciocínio nos mostra um “caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana” (Idem). Assim, comparece um estilo de época chamado Romantismo.

2.3 – Uma leve brisa romântica

Podemos pensar que existe uma relação dos movimentos românticos com o pensamento liberal e com o seu individualismo correspondente. Tanto o iluminismo no século XVIII quanto o romantismo no século XIX, atesta Luís Cláudio Mendonça Figueiredo (1992), corresponderam a movimentos de exteriorização das experiências privatizadas. No século XIX, o pensamento liberal recorreu ao ideário romântico. Iluminismo e romantismo estão presentes nesta forma de pensar

Uma maneira de ver a expansão do pensamento romântico é como crítica ao iluminismo, ao liberalismo e ao individualismo. A dimensão política do romantismo busca saídas para os impasses do individualismo. Nesta medida, eles também acabam criando uma noção de individualidade, ou melhor, de personalidade. Esta noção não era definida pela privacidade ou pelo isolamento, mas pela capacidade de se autodesenvolver, de criar. É a constituição de uma personalidade singularizada onde a máxima é a do ‘torne-se o que verdadeiramente se é’.

O romantismo apresenta em termos gerais uma nostalgia de uma época que já passou, assim como os seus ideais. Apresenta o pensamento de que o homem é dotado de níveis de profundidade por ele desconhecido, bem como crenças nas diferenças qualitativas entre eles. A partir deste ideário, surgem conceitos como espontaneidade, diversidade e interioridade rumo à valorização da individualidade.

Assim se compõe o cenário da segunda metade do século XIX. Um liberalismo romantizado com valores e procedimentos da privacidade que passam a se elevar como organizadores e juízes da vida pública. Com a criação de uma noção de individualidade, melhor dizendo, de personalidade, como podemos pensar a solidão vivida pelos românticos?

A solidão será vivida pelos românticos como experiência interior na busca de si mesmo ou como protesto pela incomunicabilidade do eu com o outro. Este estilo de época trouxe a fantasmagoria em forma de sonho de viver bem com o outro.

2.4 – Modos de subjetivação no contemporâneo

Um modo de abordar o estudo da modernidade é apresentado com o auxílio de Luis Cláudio Figueiredo (1992). Aqui, pensamos alguns aspectos deste período histórico coexistindo com a história da solidão. Neste momento, abordaremos apenas algumas questões disparadoras.

O homem contemporâneo vem passando por uma tênue transição que não se refere somente ao plano da consciência, mas ao plano do próprio processo de subjetivação. O pensamento hegemônico faz pensar assim: que vamos tomando consciência e evoluindo; que a história das práticas, dos acontecimentos, passa pela consciência. Luís Cláudio Figueiredo problematiza o modo de subjetivação contemporâneo, abordando o assim chamado ciclo de modernidade engendrado do século XV ao século XVIII. Diz a experiência subjetiva moderna como intensificação da vivência de intensidade e ruptura deste ciclo. Diferentes tentativas de ordenação que vão desaguar no assim chamado “sujeito moderno”. Este mesmo sujeito vive seu apogeu no final do século XIX, ao mesmo tempo em que começa a se deparar com a sua dissolvência. Começa a cair por terra a ilusão de que o homem estava no centro do mundo.

Originalmente, o liberalismo (John Locke, 1632-1704) sustentava a tese dos direitos naturais do indivíduo a serem defendidos e consagrados por um estado nascido de um contrato livremente firmado entre indivíduos autônomos para garantir seus interesses. O estado apenas regulava as relações entre os indivíduos. Era fundamental preservar os espaços de privacidade. Estas ideias políticas, para Figueiredo, criaram um terreno favorável para o pleno desenvolvimento de uma sociedade individualista. Assim, o Estado assume novas funções. A família deixa de ser o espaço de liberdade privada para se converter em uma “agência disciplinadora”. Logo, como afirmou Sennett (1978), a liberdade individual poderá com mais sucesso ser procurada no anonimato das cidades do que dentro de qualquer coletividade regida pelo princípio unitário.

O que parece interessar a Figueiredo é a reunião de elementos liberais e românticos. Pois foi justamente num modelo de individualidade oitocentista capaz de constituir-se de queixas de vazio e falta de sentido e de valores autênticos que algumas forças saíram vencedoras, canalizando tudo em favor de um regime capitalista que disciplinava o homem em detrimento

de Deus, o olhar interiorizado, a dessacralização da natureza, entre outras características que geraram os temas e valores que deram forma a uma assim chamada versão do Liberalismo.

Em pleno século XIX, o pensamento liberal, consoante Figueiredo, precisou recorrer ao ideário romântico para se fortalecer na sua luta contra os avanços do regime disciplinar (a este respeito, ver Foucault em *Vigiar e punir*, 1987). Figueiredo se propõe a investigar como se constitui este território onde iluminismo e romantismo se reúnem e se separam como peças inseparáveis de uma mesma confecção ideológica.

Figueiredo vai nos mostrar uma espécie de diagrama onde ele aborda um assim chamado espaço triangular com três polos, a saber: o liberalismo, o romantismo e a disciplina. Aqui vamos aproveitar a sua afirmação de que estes polos se atraem e se repelem. Estes dois movimentos geram tensão. Desta tensão persistente gera-se outro território ainda sem nome até o século XIX. É da natureza desse espaço que ele seja um espaço desconhecido. A dinâmica de coalizão e conflito sobrevive num certo anonimato. Para Figueiredo (1992), as abordagens psicológicas contemporâneas se estabelecerão neste território no final do século XIX e início do XX.

Impulsionados pela ideia de diagrama, vamos apresentar os eixos da nossa pesquisa. De início, ressaltamos a importância da teoria para nós. Assim vamos montando a nossa pesquisa, fazendo com a nossa aliança teórica uma composição inesperadamente necessária. Neste sentido, entendemos a tarefa de fazer pesquisa, pesquisando num manejo de conceitos como ferramentas. Um conceito não tem sentido se não faz funcionar o estudo proposto.

2.5 – Caixa de ferramentas

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas [...] É preciso que sirva, é preciso que funcione [...] encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate.

Foucault, 2006 [1979], p. 71

Nossa pesquisa anuncia um primeiro eixo temático onde abordamos a visão sobre a solidão da diferença. Queremos saber se a solidão pode nos acrescentar outras formas de pensar a subjetividade, investigando a relação da solidão na cidade com o estudo da

subjetividade.

Richard Sennett, dialogando com Foucault em *Sexualidad y Soledad* (1992), aborda seu projeto de pesquisar a história da solidão na sociedade moderna para estudar um tema vasto – o desenrolar da subjetividade na cultura moderna. Sennett aponta para três tipos de solidão existentes na sociedade: a solidão imposta pelo poder, referente ao isolamento social não buscado pelo indivíduo; a solidão do sonhador, o rebelde que contesta o poder e por isso provoca temor nos poderosos; e *la soledad de la diferencia*, que expressa a ideia de existir uma diferença entre estar só e sentir-se só, trazendo o sentimento de estar sozinho entre muitas pessoas. Pensamos que este estudo sennettiano nos aponta certas construções que foram inventadas e ganhando contornos ao longo da história, e que não constituem categorias essenciais do humano.

Assim, investigamos a história da solidão urbana a partir da observação dos aspectos cotidianos da vida, pesquisando como os cidadãos experimentam a sua solidão e se organizam no espaço urbano. Vale saber o que se produz com o estudo sennettiano sobre o que experimentamos perante o funcionamento do mundo. Muitas vezes, a solidão pode ser vista como ansiedade em seu aspecto paralisante, mas ela também parece provocar inquietações, indignações. Poderá tal indignação ser transformada em atos para além da passividade? A passagem do pensamento sobre a solidão nos auxilia a fazer a passagem para o pensamento sobre a vida. Faz-nos pensar que a estranheza, a complexidade e a diferença – e, por que não dizer, a solidão – sustentam uma certa resistência à dominação por um mundo que, em sua geografia urbana, apresenta promessas baseadas em valores morais responsáveis pela assim chamada sensação de exílio. São experiências tensas que nos tornam mais atentos ao mundo onde existe uma produção de mecanismos de capturas e constituições de sujeitos totalizados. Vale dizer sobre a importância desta atenção no nosso estudo das subjetividades. Além de estarmos com os outros e vivermos em sociedade, necessitamos estar sós. Uma certa generalização do sentimento de solidão oriunda de um psicologismo encara a solidão enquanto categoria ou afeto constitutivos do humano

De que maneira o conceito de eu variou nos últimos séculos? Queremos compreender como as circunstâncias no trabalho, na família e na política produziram um certo modo de se relacionar consigo e com os outros, fragmentado, o qual levou muitas pessoas a se sentirem

sozinhas consigo mesmas. Esta é uma experiência complexa na sociedade moderna. Uma das causas dessa discussão consiste nas ideias advindas do campo da sexualidade e da consciência de si. Esta reflexão produziu uma outra maneira de pensarmos a solidão. A relação do indivíduo com a sua sexualidade poderia ser vista como sinônimo de força e perigo. Desse ponto de vista, tais temores que expressam ideias sobre a relação entre a mente e o corpo falam do desejo. Temas que a medicina vitoriana não dominava. Suas atitudes estavam pautadas em fórmulas básicas do cristianismo sobre a relação entre discurso e dominação política. Esses problemas traçam um conjunto de caminhos que vão contribuindo para produzir os modos de subjetivação contemporâneo, com certos elementos de temor e de dúvidas que insistem em povoar a experiência da solidão na urbe de hoje.

Há na solidão da diferença uma relação direta entre solidão e sociabilidade. Se o indivíduo não sentir a potência do estar só consigo mesmo, não sentirá quando estiver com os outros. Pode a experiência de estar só ser tão problemática? Deveríamos compreender o ritmo entre a solidão da diferença e a sociabilidade. Para Sennett (2004), a sociedade burguesa ocidental abriu a grande possibilidade de se viver numa sociedade fragmentada.

Por mais trágica que possa parecer, a solidão é encarada por algumas pessoas como algo permanente, constitutivo de suas individualidades. Sentimentos difíceis de serem nomeados. Assim se configura nosso primeiro eixo.

Nosso segundo eixo temático nos traz um outro olhar sobre o viver nas ruas, apresentando as contribuições do pensamento de Walter Benjamin (1989) e de Michel Foucault (1979). Nos estudos benjaminianos sobre Charles Baudelaire, é possível perceber uma transição do pavoroso ao encantamento no estar nas ruas com as multidões. Segundo ele, “a imagem de Baudelaire se apresenta por si própria: a babel de enigmas da alegoria em um, a mania de segredamento do conspirador em outro” (Benjamin, 1989:15). Seu estudo nos faz olhar com outros olhos um dos maiores poetas franceses do século XIX. Esta produção literária sublinha as marcas que o contexto histórico imprime à produção literária. Benjamin examina a poética de Baudelaire e nos ajuda a investigar a vida urbana sem passar pelos lugares como uma sombra, olhando sem ver, mas penetrando o olhar nos espaços que exigem uma mudança no nosso olhar para que possam ser vistos. Um modo de funcionamento na cidade que não tem nada a ver com alienação ou distração. Ele nos faz pensar no que

realmente devemos prestar atenção na cidade. Para isso, talvez precisemos nos perder na nossa privacidade e no nosso individualismo para inventar outras formas de lidar com o ritmo da cidade.

Noções como eu, individualismo e solidão estão estreitamente vinculadas, promovendo o alargamento na valência polissêmica da noção de individualismo e na compreensão da solidão. Ao procurarmos dar visibilidade à questão da solidão urbana, nos aproximamos da genealogia foucaultiana do individualismo. Ficamos atentos às condições que moldam a constituição do presente repleto de imagens velozes e pasteurizadas.

Sua parede lateral estampa uma multiplicidade de informações, o observador é mais um que disputa espaço para buscar outra vida que não a dele. Outro ser que se mistura às mensagens espalmadas sobre o peito lateral. A curiosidade pulsava feito uma pomba na mão. Guardava no peito um convite na curva do labirinto que se desenhava entre os esbarrões. Num misto de fantasia e realidade, a manchete de jornal anunciava de forma fugidia o seu encontro que ali não passava de encontros de corpos esticados. Cada esbarrão anunciava que o único roteiro era o corpo a rasgar o bom comportamento de uma sociedade cada vez mais domesticada. Os textos eram em carne viva como os corpos em disputa.

A cidade como um texto, atesta Roland Barthes, “é feita de escritas múltiplas saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação” (1987:53). Manchetes e corpos que tanto esmagam quanto decompõem, tanto amedrontam quanto criam coragem para continuar. Cada um para o seu lado, cada um para o seu caminho. Uma banca de jornal, em plena cidade, na companhia de um observador que quer o instante fugidio num mundo de simulações. A manchete chora e rabisca a violência no papel. Acha no alfabeto a letra da subjetividade. Os corpos apenas prenunciam uma identidade completa, sem subterfúgios e apenas miserável na aparência. As manchetes anunciam o grito de desespero por uma incapacidade nacional que quer ficar visível com o tempo. A ausência de futuro verticaliza o presente da violência a qualquer preço. O observador engole a seco, pois sabe que escrever é ler o que a mão inspira. Os dedos apontam o laço mortal de quem ousa invadir o pensamento alheio. Desde esse arrebatamento inicial, já não se sabe quem observa quem. Cabe ao observador sobreviver, mesmo que embaraçado, na areia movediça das imagens pasteurizadas das manchetes de jornal que confrontam o humano em constante deslocamento.

Entre cada piscar de olhos, o observador se deixa contaminar por narrativas outras. Por meio dessa comunicação, ele carrega a expectativa de se interessar pelos fatos da cidade e do mundo.

Com efeito, defendemos uma ligação entre Sennett, Benjamin e Baudelaire. A linha que deseja ligá-los temporariamente nesta pesquisa entende que o processo de desnaturalização da solidão se faz presente com uma intensa observação de aspectos cotidianos onde o que nos paralisa e o que nos desassossega coexistem. Sennett e Benjamin nos fazem crer que o que experimentamos diante do mundo nos faz penetrar com extrema atenção numa solidão onde o isolamento nem sempre tem a ver com sofrimento. Sennett nos traz a ideia de uma solidão da diferença. Benjamin, revendo a lírica Baudelariana, nos faz deambular do pavoroso ao encantamento. Este movimento pendular traz a intenção de um perder-se com método, de um olhar à espreita do que acontece na cidade que salta aos nossos olhos. Assim, Sennett e Benjamin nos auxiliam a inventar outros ritmos na cidade, onde a solidão também fala de uma cidade fragmentada que em suas narrativas compõem modos de subjetivação.

Em seguida a essas imagens, avançamos mais um pouco acessando as narrativas de instantes fugidios em constante deslocamento. Histórias outras, vidas feitas de corpos e gestos ditos e escritos numa relação de poder onde Michel Foucault nos lembra que:

Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que não sobrevivem senão do choque com um poder que mais não quis que aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vida que a nós não tornam a não ser pelo efeito de múltiplos acasos (FOUCAULT, 1992, p. 102).

Nesses termos, vemos o que Foucault (2004) descreve como “ontologia de existências”. Sua escritura nos faz buscar o invisível na cidade. Invisível como numa simples caminhada no silêncio da cidade, mesmo que algo insista em interferir no nosso deslocamento.

Tomando como base a ética grega, Foucault desenvolveu o conceito de “estética existencial”. “Estética” porque remete a um conjunto aberto e variável de técnicas de construção e criação. Cabe ao indivíduo produzir e gerenciar a própria vida, exercendo sua maioria intelectual sem recorrer a dogmas e “autoridades”. “Existencial” porque o indivíduo se constitui, como ser livre que é, na experiência. Vale dizer que não podemos ignorar o tecido social, no qual estamos inseridos, mas aprender a vê-lo como histórico,

singular e contingente. Foucault nos aconselha a insistir mais nas práticas de liberdade do que nas práticas de liberação. A primeira pode nos remeter a ideia de uma essência humana aprisionada. Já a segunda é necessária para que o indivíduo e/ou a sociedade possam definir para eles mesmos formas aceitáveis e satisfatórias da sua existência ou da sociedade política.

Foucault nos trouxe uma política da ética onde não existe só um eu. Sua noção de invisibilidade nos empurra para algo que possa acontecer. Nesta urdidura foucaultiana, sentimo-nos convocados para a tocaia dos instantes fugidios na cidade.

É noite e já passa de uma hora da manhã. O observador resolve ir à cata de versos, de palavras. Ele está escrevendo sobre a cidade, ou melhor: sobre a solidão urbana. Sair pela cidade ao encontro de acontecimentos que nos incomodem e que desloquem o nosso olhar. Esta tarefa parece não funcionar para o observador. Ele pensa que não basta sair às ruas para que as palavras venham. Isto não acontece todo dia, assim como não depende exclusivamente da nossa vontade. Os acontecimentos parecem estar invisíveis. Deve-se sublinhar que a questão da visibilidade em Michel Foucault nos traz outros modos de pensar os acontecimentos na cidade. Nesses termos, a cidade pode ser lida como um texto em toda a sua complexidade. Em outras palavras, é o invisível que nos convoca para o que acontece na urbe como produtor de diferentes compreensões da constituição do presente. De um modo ou de outro, este modo de pensar parece conectar-se às coisas simples, ínfimas, no aparentemente desprezível. Uma das dificuldades está no fato de que o mundo atual está repleto de distração. Imagens velozes e voláteis. Desacostumamos em ficar atentos, perdemos o jeito para desenvolver pensamentos críticos sobre o que acontece na cidade. Mesmo assim, o observador segue seus passos firmes e cadenciados, tentando sintonizar o seu ritmo com o ritmo da cidade. Por alguns momentos, ele deixa de se preocupar com a falta de versos para a sua pesquisa e se deixa levar pelo fluxo citadino. Ele anda pelo calçadão de uma praia da zona sul. Mesmo de madrugada, é possível ver várias pessoas praticando esportes, casais passeando e namorando. Nada acontece que possa despertar a vontade de escrever. Ele segue em direção a uma rua cheia de barzinhos badalados. Anima-se com a possibilidade de surgirem surpresas que potencializem a sua escrita. Agora o ritmo é outro. Muitas vozes barulhentas misturadas às músicas em alto volume exigem esforço, empenho das pessoas para se ouvirem e se

entenderem. Vários trechos das conversas são descartáveis como as imagens na cidade. Grandes televisões de plasma exibem videocliques recheados de sensualidade e erotismo nos quais o único roteiro é o corpo como mercadoria. A madrugada avança e com ela o cansaço do observador se mistura à sensação de escassez de acontecimentos produtivos para a escrita. De repente, seus olhos se encontram com os olhos de uma elegante senhora sentada numa mesa de um bar, acompanhada de um homem aparentando ter aproximadamente a sua idade e outro casal. Dois casais idosos. Uma imagem que destoava num lugar que só costuma receber adolescentes e adultos jovens. Este fato por si só despertou o interesse do espectador, pois ele trazia espanto e multiplicidade à vida da cidade. Naquele momento, o espírito jovem e eterno se diluía.

A cidade jovem e sólida desmancha sua imunidade ao velho. A urbe moderna parece indiferente à proximidade com as experiências de outros mundos. O mais curioso é que o observador pensa conhecer a elegante senhora e fixa seu olhar. Antes que esboçasse um sorriso de contentamento, é atravessado pelo desvio do olhar dela. Aquela reação o desterritorializa. A troca de olhar é rápida e recheada de tensão. Desajeitadamente, o observador, movido pelo constrangimento, tenta escapar à situação.

Alguns passos em silêncio e o observador parece perplexo diante da recusa. Ele não sabe o que fazer. A reação da senhora não oferece nada que denote tranquilidade ou segurança. Receber de alguém conhecido um gesto de indiferença, fora do que ele entendia como encontro de pessoas conhecidas, dissolve as suas cômodas suposições, promovendo um desconfortável vazio. O momento parecia anunciar a derrota do seu projeto de escrever sobre a cidade. O desvio do olhar diminuiu a desigualdade entre os estranhos. O desassossego do observador trouxe a possibilidade de sair de si. Por alguns instantes, acreditou-se num observador imparcial que, após a troca de olhares, fracassou.

Semelhante às escritas iluminadas pelas sólidas suposições da razão. Esta solidez nos paralisa frente aos antagonismos e aos processos de mudança na cidade. Este excesso de razão nos impede de ver tudo diretamente, nos menores detalhes. Tal rigor de uma linguagem abstrata da academia nos faz descuidar das coisas ínfimas e nos afasta do envolvimento emocional com os acontecimentos citadinos. O desvio daquele olhar abrigava uma visibilidade incomum e trazia fragmentos ricos em narrativas outras sobre o viver nas cidades. Aquela

expressão indizível aos poucos se intensifica num desassossegado vazio que paulatinamente narra a indiferença na cidade.

Uma indiferença árida, sem comunicação a endereçar. Esse soslaio sem versão desorganiza-o, convocando-o a participar da cidade sem harmonia. Para o observador, esse encontro estilhaçou qualquer tentativa de uma escrita clara, simples e sem desvios. Esta experiência retirou-o de uma escrita geométrica, estável e com contornos. Outro desenho para além dos limites reconhecíveis. Aberturas que transformam o observador em estrangeiro de si e implode diálogos de egos com faces demarcadas. O desconcerto dos dois multiplicou o mundo de coletivos movediços. O episódio do bar deixou-os incertos, todavia potentes para a luta.

As incertezas não foram criadas por nenhum dos dois. Parecem ser produzidas por uma totalidade provisória oriunda de diferentes vibrações nas linhas dos acontecimentos. A cena do olhar que se desencontra traz um conglomerado de frações de vida abafadas pelo bojo do inabalável. São os temores e as incertezas urbanas, produzidas em laboratório, como a cerveja do bar, desatando olhares dissipadores de prévias suposições que parecem estar invisíveis ao pensamento apressado em extrair cômodas suposições.

A invisibilidade em Foucault é o mundo que nos dá a possibilidade de exercermos a assim chamada miopia foucaultiana. Foucault ia até o fundo, até os últimos detalhes de aproximação de um estudo para depois desviar e passar para outro. Este era um olhar na espreita de acontecimentos nas cidades invisíveis para pensar a produção de subjetividades.

A força da presença de Ítalo Calvino neste estudo é devido ao seu modo de narrar histórias que circundam elementos do mundo moderno e suas imagens que ganham cor conforme os olhos do pesquisador. Realidade e ficção se fundem em narrativas que expressam cidades possíveis. Calvino nos faz acreditar no diálogo com as cidades invisíveis dentro da cidade e crer na ordenação de uma subjetividade política na dimensão do que nunca acaba. Para ele, a cidade é o lugar onde todo o possível é convocado e onde se pode extrair conclusões plurais. Calvino expressa: “Quem dera fosse possível uma obra concebida fora do self, uma obra que nos permitisse sair de uma perspectiva limitada de um eu individual, não só para entrar em outros eus semelhantes ao nosso, mas para fazer falar o que não tem palavras...”. (p. 120) Quebrar a cidade em sua superfície. Em *Seis propostas para o milênio*

(1990), Calvino retrata a tensão entre os traçados geométricos (o cristal) e as existências humanas (a chama). Ele diz que as cidades contam as suas histórias nas grades, nos ângulos das esquinas e nos muros descascados. Ela tem marcas e cabe a nossa pesquisa fazer a devida leitura que siga a contramão do que nos desvitaliza. Nossa escrita se apresenta num plano de imanência com a aflição de viver nas cidades. Podemos estar sozinhos vivendo a multiplicidade de alteridades. Para isso, precisamos percorrer seus percursos múltiplos em busca de outros modos de pensar a realidade urbana. Esta busca desenha outras grafias da cidade e produz um modo sensível de vê-la. Isto equivale a viajarmos por territórios já esgotados até o limite da saturação do possível, combinando outros deslocamentos e montagens infinitas. Calvino propõe que retiremos os olhos da página escrita para uma outra forma de olhar, aventurando-nos neste outro imenso mundo que não se pode controlar. Mas não é apenas olhando ao redor que montaremos a nossa escrita. Movidos por um outro olhar, desenvolvemos um caminhar que testemunhe o encontro com o que a literatura nos faz pensar sobre o que acontece nas cidades de hoje.

3 – CAPÍTULO 2: CIDADE E SUBJETIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA

Os cafés são verdadeiros laboratórios desse grande processo de interpenetração. Neles, a vida não tem tempo de se estabelecer para se estagnar.

Walter Benjamin

3.1 – Interpenetrações

Para Walter Benjamin, as interpenetrações caracterizam a cidade de Nápoles. Ele descreve esta cidade com estreitas passagens que se exibem de modo repartido, poroso e entremeando nuances entre o dia e a noite, o ruído e o silêncio, a luz e a escuridão, o lar e a rua. As pequenas proporções dos cafés napolitanos onde os assentos são usados por poucos momentos. Gestos rápidos, pedidos relâmpagos. A arte da mímica é exercida em sua plenitude. Aos olhos distraídos, conversas incompreensíveis. Corpos desmembrados meticulosamente em sinais por dedos, olhos, gargantas, ombros, num erotismo singular de leituras porvir. Esta é a Nápoles benjaminiana que abre as primeiras linhas da nossa escrita.

Aproveitamos algumas pistas benjaminianas para pensar o que seria ler cidades. Em cada tentativa de leitura, uma encruzilhada que reflete suas versões como textos de múltipla

autoria. É neste território citadino tenso, árido, conflitual, mas ainda assim insubstituível que vamos da cidadela à cidade em busca de outras pólis, de fragmentos urbanos que nos permitam compreender o sentido das cidades.

Quando ouvimos ou vemos alguém falar ou escrever sobre a importância da leitura de uma maneira geral, costumamos pensar no ato de ler um livro, um artigo ou outro texto qualquer. Ao propormos atenção aos instantes na cidade, como foi referido no título, não estamos falando de algo usual. Precisamos mostrar nosso objetivo com esse tipo de leitura. Uma maneira de tornar claro nosso intento é buscar encontros com os acontecimentos urbanos. Esses encontros tão bem ressaltados por Benjamin nos cafés napolitanos podem acontecer até mesmo numa esquina estreita e escura. As ruas podem ser grandes aliadas para montarmos as espreitas necessárias no intuito de ler a cidade. Esta leitura, que pode ser montada em qualquer outro lugar, se completa nas ruas que se ramificam em diversas direções. Ruas que exigem um descentramento do olhar que insiste numa perspectiva única. Ruas que, em suas pluralidades de entradas, enfatizam começos de textualidades que podem ser lidas em muitos sentidos. Escrever e ler uma outra sintaxe da cidade. Tentar vê-la como uma multiplicidade de textos e buscar ferramentas teóricas que nos ajudem a lê-los em toda a sua força que, por hora, vemos com mais intensidade nas ruas, tendo como inspiração os importantes relatos sobre Nápoles descritos por Benjamin.

O autor nos fala de uma cidade diferente dos roteiros turísticos. A Nápoles de Benjamin é uma cidade porosa, de entrelaçamentos de eventos que não são desprovidos de conflitos.

Queremos prestar atenção ao inacabamento das coisas. Esta inconclusão talvez nos faça ver o não visto, ouvir o não ouvido e pensar o impensável. Este esforço esboça o nosso entendimento dos modos de funcionamento do citadino frente às agruras do dia a dia na cidade. Também materializa certa compreensão da organização de um espaço urbano em constante reconfiguração. Territórios onde se entrelaçam fragmentos de histórias inacabadas, trazendo outras vidas e outras histórias a serem contadas

Então o que queremos dizer com a leitura da cidade? De tantas coisas que podem ser lidas, por que a cidade? Cada passo dado por nós no estudo das cidades acende a chama de um pensamento crítico no estudo das subjetividades. Novos registros de um devir cidade. Sutilezas, porosidades, onde se evita talhar o eterno, pois as ruas trazem estímulos

inesgotáveis, mesmo que repartidos ou entremeados. Ver cidades onde há cidadelas. Essa escrita quer encontrar fendas nas histórias das cidades ao mesmo tempo em que observa as armadilhas que cristalizam o nosso olhar. Um olhar atento pode captar fragmentos de primeiros impulsos, trechos de histórias mal ouvidas ou mal contadas numa cidade movida pelo encanto da primeira vez, do primeiro encontro. Se pensarmos já saber tudo sobre cidades, nos fecharemos para o diálogo com o que não tem voz, não tem nome e nem forma pronta ou definida. Em vez do olhar do turista que só dialoga com a cidade cartão-postal, buscaremos no discurso da cidade reflexões sobre a vida que flui em seu anonimato.

Somos guiados por ideias transdisciplinares que vão da literatura à filosofia como modos de pensar. Ideias para além de uma leitura psicológica a convocar outros modos de entender os acontecimentos com mudanças na atitude de escrever, na forma de apostar nas singularidades e na luta atenta aos aprisionamentos. Este esforço de atenção e concentração do pensamento quer resistir às distrações de um mundo repleto de imagens velozes e fugazes.

As cidades apresentam um grande crescimento a partir do século XVIII e passam por grandes reformas e novos projetos urbanísticos no século XIX. Os motivos do crescimento são inúmeros e complexos: expansão da economia capitalista, deslocamento de imigrantes pobres para as cidades e diminuição da taxa de mortalidade em função do crescimento dos nascimentos. Surge um novo tipo de indivíduo, o urbano. E com ele outra subjetividade em torno desta expansão, num outro desenho de um mesmo mapa capital.

3.2 – Travessia por promessas do capitalismo

A cultura do consumo inoculou, na arquitetura urbana, ideias a partir dos quais o nascimento do capitalismo industrial se consuma em progresso, velocidade, liberdade de ir e vir. Valores modernos carimbados no individualismo como anseio maior. Sennett nos mostra como o espaço urbano nas cidades foi pensado para fazer com que “corpos individuais que transitam pela cidade se tornariam gradualmente desligados dos lugares que se movem e das pessoas com quem convivem nesses espaços” (Sennett, 1997:264). Podemos pensar numa lógica implícita no desejo de se promover a ordem pública onde se desestimulava os movimentos de grupo organizados e se impulsionava o silêncio e a solidão dos cidadãos. A evitação do coletivo era contrabalançada pela proteção contra a presença de “estranhos”

investindo em melhorias nos meios de locomoção, no conforto privado, na saúde pública e no planejamento das ruas (Sennett, 1997:299). Assim se produziam outros espaços de tensão.

Os cheiros se misturam, os movimentos se resumem aos dos olhares de soslaio, o único gesto presente é o dos dedos em direção ao botão e o único ruído é o da máquina que não se cansa de nos levar para cima e para baixo. Pessoas se esbarram, procurando o seu lugar de conveniência. Os olhos acompanham o letreiro que anuncia os destinos da vida na cidade. Estamos no elevador de um prédio comercial em pleno centro da cidade. Um homem baixo apresenta uma respiração tensa. Fala ao celular e parece não se entender com quem está do outro lado da linha. Seu desconforto contagia as outras pessoas que estão ao seu lado.

Deve-se sublinhar que Benjamin, nos seus estudos sobre Charles Baudelaire, afirma que o conforto isola, impede as nossas correspondências, elimina certas formas de comportamentos e emoções. Por outro lado, ele aproxima da mecanização... (1989:124). Nesses termos, mesmo sem querer, participamos da sua conversa tensa. Um jovem mais próximo da porta exibe com mais intensidade o seu incômodo com o homem baixo que berra ao telefone. Esta tecnologia derrama a sua intimidade. A sineta do quarto andar toca. É hora de alguém descer. O jovem sai do elevador para dar passagem. Após o desembarque, a porta vai se fechando e o jovem usa o seu braço para não perder a viagem. Ninguém o ajuda e ele machuca o braço. De volta para a máquina de carregar gente, o observador, mobilizado com a dor do rapaz, tenta expressar palavras de solidariedade. O rapaz suspira agradecido. Apesar de não conhecê-lo, o observador tem a sensação de visualizar algo familiar. Aquela cena exibe algo de confuso e lhe desperta o interesse. Seu gesto de desespero contrasta com o ritmo tenso das outras pessoas. No prédio construído para abrigar tempos ritmizados, os movimentos do jovem vão aos poucos adquirindo uma sutil visibilidade. Alguns passageiros já não escondem o constrangimento; outros, indiferentes ao incidente, mantêm-se absortos em seus pensamentos. O solitário rapagão musculoso exibe sinais de fragilidade. As marcas roxas exibidas em seu braço parecem retirar, vagarosamente, as outras pessoas do seu torpor. Segundo Richard Sennett, a transferência geográfica de pessoas para espaços fragmentados produz efeito muito mais devastador, enfraquecendo os sentidos e tornando o corpo ainda mais passivo (2008, p. 17). Exibindo força e vitalidade, o jovem prossegue o seu objetivo. Na esterilidade daquele lugar, a mancha roxa no seu braço simula inusitados e provisórios

paradoxos. Cheiros que se fundem, movimentos que se entrelaçam, olhares que se cruzam. Continua Sennett (2008), dizendo que “navegar pela geografia da sociedade moderna requer muito pouco esforço físico e, por isso, quase nenhuma vinculação com o que está ao redor” (p. 18). Neste sentido, pensamos que o empobrecimento dos vínculos também se apresenta em locais que já não percebemos, de tanto que se incorporou a cena urbana em seus excessos de imagens numa trama repleta de mercadorias.

Num capitalismo em rede, que valoriza as conexões e exorciza a solidão, produz-se um peso exagerado de angústias, a do desligamento das redes da vida. Para termos acesso a essa rede, somos forçados a pagar pedágios comerciais inacessíveis para muitos. A partir dessa digressão, perguntamos: como viver juntos? Aqui, pensamos numa solidão como alternativa para nos salvar das opressões na cidade. Fascinados por esse escape solitário, pensamos o quanto pode ser necessário ser estrangeiro, anônimo.

O apogeu do capitalismo foi retratado por Benjamin através da Paris do século XIX. Ele encontra as ruas de Paris na obra de Baudelaire: multidão, *flâneur*, prostituta, jogador, colecionador. Com tais figurações, esta cidade é apresentada alegoricamente pelo poeta. Benjamin retrata as galerias metropolitanas ou passagens parisienses com o seu surgimento marcado pelo advento do ferro e do vidro. As passagens também têm sua origem ligada ao avanço do processo econômico, visto que as mercadorias produzidas pela crescente industrialização necessitavam de um lugar para serem exibidas. As passagens cumpriam muito bem tal tarefa.

A maioria das passagens de Paris surge nos quinze anos após 1822. A primeira condição para o seu aparecimento é a conjuntura favorável do comércio têxtil. (...) A segunda condição para o surgimento das passagens advém dos primórdios das construções de ferro (BENJAMIN, 2006:39-40).

Na mesma caldeira que forja o ferro e no mesmo calor que se molda o vidro buscamos as nossas alianças teóricas.

3.3 – Assim caminham as subjetividades

Não foi só nas ruas que montamos o nosso caminhar. Nós também inventamos arranjos na clínica. A clínica que nos referimos é a do acolhimento, sem esperar nada em troca.

Estamos falando de uma mudança de perspectiva, de olhar a solidão urbana. O que é olhar o outro enquanto ser que habita o mundo? Ao escutar as pessoas no consultório falando sobre a solidão, o que muda na minha escuta e como produzimos outros sentidos para além da causa e efeito? Quando a gente olha para a nossa afinação afetiva com a nossa solidão, já estamos nela. Neste momento, somos tocados pelo desabrigo da experiência de solidão e percebemos que trabalhamos com experiências de solidão e não com a consciência ou a inconsciência dela.

Aquilo que chamamos de subjetividade não é senão parte do tecido relacional, da trama social, nos quais todos nós estamos inseridos. Pensamos a subjetividade à margem dos pressupostos, às quais a psicologia, sob diferentes formas, continua atrelada. Aqui nos referimos à psicologia como uma das modalidades dominantes de pensar e encarnar a subjetividade, ou seja, como uma abordagem que acaba mantendo velhos dualismos como natureza/sociedade e sujeito/objeto. Por isso, desenhamos uma subjetividade em movimento e continuamente produzida. Desse modo, Gilles Deleuze (1991), perante a noção de sujeito essencializado, constituído de uma identidade privada, auxilia-nos a pensar formas de subjetividades múltiplas, heterogêneas. Deve-se sublinhar que Michel Foucault, em sua *História da sexualidade*, concebe os processos de subjetivação como ensaio, como processo ético e estético que busca produzir modos de subjetivação incomuns. Estes modos de subjetivação também estão presentes na urbe.

O espaço urbano tem a marca da sua historicidade. Tem como um dos seus testemunhos a linguagem poética. O que é visto como resto, como lixo, é o que é. Afirmá-lo é não lamentar a sua decadência. Assumir as agruras de se viver numa cidade como o Rio de Janeiro é fazer dela poesia. É ver o mundo com a marca de um descompasso que oscila da angústia ao erótico e sensual, da dor ao mistério, da contradição e do paradoxo. Vidas infames que semeiam a deformação de tudo que já pensamos saber sobre a solidão, sobre a cidade e sobre a vida. Assim, buscamos a argamassa necessária para a edificação do nosso estudo sobre a subjetividade.

3.4 – Fragmentos de modernidade para se pensar a “lírica baudelairiana”

Épocas ou sociedades do passado conceituaram a sua modernidade de formas distintas,

problematizando também de modo diferenciado o par antigo//moderno. Esta oposição desenvolveu-se num contexto ambíguo e complexo. O “antigo”, às vezes, pôde ser substituído por “tradicional” e o moderno, por “recente” ou “novo”, e ambos puderam ser acompanhados de conotações pejorativas ou de outra forma valorativa.

As sociedades modernas também podem ser definidas como sociedades de mudança constante, abrangente, rápida e permanente, nas quais as práticas sociais deixam de ser recorrentes e passam a ser constantemente examinadas e reformadas por um sistema de múltiplas variáveis independentes que altera constitutivamente seu caráter.

Pensar política e historicamente a modernidade significa enfrentar as condições de descentramento e de deslocamentos produzidos por uma realidade que não se desenvolve em torno de um único centro ou princípio organizador e/ou articulador de estabilidade e unificação, nem nas estruturas do cotidiano, na economia, no estado, na ciência, na moral e na arte. Ao contrário, as sociedades modernas são caracterizadas pela diversidade, fragmentação e pluralidade.

Feita esta proposição, recorreremos à ajuda da literatura e da filosofia, prenhes de personagens “solitários” presentes na experiência urbana da modernidade. A tendência geral observada nesta época evidencia um plano de fragmentação e dispersão social produtores de um crescente processo de individualização.

No início da nossa pesquisa, pensamos em realizar um estudo aprofundado do processo de individualização na história moderna, mas logo concluímos o quanto poderia ser pretensioso tal intento, mesmo presumindo que não devemos pensar em modernidade sem pensarmos na noção de indivíduo.

Lançando mão da literatura, podemos identificar a existência de personagens solitários laicos desde a Idade Média. Cavaleiros errantes, eremitas, foras da lei, duendes e ogros habitavam a floresta, lugar perigoso da solidão.

Na Renascença, surgem os quartos individuais e os estúdios de leitura. Surgem os lugares para se ficar só na arquitetura das residências. Em contrapartida, Montaigne traz a superação de uma localização espacial da solidão, ao propor que busquemos a posse de nós mesmos. Uma espécie de sequestro de si. A partir de então, a solidão pode ser gozada na cidade e até mesmo no meio da multidão. A solidão vai da ascese ao prazer e pressupõe

vontade e capacidade de recolhimento. Essas são as imagens da solidão na fronteira da era moderna. No entanto, ela é algo que ainda se vivencia por momentos. Ela já não mais precisa de espaços privados, mas de tempos determinados, subtraídos ao curso ininterrupto da existência.

No início da época moderna, em 1719, Daniel Defoe publicou *Robinson Crusóé*. Este herói passou a ser visto por muitos como o herói mítico da sociedade moderna. Ele trouxe uma imagem universal da experiência individualista, a solidão. É um personagem de ficção numa solidão involuntária, oriunda de um naufrágio. Só um século depois é que surge um personagem que tem o gosto de viver em completa solidão: em 1845, surge Henry Thoreau. Ele deixa sua cidade natal aos 27 anos e vai morar numa cabana isolada às margens do lago Walden, lá vivendo por dois anos.

Nossa experiência moderna de solidão não é tão voluntária. Robert Musil (1989), em *O homem sem qualidades*, nos traz um tipo de homem solitário mais próximo à experiência do homem moderno. Se nos apresenta uma intenção de descrever e de problematizar os elementos centrais da sociedade em geral que servem como paradigma para a sociedade moderna. O “homem sem qualidades” focaliza a constituição urbana do indivíduo, tendo como inspiração a vida intelectual da sociedade burguesa vienense na virada do século XIX, ou seja, a temática da constituição do mundo, da erosão e do colapso de um mundo envelhecido com suas formas de organização. Ele nos mostra o indivíduo “sem qualidades”, onde nada é permanente e tudo é precário e provisório. Assim permanecem abertas as possibilidades de ser em meio aos choques urbanos.

3.4.1 – Poética do choque

Não é em vão que Benjamin (1989) insiste em interrogar a poesia lírica de Baudelaire como fundamentada numa experiência do choque. Podemos pensar num plano agindo em sua composição. A experiência do choque na lírica baudelairiana parece dizer que Baudelaire pressentiu espaços vazios nos quais inseriu sua poesia. Quanto mais as impressões de choques se intensificavam, maior devia ser a presença do consciente para protegê-lo dos estímulos. Quanto maior o êxito com que ele opera, tanto menos essas impressões serão incorporadas à

experiência. A experiência do choque é uma das estruturas determinantes nos versos baudelairianos. Existe uma íntima relação entre ele e a imagem do choque e o contato com as massas urbanas. Para ele, as massas não dizem respeito às classes, nem a alguma forma de coletivo estruturado, mas a uma multidão amorfa de passantes, como, poderíamos dizer, num simples passeio pelo calçadão. A partir desta linha de pensamento, podemos, por meio das experiências urbanas, viver a experiência do choque?

3.4.2 – Passeio de tartaruga

Uma vez na praia, olhava ao redor circular e contínuo como uma tela pintada representando uma paisagem. Meus olhos emanavam as primeiras tentativas de se orientar perante quadros pintados por si mesmo. O impacto visual consistia de esboços que mimetizavam o primeiro plano plástico de imagens aceleradas de um dia ensolarado numa enseada da zona sul do Rio de Janeiro.

Assim se inaugurava o encontro com corredores, andarilhos, ciclistas e skatistas a disputar os espaços entre seus malabarismos exibicionistas de corpos esguios e suados por natureza a se vender no calçadão.

Era uma manhã de sábado que convocava a minha observação dos transeuntes como quem visita um desfile de moda. Nikes, Adidas, Vuarnets e Rolex fixavam as cenas fugidias. Cada observada à distância aumentava a inquietação.

Para Walter Benjamin, “as relações recíprocas dos seres humanos nas cidades se distinguem por uma notória preponderância da atividade visual sobre a auditiva” (1989:36). A condição de estar no meio da multidão, vendo sem ouvir, foi estudada por Georg Simmel (1979) como algo característico da sociologia da cidade grande. Seus escritos apontam para um acontecimento gerado pelo advento dos transportes coletivos, no século XIX. Até então, não era comum um grande número de pessoas passarem um grande tempo viajando juntas, sem se conhecerem, sem se falarem, sem se ouvirem. Esta nova condição, para Simmel, não é nada acolhedora. Para nós, este desconforto não só pode ser sentido em espaços exíguos de transportes coletivos como também num largo calçadão de uma praia.

A modernidade termina por causar um aumento radical na estimulação nervosa oriunda de um impacto corporal desagradável, no fim do século XIX. As sobrecargas sensoriais

começavam a fazer parte do cotidiano do cidadão. Nas grandes metrópoles se multiplicam e se intensificam os estímulos sensoriais de ordem tátil. Multidão, automóveis, publicidades, ruídos, perigos urbanos, encontros entrecortados constroem uma nova experiência do homem com a cidade.

Para designar o que nos incomoda nas ruas da cidade grande, antes de nos vermos como vítima, deixemos nos enganar numa espécie de oposição à postura acolhedora da natureza humana. Senão, nos privaremos de viver o espanto e o assombro para fraturar a imperiosa necessidade de resposta.

Qualquer pista seguida por nós, uma vez nas ruas, vai nos conduzir às cidades. Assim que decidimos ir à busca de aventura, indo atrás de palavras abandonadas ao vento, encontramos territórios férteis para nossa escrita. O curioso nessa empreitada de tocar e ser tocado é a exibição do que aparece no título deste texto. A imagem da tartaruga nos oferece a perspectiva de dialogar com as cidades na cidade onde o antigo e o moderno se debatem por vias pouco transitadas. Cidades atravessadas pelo andar de tartaruga de tal modo que nada percebemos: assim se presta, nos mínimos detalhes, a vida no Rio de Janeiro. Assim ensaiamos um diálogo com essas cidadinas. Por que antigo? Para Benjamin, “à literatura que se atinha aos aspectos inquietantes e ameaçadores da vida urbana estava reservado um grande futuro. Ela tem a ver com as massas na cidade grande” (1989, p. 38).

Comunicar-se com os detalhes, observá-los, simplesmente vê-los – é para nós o que existe de mais importante nesses momentos. O passeio de tartaruga parece dar ao tempo da nossa escrita algo de que não se pode prescindir se quisermos escrever sobre a cidade do Rio de Janeiro numa linguagem diferente daquela abstrata da academia. Queremos mostrar um Rio de pequenas invenções que povoam a sua cotidianidade. Os personagens desta cidade parecem querer se paralisar se não tiverem uma multidão ao seu redor. A deambulação, armada pelos dotados de fantasia, não é possível sem a tartaruga. Em sua descrição, não queremos buscar sua aparência imediata. Estão exageradas as semelhanças a que se sujeitam os que não se inserem nas massas. O seu cortejo está muito longe de ser uniforme. Ainda mais extraordinária é a forma da multidão movimentar-se.

A maioria parece gente satisfeita consigo mesma ou preocupada com a sua saúde. Seus movimentos pareciam movidos pela intenção de abrir caminho na multidão. Posturas

empoadas lançando olhares para todos os lados. A cada esbarrão, não se mostravam irritados; retornavam à postura soberba e seguiam apressados. Outros exibiam gestos desengonçados, cenos franzidos, intensa gesticulação e solilóquios, como se “sozinhos” no meio da multidão. Cada um possuído pelo seu afeto. Uns por alegria, outros por desconfiança e desespero. Quase todos expressavam um isolamento desesperado dos seres humanos em seus interesses privados dentro da visível uniformidade de suas roupas e de seus comportamentos.

3.5 – O que podemos extrair dessas imagens na cidade?

Os corredores, os andarilhos, os ciclistas e os skatistas esboçam cenas da vida moderna. Entre movimentos líquidos e suores fugidios, o esforço de manutenção da “indústria da saúde”. De repente, surge do nada uma mulher de passos lânguidos com uma caixa na mão. Dentro dela havia uma tartaruga. A intriga deste jogo de imagens na cidade interessa a quem escreve em suas variações intermediárias entre histórias que abrem caminho à observação. O encontro dos “atletas de fim de semana” com o passeio de tartaruga evidencia uma escrita solitária que combina diversos gêneros literários, nos quais Simmel, Benjamin e Edgar Allan Poe surgem como três dos seus maiores expoentes. Nesse assunto, Charles Baudelaire se põe por inteiro ao lado deles. Inspirado em Poe, diz: “Não está longe o tempo em que se entenderá que uma literatura que se recusa a progredir de mãos dadas com a ciência e com a filosofia é uma literatura assassina e suicida (Baudelaire apud Benjamin, 1989:40).

Valendo-se dos romances policiais de Poe, Baudelaire, mesmo não tendo produzido nada neste gênero, deixou-nos um legado em forma de convocação para penetrar numa atmosfera preta de emoção. Baudelaire vê a cidade com o olhar figurado que significa uma coisa nas palavras e outra no sentido. Ele é o primeiro a confrontar a modernidade urbana, a produzir do embate urbano a argamassa da sua escrita. Seu “canto” inaugura as dores e as delícias da modernidade capitalista e burguesa, em um cenário novo e desconcertante na história urbana de uma grande metrópole chamada Paris. Uma era industrial, com seus cafés, seus bulevares, suas avenidas, mas também com as figuras marginalizadas pelo discurso otimista do progresso e da ciência. Desta maneira, vamos criando nossas urdiduras.

Inspirados na figura do andarilho, tão bem apresentado na escritura baudelairiana, e tomados por um espírito receptivo aos contágios citadinos, não nos atemos nas aparências, nas

observações pessoais, mas na análise crítica fornecedora das bases da nossa narrativa. Somos arrebatados pelo susto, pelo assombro dos restos da nossa escrita num território do que não nos é familiar como um passeio de tartaruga no calçadão da praia em pleno século XXI.

Uma mulher de meia idade avança pelo calçadão com passos ranceiros, carregando um quelônio aquático numa caixa de papelão. Passos lentos, sem encontrar alguém que veja o seu gesto como familiar. O modo de ver as coisas numa área urbana parece ser guiado por afazeres e interesses semelhantes que magnetizam trocas de soslaios. Este é o jogo de imagens aceleradas e pasteurizadas. Podemos imaginar como irregulares os caminhos habitualmente percorridos num mundo que nos faz temer e circular. O passeio com carapaça nos faz considerar que é verossímil que o nosso caminho se tenha desviado pela presença insólita desse réptil.

O calçadão em forma de exílio para esse animal de estojo ósseo apresenta um refúgio da escrita que escapa à nossa escrita. A aparição que nos fascina, longe de ser subtraída pela multidão, só através desta lhe será entregue. O arrebatamento desse habitante da cidade é um encanto à última vista. A sensação de nunca mais ver aquela cena novamente forja o ápice do encontro. Este é o momento onde a tensão frustrada brota em nós como uma centelha de escrita. Assim, sentimos o arder da chama, sem saber que dela não emergirá nenhuma descoberta. Nascemos outra vez da abertura de uma perspectiva sobre o acontecimento problemático à luz de um simples passeio citadino.

O que faz de nós a própria perplexidade diante de uma imagem que se apodera dos nossos poros é algo semelhante ao choque de um desejo imperioso que invade a nossa escrita solitária. Na verdade, existe uma ruptura entre o que pensamos e o que vemos. Esse acontecimento surge no seio da cidade grande, onde o passeio de tartaruga nos faz sondar as cidades na cidade.

Faz tempo que a burguesia se empenha em buscar uma compensação pelo desaparecimento dos vestígios da vida privada na cidade grande. Procuram capas e estojos, relógios de bolso, porta-ovos e veludos que guardam a impressão de todo contato. O espaço público e, depois, a moradia, tornam-se uma espécie de cápsula, onde nelas acomodam-se seus vestígios. Para Benjamin,

O interior não é apenas o universo do homem privado, é também seu estojo. Desde Luís Felipe, encontra-se no burguês esta tendência de indenizar-se da ausência de rastros da vida privada na grande cidade. Essa compensação, ele tenta encontrá-la entre as quatro paredes de seu apartamento. Tudo se passa como se fosse uma questão de honra não deixar se perderem os rastros de seus objetos de uso. (BENJAMIN, 2006, p. 59)

Este processo tem dois lados. Pode ser subtraído à visão profana que apaga seus contornos de modo significativo. Hoje, queremos esquecer esta procura e estarmos abertos para a mudança. Seremos “estranhos” ao poder da razão que governa a cidade. Nosso tempo é o de dialogar com as invenções diminutas que permeiam o dia-a-dia.

Como é acanhado o olhar dos que observam o passeio de tartaruga instalado em sua malhação vespertina, e como é penetrante o que soçobra com o olhar da nossa escrita. Entre esses dois modos de observação, pulsa nosso entendimento sobre os processos de subjetivação. De um lado, o homem privado que vê as coisas através de uma lente de binóculo como se estivesse num espetáculo; do outro, quem deseja o anonimato entregue às modulações dos ritmos de tartaruga e das imagens aceleradas na cidade e que logo tornará a sair. Assim, toda a espécie de sensações fugidias que nem são totalmente nítidas, nem totalmente opacas, fixam limites estreitos de embates urbanos.

3.5.1 – Essa imagem da tartaruga nos leva aonde?

A imagem da mulher carioca passeando com uma tartaruga nos leva à Paris de Baudelaire, onde já existia o indivíduo em meio à multidão coexistindo com o andarilho que necessitava de espaço livre sem perder a sua privacidade. Este indivíduo foi chamado de *flâneur*. Ele era um observador apaixonado. Fixava o seu olhar no inconstante e no fugidio. A importância dessa alegoria benjaminiana comparece para nós para além de um simples olhar passivo. Muito mais do que ser a multidão, é ser o desconhecido dela. Ele também exerce um papel de inspecionar e analisar. Para Baudelaire (2010, p.120), “à imagem da visão penetrante da águia se associa a do espaço e a da distância entre a realidade e a sua percepção”.

3.6 – Testemunho anônimo da multidão

Charles Baudelaire, em seu ensaio “O pintor da vida moderna”, descreve e analisa a obra de um artista, Constantin Guys, que, para ele, captaria alguns dos aspectos definidores da vida moderna, a saber: o instantâneo, o fugidio, o contingente e o transitório. Não é do nosso interesse nos atermos no estudo deste personagem. No entanto, vale destacar o nosso interesse em ressaltar a importância do seu ritmo de caminhar como tradutor incansável da realidade. É justamente com este espírito que dialogamos com as cenas fugidias na cidade. Segundo Baudelaire, Guys era atento e curioso a tudo. Pressentia o acontecimento, seja um instante fugidio, seja um importante movimento social. A escritura baudelairiana apresentava este personagem como um *flâneur*-observador-artista-filósofo. Por mais que a imagem do *flâneur*, após a Paris do Segundo Império, venha acompanhada do seu fim, sua sensibilidade continua permeando a nossa escrita.. Para Benjamin (1989), a *flânerie* era um protesto contra a divisão de trabalho que transforma as pessoas em especialistas. Sobre este tema, era comum, em 1840, passear com tartarugas pelas galerias de Paris. Para ele, era de bom “agouro”deixar que a tartaruga prescrevesse o ritmo de caminhar. A *flânerie* tinha a ver com a ociosidade que encarnava um protesto contra a divisão de trabalho. Para ele, ela libera as coisas da servidão da utilidade prática e as transforma em obra de arte.

No começo do século XIX, as ruas se transformavam em interiores para, logo depois, se transformarem em ruas. A multidão era vista como abrigo para o banido e como torpor para o desamparado. Tanto o andarilho como a mulher com a tartaruga partilham a condição de mercadoria. Parecem inconscientes dessa situação particular como se estivessem sob narcose. Esta “entrega de almas errantes” em forma de mercadoria faz pensar que tudo está aberto e disponível.

Na prosa poética baudelairiana, é mister considerar uma relação com a economia. Os movimentos abruptos dos transeuntes imitam a maquinaria. Se, no final do século XIX, os interiores das passagens se transformaram em abrigo, o *flâneur* zigzagueava pelos corredores de mercadorias como alguém que, em tempos passados, deambulava nas sinuosidades da multidão. Assim, dividia a condição da mercadoria. Essa noção fez com que Baudelaire provasse parte dos segredos do livre mercado. O sujeito, na sua errância anônima, denotava um isolamento do indivíduo em seus interesses privados. Hoje, assim como na *flânerie* oitocentista, vemos esse isolamento insensível ser, por alguns instantes, rompido,

quando a mulher passeando com a tartaruga preenche o vazio produzido pelo seu próprio isolamento, com os proveitos que cria na sua incognitudo. A partir desse isolamento, podemos indagar como esse homem seria? Aqui, fazemos uma provocação para pensarmos o isolamento de hoje. Em vez de abordarmos essa questão aprofundadamente, num só fôlego, optamos por apresentá-la em suas nuances diluídas pelos autores já citados. Eles nos trazem questões valiosas para pensarmos uma certa atomização da sociedade que também foi vista como produto da revolução industrial. Este raciocínio nos faz querer olhar com critério se existe algum tipo de relação com o isolamento das pessoas situadas nos aglomerados urbanos de hoje.

3.7 – Os efeitos do choque

Quanto mais estivermos alienados às questões que promovem o distanciamento entre indivíduos e grupos, mais o medo e a insegurança se apresentarão como constitutivos da vida urbana. A existência cotidiana na nossa escrita nos faz pensar que, ao buscarmos o ópio que nos dá sossego, corremos o risco de trazer no mesmo pacote o que nos aprisiona e nos entorpece. O torpor que abordamos é em seus efeitos sociais onde tratamos uma multidão inebriada e murmurante que forma o mercado e transforma a mercadoria. O espetáculo oferecido pelo público das ruas de uma cidade grande não tinha, sobre todos, esses efeitos inebriantes. Esta narcose insiste em nos desviar do que é estrangeiro e diverso na cidade. Nossa escrita não quer perdê-los de vista. Ela nos afasta da asfixia e nos ajuda a pensar outras cidades e narrar outros modos de vida. Benjamin chama de “ótica” a recepção contemplativa oriunda de uma arte pré-moderna, como a pintura. Já a “tátil” seria a recepção oriunda da distração. No mundo contemporâneo, a distração expulsa, de uma maneira geral, a recepção pela contemplação.

A vida moderna intensificou as situações de choque em todos os âmbitos: no econômico, no político, no cotidiano e no artístico. No econômico, o capitalismo dita a forma de produção: serial e industrializada. Benjamin nos adverte que os modos de produção de bens e mercadorias da era moderna se assemelham ao modo dos indivíduos habitarem e se relacionarem nas grandes metrópoles urbanas. Dentro das fábricas, assim como no espaço urbano, o corpo e a consciência do homem não podem fugir da “vivência do choque”.

O choque pode ser visto em Benjamin (1989) como uma teoria estética (choque perceptivo) da modernidade. O conceito de choque só é possível ser pensado após as várias transformações da vida moderna. A vivência do choque, sentida pelo transeunte na multidão, como um autômato nas fábricas, não mantém qualquer ligação com a verdadeira experiência do choque. No trato com as máquinas, Benjamin diz que “os operários aprendem a coordenar seu próprio movimento ao movimento uniforme e constante de um autômato” (1989, p.125). Este aspecto demonstra a degradação da experiência na sociedade moderna e capitalista. As relações subjetivas e intersubjetivas se configuram a partir das “necessidades” que o capitalismo contribuiu para produzir e impor.

Deixando-se afetar por quadros urbanos que não sejam pintados por si mesmos, a tartaruga nos traz as tensões e os contrastes da vida moderna esboçados nos rostos apressados de uma praia do Rio. A carapaça protegida de surpresas externas não nos traz salvação para os nossos incômodos. A inusitada cena no calçadão da praia nos faz pensar em nossas fragilidades, em nossos sonhos e em nossas aflições. Sentimentos movidos por diferentes visões da cidade. As pistas lançadas pela tartaruga renovam o nosso fôlego para andar pelas ruas do Rio de Janeiro, em meio ao fluxo e refluxo do movimento, entre o fugaz e o eterno, frente ao mar de gente em pleno calçadão do litoral do Rio de Janeiro.

O efeito de andar com uma tartaruga pelas ruas é algo que ainda vemos hoje em dia: o não se deter mutuamente. Nenhum olhar sequer é lançado. Será que essa indiferença e esse isolamento só era possível ser descrito na Paris do Segundo Império? Os interesses privados abundam de forma adversa e ofensiva nos dias de hoje. É nesta atmosfera que estudamos o indivíduo comprimido em espaços exíguos na cidade do Rio de Janeiro para pensar os processos de subjetivação.

Devido ao novo arranjo contemporâneo, precisamos pensar as possíveis diferenças entre o andar do século XIX e o de hoje. O homem do final do século XIX e início do século XX, ao receber as “descargas elétricas” da multidão, se viu obrigado a desenvolver um olhar disperso. Ele já não deve e/ou pode manter por longo tempo os olhos em um mesmo objeto, seu olhar precisa estar pairando no seu entorno, alertando-o contra os “perigos” da cidade. Benjamin nos adverte de que “[...] o olho do habitante das metrópoles está sobrecarregado com funções de segurança (1988, p.142). Este olhar disperso nos faz pensar o quanto a mulher andando com a

tartaruga em pleno século XXI tem a ver com o que Bernardo Barros Coelho de Oliveira, relendo Benjamin, diz sobre uma certa “recepção através da distração (tátil) que expulsa, em todos os âmbitos, a recepção pela contemplação ótica”. Hoje, trabalhamos com uma experiência visual que já não é mais contemplativa. Embora não seja a nossa intenção aprofundar este assunto, sabemos do valor do estudo das mudanças históricas da percepção humana.

O que mais escapa às imagens contemporâneas, para Nelson Brissac Peixoto, e que parece cada vez mais difícil de retratar é são: “O rosto e a paisagem. Seria uma paisagem que nossos olhos já não conseguem ver, mas que está o tempo todo diante de nós” (1988, p. 16). Segundo Brissac, a paisagem deixa de ser um retrato para a pintura, e passa a instigá-la. “Não importa o que o pintor vê, mas o que ele não vê...” (1996, p. 117). O andar com a carapaça nos faz pensar no olhar contemporâneo que não mais tem tempo. Consequência da rapidez da televisão, o olhar de hoje perdeu a maneira contemplativa de ver; desta maneira, a cidade perde a paisagem. A falta de tempo do homem contemporâneo, interrogada ou colocada em suspensão pelo quelônio aquático, tira das imagens sua peculiaridade e firmeza, desperdiçando, assim, o instante.

Os apontamentos feitos por Benjamin à cidade moderna do século XIX nos levaram a pensar se existem condições para o olhar exploratório da *flânerie*. Esta indagação levou autores da atualidade a escreverem sobre a problemática das imagens de hoje. No mundo contemporâneo, as imagens são tantas e tão excessivamente rápidas que dificultam o olhar reflexivo e sensível. É como se nosso olhar nos fizesse pensar num certo empobrecimento da percepção, da reflexão e do imaginário.

Uma vez atravessados pela imagem da mulher passeando com a tartaruga, pensamos numa outra concepção de andar pelas ruas do Rio de Janeiro nos dias de hoje. Uma ideia de deambulação que não é feita pela cidade, mas por quem a observa. Neste sentido, a *flânerie* não desaparece, pois a observação anônima da cidade continua, mesmo que de forma diferente da ressaltada por Benjamin. Este exercício se torna mais difícil numa intensa busca e estudo do ínfimo ou do aparentemente desprezível dentro da cidade grande, num simples calçadão ou dentro de uma máquina.

A experiência do choque também pode ser vista na metrópole de Simmel (1979). Ela nos

faz pensar no que necessariamente sentimos diante da metrópole. Estes sentimentos ou impressões citadinas assumem um caráter exploratório na nossa pesquisa, pretendendo sugerir um novo fôlego para outras escritas sobre a cidade. A experiência do choque que traz desassossego e estranheza ao que vemos na grande cidade. Ver com distância, com olhos estrangeiros. Para examinar criticamente com os olhos forasteiros.

Simmel afirma que não há talvez fenômeno psíquico que tenha sido tão incondicionalmente reservado à metrópole quanto a atitude blasé. Ela resulta em primeiro lugar dos estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e em compreensão concentrada, são impostos aos nervos. Para ele, “as pessoas que não têm existência intelectual não são exatamente blasés”. A essência da atitude blasé consiste no embotamento do poder de discriminar. Os objetos são percebidos, mas destituídos de substância. Aparecem de forma plana e fosca. O viver nas grandes cidades acentua a concentração de coisas e de homens, estimulando o sistema nervoso até os limites de uma forma de existência regada por sensações de inutilidade. Assim, adotamos atitudes de reserva, que aos olhos da gente da cidade pequena nos faz parecer frios e desalmados. Constituem-se aversões e estranhezas num jogo aparente de proteção dos perigos da metrópole. Vale dizer o quanto podemos pensar na experiência de se sentir só no meio da multidão, sem prestar atenção num certo processo de individualização de traços mentais e psíquicos que a cidade proporciona, tendo em vista o enfrentamento que o indivíduo precisa fazer frente às dificuldades para afirmar sua própria personalidade dentro das dimensões da vida metropolitana.

No fio da navalha, queremos saber mais sobre a solidão urbana via referencial teórico que vai abordar as “agruras” de viver na cidade. Textos que tensionam as nossas verdades cristalizadas sobre as dificuldades citadinas e dialogam com as coisas ínfimas trazendo a possibilidade de abalar nossas cômodas suposições. Queremos saber se a cidade, em meio à sensação de asfixia, pode ser um ancoradouro de modos de pensar que nos permitam compreender melhor a solidão urbana. Quiçá este estudo nos ajude a produzir um pensamento crítico sobre o “fenômeno” da subjetividade privatizada. Sem dúvida, não é possível avançarmos “sozinhos”. Por isso escolhemos autores que oferecem outras formas de olhar a solidão urbana no estudo da subjetividade. Este modo de pensar nos ajuda a decidir como desejamos abordar a modernidade.

3.8 – Modernidade e experiência de si

A modernidade pode ser abordada como período histórico, como experiência de si, do corpo, do tempo e do espaço. Decidimos nos ater à experiência de si.

Essa experiência nos impulsiona a sair de uma individualidade psicológica, a fim de habitarmos territórios para além do pessoal. Tal esforço é para registrar nossas impressões, fazendo um acompanhamento das linhas de força dos processos de subjetivação, guiadas pelo que acontece nas ruas, na prática clínica e na nossa imaginação. Queremos indicar uma experiência de subjetividade fora do sujeito. Para Jeanne Marie Gagnebin (2010), os limiares se inscrevem num registro mais amplo que o de fronteira. No limiar, apresenta-se um registro de movimento, de ultrapassagens, de transição. Uma experiência limiar que está numa zona de indeterminação. Uma experiência limiar que nos faça pensar na literatura, na imagem e na subjetividade. Este limiar que não é racional, mas uma forma singular de pensar.⁷

A literatura brasileira urbana, aqui representada pela ficção de Rubem Fonseca, seu expoente maior, tem como temas preponderantes a pobreza, a miséria, a violência, a prostituição e a degradação humana, entre outros, e nos traz o pensamento de um processo de modernização inacabado. Em meio ao inacabado, montamos a argamassa sobre o viver as agruras de uma urbe chamada Rio de Janeiro. O que nós encontramos no limite de nós mesmos, onde nos estranhemos. Vale dizer, uma certa experiência de virtualidade que necessita de um exercício atencional. Estar à espreita da palavra que escreve a experiência urbana nessa zona limiar, estranha. Estranheza como condição de possibilidade de criação de outras histórias sobre as cidades.

Pensar a solidão urbana neste recorte da modernidade como experiência de si nos faz crer que a condição da solidão pode ser plural. Apostamos numa dimensão múltipla em nós. Um plano que está para além e aquém do indivíduo. Como é possível viver uma dimensão da solidão? Só conseguimos pensar na dimensão que é puro agenciamento, pura função de passagem. Ela não nos define como algo nem como alguém.

⁷ GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Entre a vida e a morte.” In: *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. ONE, G. et all (orgs.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

Nosso método visa ressignificar nosso entendimento do que acontece na cidade. Queremos buscar o que não está no particular, mas nas intensidades do agora que possam romper com o que já pensamos saber sobre o viver na cidade. Que possamos ser contagiados pelas forças que atravessam a urbe. Forças que direcionam nosso olhar para as coisas ínfimas soterradas nos escombros das nossas cômodas suposições.

Queremos ser afetados pelo exercício impessoal do pensar a solidão urbana. Este exercício quer se ancorar em agenciamentos com o outro e não com a solidão. Daí nossa intenção de habitar as linhas que configuram o que já existe sobre a solidão citadina e formar uma escrita vibrátil, que não se deixa levar pela pressa e pela distração. Todo nosso esforço é de acompanhamento e registro das impressões. Assim, habitaremos as entrelinhas das histórias urbanas para que, entre elas, possamos construir a nossa experiência, desestabilizando as formas prontas e as ideias formadas sobre a solidão urbana, bem como qualquer pensamento concluído ou história fechada sobre o estudo da subjetividade.

Nossa aposta está em abdicarmos das certezas sobre a vida urbana e nos atermos nas lutas locais e minoritárias. Deslocaremos o saber fazer para o fazer saber. É a história de uma certa aventura do pensar num lugar onde se define a nossa *philia* pelo saber sobre a cidade. Não é simplesmente uma pretensão ao saber, mas um movimento de fazer saber. Um plano comum onde coexistem diferentes possibilidades inauguradoras de um projeto inventor de cidades. Não é uma apologia da diferença, mas a possibilidade de diferir na forma de olhar e registrar as impressões urbanas. Queremos inverter nossa forma de pensar, entortando o nosso olhar. E dizer que primeiro caminharemos pela cidade e, ao caminhar, construiremos metas. Inventaremos o nosso caminhar. Desejamos pensar melhor no caminho. Acompanhar a vida que brota nas ruas e ruelas e ver a alma nem sempre encantadora no cerne da metrópole carioca.

No caminhar, iremos problematizar o sempre igual. No nosso posicionamento ético, deambulamos pelo limbo da consciência política, deparando-nos com a pura e simples condição humana na borda extrema dos seus sentidos. Nesses termos, refazemos o nosso pensar sobre a cidade. Assim, nossa pesquisa emergirá do que nela se atravessa, estilhaçando tudo o que possa estar concluído ou acabado. Estamos implicados com o problema da solidão urbana. Somos guiados pelo fazer problema, criar conceitos e sair das opiniões. Somos

convocados a pensar cada vez mais para corrigir erros, eliminar ilusões e problematizar as verdades sobre a vida urbana.

Na nossa errância, buscamos o diálogo com a realidade turva, a experiência crua, onde a vida é tecida no fio da navalha. Esta experiência nos ajuda a entender o nosso problema. Ele é de natureza ético-estético-político e nos convoca a uma experiência limiar (numa zona de indeterminação), cinestésica e transdisciplinar no contato com o ínfimo e o aparentemente desprezível. Ali onde estaremos no mínimo, no limite de nós mesmos para experimentar o que nos transborda numa impessoalidade e numa pluralidade sobre a vida urbana. Assim registraremos o que está para além e aquém da nossa experiência. Registros do nosso desejo de pensar a cidade, pensar o mundo, pensar a vida.

Nossa pesquisa é movida por um desassossego que nos impede de cair num certo conforto das nossas ideias. Nesses termos, experimentarmos uma zona limiar das ideias como ato de criação de outro território. Habitamos os limiares que tornam público o sensível, buscando outra sensibilidade. Com efeito, quiçá uma outra gramática cidadina.

Diante da multiplicidade de discursos urbanos, sentimo-nos desejosos de interagir com o inconcluso na urbe, para despertar o gosto por sinais descontínuos, interrompidos e fugidios a serem lidos na cidade.

Jeanne Marie Gagnebin (2007) se utiliza das ideias de Simmel e Baudelaire para pensar as mudanças nas relações entre os homens na grande cidade moderna. Segundo ela, Simmel analisa as transformações do espaço social na cidade tanto no nível dito objetivo quanto no nível da percepção. Despersonalização das relações humanas e individualismo crescente andam juntos. O indivíduo passa a ser um elemento único, mas indiferente. Mesmo que pareçam opostos, individualismo exacerbado e anonimato irreversível são complementares. O cidadão moderno torna-se um indivíduo isolado, entregue à multidão no trabalho, na rua e em casa (Gagnebin, 2007:65). Vejamos o que acontece quando a visão humana fica submetida a uma “nova organização sócio-sensorial” que obriga as pessoas a olharem para as outras sem que haja alguma reciprocidade. O advento dos transportes coletivos traz um fato curioso abordado por Simmel. Até então, as pessoas não costumavam passar horas viajando ao lado de “desconhecidos”. A experiência de se estar ao lado, ouvindo sem ver, seria para ele menos angustiante do que a de olhar para as pessoas sem ouvi-las. Nós não só queremos ver, mas

também ouvir o que as pessoas têm a dizer sobre as dificuldades de viver numa cidade como a do Rio de Janeiro.

Na “dialética do próximo e do distante”, apresenta-se um processo de subjetivação na sociedade moderna. Baudelaire fala de olhos “fixos” que não respondem ao olhar do outro: e a fetichização do objeto sexual, cujo emblema é a prostituta, a qual remete também à recusa baudelairiana do amor burguês, tanto sob sua forma romântica quanto sob sua forma conjugal e familiar. Eros e sexo se separam (Gagnebin, 2007:69). A alegoria da prostituta também se faz cara a nossa pesquisa.

Mais ainda. Baudelaire se refere a olhos que não sabem do longínquo e que se assemelham ao brilho das vitrines. Também fala do olhar compartilhado que não se realiza mais. Estas proposições baudelairianas renovam a potência da nossa escrita e nos ajuda a perceber um modo de subjetivação, ao abordar as transformações na interioridade do sujeito: “... condenado agora a procurar por esse longínquo, que dá vida ao desejo e, também, deseja a vida na solidão da própria interioridade reflexiva” (2007, p. 69).

Vivemos num mundo que é um misto de paralisias e velocidades. Este estilo de vida que, muitas vezes, cultua a beleza enquanto estética do corpo e de padrões de exterioridades pode ser um monstro asfixiante, como as nossas utopias, nossos sonhos e nossos anseios individualistas. Modernidade, palco de ambivalência, ambiguidade e equivocidade. Palavras que transmitem enigmas e sinalizam incertezas numa atmosfera de indecisão.

A incerteza, hoje, para muitos, é uma poderosa força individualizante. Ela divide em vez de unir. Medos, ansiedades e tristezas são feitos de tal modo que devem ser sofridos sozinhos. A velocidade do movimento se tornou um fator crucial na estratificação social e na hierarquia de dominação. Não temos que censurar as histórias que são contadas, mas mostrar que existem outras maneiras pelas quais nossas histórias podem ser contadas. Junto com outras narrativas, podemos produzir elementos para compreender os processos que moldaram a constituição do presente.

Tendo, como afirma Bauman (2001), derretido tudo que era sólido e profanado tudo que era sagrado, a modernidade introduziu a era da permanente desarmonia entre as necessidades e as capacidades. A modernidade foi a era da destruição criativa, a era de uma intensa

desmontagem e demolição. O esforço de um "começo absoluto", com tentativas de se livrar do antigo.

Por sua vez, Marshal Berman (1986) afirma que Baudelaire “fez mais do que ninguém, no século XIX, para dotar seus contemporâneos de uma consciência de si mesmos enquanto modernos (1986:152). Baudelaire falou do homem moderno em sua inteireza, com suas fragilidades, seus desejos e sua aflição. Sua obra apresenta diferentes visões da modernidade. Algumas vezes, elas parecem se opor. Diferentemente dos precursores românticos, os quais baseavam os seus sonhos naquilo que imaginavam, os sonhos de Baudelaire se baseavam naquilo que ele via. Para ele, a vida moderna era dotada de uma beleza distinta e genuína. Baudelaire se interessava pelas pessoas comuns e em suas ocupações. Ele mergulhava a fundo nas suas vidas.

Um dos problemas fundamentais do modernismo do século XX, atesta Berman, é que grande parte da nossa arte tenderia a perder contato com a vida cotidiana das pessoas. Para Baudelaire, uma arte que não proporcionasse um sentido de casamento do artista com as pessoas a sua volta não tinha sentido. Um envolvimento sensual que, nas palavras de Berman, equivale a uma das mais banais experiências humanas. A escritura de Baudelaire nasce da observação das cidades e do cruzamento de suas infinitas conexões. Ele não espera que a vida moderna perdure, mas que continue a revigorar-se das contradições oriundas da rua.

Cidade moderna, palco de outras modalidades de experiências, onde o sujeito se fragmenta no embate com as vivências na cidade transformada pelo progresso. Experiências que nos fazem lembrar dos enfrentamentos necessários à construção da nossa pesquisa. E, por isso, pretendemos montar a trajetória da nossa pesquisa na universidade, em casa e nas ruas, sabendo do nosso desejo de ir para a rua e colocar em análise o sujeito do eu. Caminhar movido pelos afetos e sensações inesperadas que quebram as nossas suposições sobre o viver na cidade do Rio de Janeiro.

Será necessário buscar na literatura, o que já vem sendo encontrado no conto fonsequiano, a mola metodológica para cartografar, ou seja, buscar as linhas de força na solidão urbana.

Foucault, em 1966, falou do nascimento de literaturas mais sensíveis aos acontecimentos. Vejamos o que ele diz da literatura: “Que é, pois, tal linguagem, que nada diz,

jamais se cala e a que se chama literatura?” (1966, p. 399). Esta pergunta de Foucault apresenta aquilo que, no pensamento contemporâneo, refere-se à literatura: questão difícil de definir, uma vez que, ao mesmo tempo, diz e não diz.

Vários autores escreveram que a literatura teria surgido apenas em meados do século XVII, com a criação das principais academias, o surgimento dos direitos autorais e o crescimento do comércio de obras. Outro trecho de Foucault, sobre o nascimento da literatura, posiciona esse acontecimento mais perto de nós, no século XIX, coincidentemente com o que o autor intitulou de o surgimento do ‘homem’:

[...] desde Dante, desde Homero, existiu realmente, no mundo ocidental uma forma de linguagem que nós outros, agora, denominamos ‘literatura’. Mas a palavra é de fresca data, como é recente também na nossa cultura o isolamento de uma linguagem particular cuja modalidade própria é ser ‘literária’. É que no início do século XIX, na época em que a linguagem se entranhava na sua espessura de objeto e se deixava, de parte a parte, atravessar por um saber, reconstituía-se ela alhures, sob uma forma independente [...] inteiramente referida ao ato de escrever (1966, p. 393).

Para Foucault, seria perda de tempo tentar recuperar a assim chamada unidade da linguagem. Para ele, o que permitiu o aparecimento do “homem” como objeto difícil e sujeito soberano de todo o conhecimento foi justamente o esfacelamento da linguagem em seus domínios múltiplos, como objeto de conhecimento. Neste sentido, literatura e homem são contemporâneos. O homem oriundo do nivelamento da linguagem e a literatura como compensação desse nivelamento.

Literatura para nós é reflexão, é convívio, é invenção num mundo onde o seu sentido é inventado. A literatura é necessária, pois a vida é insuficiente. Seus textos nos fazem tensionar o presente, seus entraves e seus desafios em linhas que falam da experiência urbana com a produção de subjetividade. Devemos examinar cuidadosamente a relação entre subjetividade e política numa escalada declarada de um projeto moderno. Sabemos da importância de uma reflexão que se dinamize por meios de textos que nos façam pensar, andar e olhar de uma outra maneira o sujeito e a subjetividade. Examinar literaturas que falam de um esvaziamento da subjetividade e que possibilitam uma atenção com o que acontece na cidade e no mundo. Este ponto de vista compreende a constituição da subjetividade em sua versão de sentidos móveis e instáveis. Podem estas literaturas nos ajudar a desmanchar nossa tendência à

psicologização da solidão? Unidos pelos estudos da solidão da diferença, da solidão positiva, do perder-se (com método) na cidade, da noção de invisibilidade que nos empurra para os acontecimentos, da leitura da cidade como um texto e da experiência urbana, montaremos um fio condutor. São vários fios que encontramos nas dobras da vida onde se renova o nosso pensamento crítico sobre a complexidade de viver nas grandes cidades. Nesta teia de experiências sensíveis, toma corpo uma linguagem literária nas dobras da vida.

3.9 – Foucault e a literatura: pela exterioridade num conto fonsequiano

Estamos presos dentro da existência cotidiana ou dela estamos excluídos? Certa fronteira invisível é deslocada, como no assim chamado exílio kafkaniano. Outro mundo que não é o além-mundo, mas o outro de qualquer mundo da errância, do fora.

Uma maneira indefinida e anônima que Blanchot intitulou de linguagem poética e que nos remete à dispersão, conduzindo-nos ao que tudo desvia e que se desvia de nós. Paixão poética que atravessa a escrita febril de Kafka e, por que não dizer, de Rubem Fonseca.

O pensamento do fora aproxima Foucault e Deleuze no repensar certo estatuto da exterioridade. É necessário combater a assim chamada impressão sufocante e generalizada de que se esgotou o campo do possível. O que sobrou da paixão do fora? O que temos ainda de exterioridade que possa criar novos possíveis? O pensamento do fora nos faz pensar que a literatura pode ser ainda um espaço que põe em xeque a soberania do sujeito. Uma experiência insólita que destitui o sujeito de si e do mundo, do ser e da presença, da consciência e da verdade. A literatura pode conter as experiências limite e preparar a cultura para uma relação com aquilo que ela rejeita.

Foucault acreditava na literatura porque acreditava na sua exterioridade. Em 1966, ele já falava do surgimento de literaturas mais conectadas com os acontecimentos. A historicidade da literatura do século XIX não passa pela recusa, pelo afastamento ou pela acolhida das outras obras, ela passa pela recusa da sua própria literatura. Uma maneira de compreender essa recusa da literatura é no enredo das suas negações. Segundo Foucault, Baudelaire não é para o romantismo, Mallarmé não é para Baudelaire, o surrealismo não é para Mallarmé.

Foucault nos trouxe o pensamento de que a linguagem verdadeira, quando é introduzida na linguagem literária, está aí para romper com o espaço da linguagem. Ele nos mostrou que o Marquês de Sade foi um escritor da transgressão e da clausura. Sade foi o primeiro a articular,

no final do século XVIII, a palavra de transgressão. Sua obra representa o limiar histórico da literatura. A designação sem reticência, os movimentos que percorrem meticulosamente todas as possibilidades nas famosas cenas eróticas de Sade são apenas uma obra reduzida à pura palavra de transgressão, uma obra que em certo sentido apaga toda palavra já escrita e, por isso, abre um espaço vazio onde a literatura moderna encontrará o seu lugar.

Apostamos que o conto fonsequiano utilizado nesta pesquisa é uma pista de que este lugar possa ser habitado. Ele encarna a literatura que se atém aos aspectos inquietantes e ameaçadores da vida urbana. Literatura que tematiza a experiência urbana como fundamental no cotidiano das grandes cidades. Vemos, nos contos do Rubem Fonseca, a possibilidade de capturar a complexidade da realidade urbana. Como alcançar esse objetivo em meio à ilegibilidade do mundo de hoje?

Por seu turno, a invisibilidade em Foucault nos traz uma forma de pensar. Tão invisível como a cidade que pode ser lida de outra maneira. O invisível que nos empurra para algo que pode acontecer, fazendo-nos acreditar no mundo e desviar de um pessimismo romântico. O invisível que não é para ficarmos mais sábios, mas para ficarmos mais atentos. Na nossa pesquisa sobre a solidão urbana na obra do Rubem Fonseca, a invisibilidade é um método, um modo de ver e não algo que está por traz da cidade. Invisibilidade como desdobramento. Algo próximo ao que Ítalo Calvino fez ao mostrar Veneza de diferentes modos em seu livro *Cidades Invisíveis*.

A exemplo dos poetas, Fonseca faz as palavras tocarem as bordas dos sentidos. Ele chega a ser um escritor cinematográfico. Com a fineza de uma agulha, ele penetra nas dobras da vida marginal para ali colher habilmente as complexidades de uma linguagem cujo sentido vai sempre além do que se vê e do que se diz. Os personagens de Fonseca não têm escrúpulos. A única moral que os rege é a de saciar a si mesmos. Ao contrário do que ocorre nas ficções tradicionais, o personagem sabe porque faz o que faz, enquanto o leitor não entende. Fica de fora, pasmado, não porque o texto carece de explicação, mas por uma violência excessiva que envolve tudo, mas não se vê. Respiramos uma atmosfera tóxica sem nos darmos conta. Em Kafka, os personagens aceitam com resignação o absurdo em que se encontram, pois ele, o absurdo, é o eixo, a razão de tudo. Na escritura fonsequiana, o leitor contempla fascinado um absurdo feito de omissões e de silêncios que só os personagens entendem. Sua arte é retesar a

corda das palavras para que expressem o vazio do mundo.

No conto fonsequiano “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, norte cartográfico da nossa pesquisa, Augusto tem um sonho, e esse sonho lhe provoca tamanha angústia que deve se livrar dele. Enquanto não o fizer, não terá paz. Joga tudo pela janela: honra, orgulho, decência, segurança, felicidade, tudo para escrever seu livro. Ninguém é o que é abrindo mão da liberdade. Esse é o alento da obra do Fonseca: o de alguém que está em paz consigo mesmo porque jogou tudo pela janela para deixar sair o que está dentro dele: malícias, besteiras, ternura, perda da fé, estupor ante o corpo, sexo, fedores, e solidão ante o mundo.

Entendemos que o ser humano não é a base eterna da história e da cultura humanas. Segundo Nikolas Rose, o homem é um artefato histórico e cultural. Sua visão foucaultiana possibilita delinear a história do regime contemporâneo do eu intitulado de genealogia da subjetivação. Propõe análises de formas de pensar que é resultado da história, tendo emergido apenas no século XIX. O foco não é a história da pessoa, mas a genealogia das relações. Podem essas relações ser relevantes para os estudos da subjetividade? Se utilizarmos o termo "subjetivação" para designarmos todas as práticas e processos heterogêneos por meio dos quais os seres humanos vêm a se relacionar consigo mesmo e com os outros como sujeito de certo tipo, então a subjetivação tem a sua própria história. Aqui nos referimos às linguagens que têm atuado nas práticas para atuar sobre a conduta das pessoas. Que códigos de saber sustentam esses ideais? A que valorização ética eles estão vinculados? Acreditamos que um estudo mais aprofundado da solidão urbana deve passar por uma genealogia do individualismo. A individualidade pode ser vista como uma das diferentes versões do eu. Por isso, buscamos algo próximo a uma topografia da subjetivação para indagar sob que formas esse regime do eu foi erigido. Uma ferramenta foucaultiana para trabalhar com a solidão urbana como um analisador da organização dos espaços urbanos. Eles parecem querer um dizer contrário à sensação de asfixia contemporânea.

O conto do Rubem Fonseca nos traz uma forma de pensar semelhante à maneira foucaultiana. Assim como Foucault, Fonseca não pensa de forma absolutista nem relativista (mantém um núcleo). Não tem aonde chegar. É um processo onde a proposta de ambos não é explicativa. Eles pensam muitas razões. Este recurso (método?) nos faz destroçar o que está fechado. Ambos os autores nos convocam a pensar o presente a partir de algo que está se

repetindo e rompendo com a repetição no presente. Aqui nos deparamos com certo paradoxo. Ele não admite oposição, nem negação. É a repetição e a ruptura ao mesmo tempo.

O outro de qualquer mundo nos faz pensar apenas o fora num certo fluir permanente. A errância em Fonseca, o fora em Foucault rumo à dispersão anônima, ao espaço sem lugar. Como atizar esses engendramentos num mundo contemporâneo do abrigo e da segurança? Pode a literatura de Rubem Fonseca nos renovar o fôlego num mundo de um pensamento sem fora e sem exterioridade? Foucault e Fonseca parecem acreditar na exterioridade da literatura, pois ela parece estar num plano não circulatório de um poder transgressivo, de uma fala anárquica, sem instituição. Para Blanchot, essa literatura reduz à destruição aquilo com o que ela não pode conviver. Assim, ela vai colocar em análise certo torpor contemporâneo. Literatura que fala da experiência urbana com a produção de subjetividade desmanchando com a psicologização do eu. Quando a literatura perder o poder de provocar mudanças, ruptura e estranhamentos, estará em perigo. Vale dizer sobre uma aposta desta pesquisa em literaturas que provoquem silêncios, cortes para deslocar o sujeito de si, causar paradoxos, criar novos possíveis.

Nosso desejo é o de sermos estrangeiros na potência do constrangimento de qualquer tipo de conclusão para as nossas histórias. Alertando-nos para a política do medo, a qual esvazia a urbe por meio da retrógrada política da assepsia. Sejam críticos como Foucault nos propôs ao dizer que é preciso considerar a ontologia crítica de nós mesmos não certamente como uma teoria, uma doutrina, nem mesmo como um corpo permanente de saber que se acumula; é preciso concebê-la como uma atitude, um ethos, uma via filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível (Michel Foucault [2000], O que são as luzes?).

O conto fonséquiano que utilizamos afirma a potência do sujeito nas condições mais difíceis, nos momentos quase ontológicos da libertação e da solidão do dia a dia. Desloca a assim chamada fronteira invisível onde o se produz o diálogo com o outro de qualquer mundo. Deste modo, nos vemos num limiar onde coexistem forças que nos asfixiam ao mesmo tempo em que nos impulsionam, para romper com um espaço visto como de uma linguagem verdadeira. Essas outras literaturas mais sensíveis, anunciadas acima por Foucault e, no nosso

entender, encarnada pelo conto fonsequiano, abre espaços para o vazio da linguagem onde outras possibilidades de viver na cidade encontrem o seu lugar. Elas nos ajudam a olhar uma outra cidade diferente da cidade cartão-postal. Nos impulsionam a ver as lutas como modalidades singulares de pensamento e de ação para dar visibilidade ao aparentemente invisível, provocando outros sentidos (o outro do sentido?) para o viver num misto de vazio e cheio do nosso mundo contemporâneo. Foucault e Fonseca nos trazem certa renovação metodológica, atualizando nossa atenção para as pessoas e as coisas. Numa assim chamada miopia foucaultiana, revolveremos o campo dos possíveis nos jogos e nas lutas da cena urbana. Nas palavras de Ítalo Calvino, em *As cidades invisíveis* (1972): “O inferno dos vivos não está no que vai ser; se houver, é o que já está aqui, o inferno que vivemos todos os dias, aquilo que formamos estando juntos. Há duas maneiras para não sofrer por isso. A primeira é fácil para muitos: aceitar o inferno e passar a ser parte dele até o ponto de não percebê-lo mais. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber quem e o quê, no meio do inferno, não é inferno e preservá-lo, e abrir espaço” (p.158). Na linha do que nos fala Calvino, apresentamos um outro eixo de pesquisa.

Um terceiro eixo traz pressupostos teóricos de Renato Cordeiro Gomes (1994) e Rubem Fonseca (1992). Aqui, talvez fique mais evidente o entrecruzamento de linhas de força que falam da cidade enquanto usina de literatura que tematiza a solidão longe dos holofotes do eu. Tanto Gomes quanto Fonseca parecem produzir uma nova gramática da cidade. Suas narrativas dão visibilidade às coisas ínfimas, num diálogo da solidão com a cidade. Desmontando pedaço por pedaço da cidade, esses autores deslocam o nosso olhar para o descentramento do jogo da circulação da linguagem, possibilitando leituras em que a cidade possa ser lida em meio à ilegibilidade pós-moderna. Como ler a cidade num mundo de imagens velozes e fugidias? Além de sabermos que a cidade é território de experiências em constante tensão, apostamos que “ler a cidade é cifrá-la novamente, é reconstruí-la com cacos, fragmentos, rasuras, vazios, jamais restaurando-a na íntegra.” (GOMES, 1994, p. 40)

Fonseca tematiza a experiência urbana como fundamental no cotidiano das grandes cidades. Em seu conto “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, ele desmistifica o andar nas ruas como algo ameaçador. O personagem Augusto nos convoca para outras leituras da cidade. Ele caminha por ela e constrói sua escrita andando como um rato, dialogando com a

cidade concreta. Sua visão é colada aos fatos, sem profundidade. Que geografia está sendo tecida? Ele parece apropriar-se das coisas, aproximar-se delas como se tudo fosse superfície. Ele quer reconstruir a arte de ver a cidade. Sua escolha por alfabetizar prostitutas é um exemplo. O modo de ser do personagem da prostituta nos faz pensar na força que a escrita pode ter. Esta pode ser exercitada em meio à abundância de imagens que nos distraem e nos desviam de uma intenção de transformar o presente. O ritmo da vida urbana é patente nas ruas como funcionamento fundamental da urbe. O método de alfabetização de Augusto com as prostitutas nos faz pensar em outro movimento do olhar na cidade. Esta pesquisa quer saber sobre a visibilidade das coisas aparentemente desprezíveis no diálogo da cidade com as palavras. Assim, a prostituta Kelly vai aceitando ser alfabetizada “sem perceber” a força das palavras. A tensão se firma entre as duas maneiras de dialogar com a cidade. O prazer de alfabetizar e o possível desencanto que a leitura da cidade pode proporcionar nos fazem pensar se a cidade ainda pode ser um lugar possível do desejo ou é apenas um lugar em que andamos, sem aspirações, movidos pela asfixia do medo.

Queremos habitar as fendas oriundas dessa tensão e produzir nossa escrita. A cidade, para Gomes e para Fonseca, parece não agir sobre a alma, mas antes configurá-la. Suas narrativas não valorizam a ideia do malvado ou do excluído. Vejamos um pouco mais sobre a escritura fonssequiana.⁸

⁸ Acreditamos que só se pode desejar em um conjunto. Sempre se deseja um todo. Tem um aspecto revolucionário. Desejar é construir um conjunto. Para Gilles Deleuze (*O Abecedário de Deleuze*, letra “D”), quando uma mulher deseja um vestido, ela o deseja em um contexto de vida dela. Nunca desejo algo sozinho, desejo bem mais. Desejo é construtivismo. Desejar é construir um agenciamento. (*O Abecedário de Gilles Deleuze* é uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações].)

4 – CAPÍTULO 3: UM CONTO DE RUBEM FONSECA COMO MÉTODO

Qual é o “valor” do estudo literário na vida acadêmica de hoje e no mundo de hoje?

Marjorie Garber

4.1 – A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro: força cartográfica da nossa pesquisa

Fonseca desmonta o conhecido, busca o não dito, o quase esquecido e nos inspira no desvio de uma assim chamada cidade da incomunicabilidade. Sua narrativa provoca estranhamentos a cada esquina, em cada calçada, em cada rua. Seus textos não nos enraízam e tampouco nos oferecem uma essência ou origem. A cidade fonsequiana multiplica-se em cidades transbordantes de possíveis.

Augusto, personagem principal do conto “A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro”, nos convoca para leituras outras da cidade. Andarilho, cujo nome verdadeiro é Epifânio, mora num sobrado em cima de uma chapelaria feminina, na Rua Sete de Setembro, no centro da cidade, e anda nas ruas o dia inteiro e parte da noite. Acredita que, ao caminhar, pensa melhor e encontra soluções para os problemas. As ruas do centro do Rio são o habitat de Augusto. Anda por entre construções históricas, que falam da história da cidade, e fachadas modernas. Caminha pelo bairro infestado de pessoas indo e vindo do trabalho, mas também anda nos horários em que parece não haver ninguém. Movidos pelas ideias de Chaim Samuel Katz (1996), pensamos se o caminho é romper com a solidão que nos acolhe tão generosamente. Este acolhimento nos traz fôlego para enfrentarmos os imperativos de agrupamento contrários à solidão como escape. Esta tentativa de renúncia pode nos deixar sem saber como viver no

mundo de hoje onde somos cobrados a nos comunicar e a expressar o que sentimos o tempo todo. Nosso movimento de corte do estado de solidão nos impede de pensar que nem sempre isolamento rima com sofrimento. A passagem do pensamento sobre a solidão nos auxilia a fazer a passagem para o pensamento sobre a vida.

Como no conto fonsequiano proposto, o nosso olhar é de rato onde a exigência de distância elimina-se. Augusto constrói sua escrita com seus passos de roedor. Dialoga com a urbe em sua concretude e não se descola dos fatos. Que natureza está em jogo na escritura fonsequiana? Que geografia está sendo tecida? Nas linhas de Nelson Brissac (1996), Augusto não tem o encantamento do longínquo. Podemos pensar num processo de extinção do olhar panorâmico no mundo de hoje? Augusto não vê a cidade do alto dos morros, ela é vista de perto, onde sua geografia é tecida com os pés. Cada letra é produzida em cada passo dado por ele. Parece existir um certo estatuto do próximo e do imediato, do aqui e agora que nos faz habitar o presente. Nesses termos, parece não existir paisagem numa cidade desgastada e consumida por imagens pasteurizadas. Cidade onde a percepção do andarilho nos ajuda a produzir conhecimentos e sentidos num mundo onde parece ser proibido parar. Segundo Katz, a produção de mecanismos de capturas e constituições de sujeitos totalizados se estende a todos os campos do convívio humano, e quer obrigar a inclusão dos isolados e dos solitários.

De qualquer maneira, Augusto parece apropriar-se das coisas, aproximar-se de tudo, como se tudo fosse superfície. Falta-lhe o olhar das andorinhas em voo que podem ver as alturas e as distâncias, quando a cidade se transfigura, se torna cristalina e, portanto, legível.

Augusto quer reconstruir a arte de ver a cidade. Como o afirma Renato Gomes, Rubem Fonseca parece dialogar com a tradição que Joaquim Manoel de Macedo legou. Fonseca retoma uma narrativa urbana carioca em que também se incluem José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio e Marquês Rebelo. Sua fidelidade traveste-se em resistência ao esquecimento, ao descartável. Vai metabolizá-la, transformá-la: "Os ratos não vomitam!" Esta citação do personagem Augusto nos faz pensar em como ele constrói a arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro.

A narrativa espalha, nos passos de Augusto, cenas que mimetizam a violência urbana, entre sustos e indiferenças no presente da assim chamada cidade maravilhosa. Cidade povoada de mendigos, prostitutas, camelôs, grafiteiros, sem tetos e assaltantes que são produzidos e

segregados por ela. “Augusto não os rejeita: observa-os, relaciona-se com eles e registra-os como matéria-prima para a feitura do seu livro...” Agora Augusto é escritor andarilho. “Assim, quando não está escrevendo – ou ensinando as putas a ler –, ele caminha pelas ruas.” (FONSECA, 2004, p. 357). No estudo da subjetividade, para Katz, se faz necessário definir melhor o que viria a ser este “estar com o outro”, e, ao mesmo tempo, reexaminar o estatuto da solidão. Nesses termos, surge nosso desejo de compreender melhor a noção de eu.

Este andarilho chega a pensar no que passou, mas tem pelo menos um dos olhos no presente. A experiência no convívio com o que parece ser moderno nos faz ver, nas andanças do Augusto, um certo empenho em desdemonizar a palavra. Sua ficção se configura na borda do que lhe vai além e do que lhe resta aquém. Assim se produz a sua escrita em pequenos passos e em pequenos goles, como os de um rato. O andar a pé deste personagem nos aproxima de um padrão de beleza moderna estampada nas novas fachadas e monumentos ao mesmo tempo em que mostra o fracasso dos que não têm acesso a ela. Sua arte peripatética⁹ traz um jeito de lidar com o velho e o novo sem deixar que nenhum dos dois nos sufoque. Nos dias de hoje, no assim chamado tempo do imediatismo, para muitos o velho é visto como lixo, o resto, e o novo é o que sempre virá. Sua linguagem, colada ao seu método, parece querer chegar a alguma coisa. Seu esforço, como a vida moderna, quer oferecer beleza, mas não tem. Como a literatura que deixa em aberto nossas conclusões sobre o que lemos e sentimos. Seus passos corporificam, num efeito absoluto de estranhamento, um corpo a corpo com a cidade. Larrosa busca em Blanchot reflexões de que o que mais ameaça a leitura é a realidade do leitor, sua personalidade, sua imodéstia, sua maneira encarniçada de querer continuar sendo ele mesmo frente ao que lê, de querer ser um homem que sabe ler em geral. Para Larrosa, esse leitor arrogante que se empenha em permanecer erguido frente ao que lê, é o sujeito que resulta da formação ocidental mais agressiva, mais autoritária. É o homem que reduz tudo à sua imagem, que não é capaz de ver outra coisa que não ele mesmo; aquele que se apropria de tudo devorando, convertendo o outro em uma variante de si mesmo; aquele que lê a partir do que sabe, do que quer, do que precisa; que solidificou sua consciência frente a tudo aquilo que poderia colocar em questão. Em contraponto, Larrosa descreve outro modo de viver ilustrado

⁹ Aristóteles, fundou em Alexandria (335 d.c.) a escola peripatética. *Peripatétikos*, em grego, significa: o que gosta de passear. Aristóteles ensinava os seus discípulos caminhando.

pela pessoa que escuta. Nessa escuta há alguém disposto a ouvir o que não sabe, o que não quer, o que não precisa. “Disposto a perder o pé e a deixar-se tombar e arrastar por aquilo que procura. Esta disposto a transformar-se numa direção desconhecida. O outro, enquanto outro, é algo que não posso reduzir a minha medida” (Larrosa, 1996, p.138). Chegamos a pensar que se não experimentarmos viver as agruras da urbe, não vamos entender.

Esse é o nosso entendimento da arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro. Uma deambulação que incide um foco nas imagens e nos discursos urbanos, dando visibilidade ao aparentemente desprezível na cidade. Esta forma de andar prima pela comunhão com a cidade. No diálogo direto com a vida urbana, Augusto reinveste nas tramas que solicitam as miríades realistas e põe em discussão as agruras de se escrever sobre uma realidade que insiste em sublinhar o grotesco e o abjeto de vidas que valem hoje mais do que outras, sobretudo as que estão em contato direto com a urbe: “De noite não basta andar depressa nas ruas, é preciso também evitar que o caminho seja obstruído” (FONSECA, 2004. P.390).

A relação do conto com o tempo presente, com os acontecimentos, pode ser vista quando o seu personagem principal diz que sempre usa um jornal novo nas primeiras lições. Podemos pensar que a idéia do novo carrega uma certa obsessão em apreender a realidade pelo ângulo mais inusitado. Sem contar que o acesso às manchetes de jornal nos traz uma realidade tão confusa que podemos senti-la em nossa carne. Este é um dos códigos que só Fonseca e seus personagens entendem num universo atroz que faz nossa carne tremer.

Augusto entra num “cinema-templo” no centro do Rio onde funciona uma igreja evangélica num horário e um cinema pornô num outro horário. Para os fiéis, pouco importa o tipo de filme que é exibido ali, pois eles não vão ao cinema por entenderem que todos os tipos de filmes são pecaminosos. Esta situação mostrada pelo personagem nos faz pensar que algumas pessoas convivem numa borda desprovida de consciência política e de devastação moral. Aqui, vemos a condição nua e crua da vida estampada num choque de realidade proposto pelo autor. Sua lente de aumento amplia condições humanas dos dias de hoje como a falta de crença, o isolamento sem esperança. Da mesma forma, a lente de Katz (1996) aborda a solidão não apenas como referência aos outros, mas enquanto impossibilidade de se reconhecer num drama, num teatro da vida com atores e textos determinados. Solidões que nos desorientam na cidade num só golpe de aflições, de realidades nunca existentes, de infiltrações

de ideias terríveis e inesperadas. Testemunha de uma solidão que sentimos como desamparo diante do mundo. Um caminho que se anuncia é o dos nomes genéricos (melancólicos e deprimidos) que se dão aos solitários. Este estatuto negativo oriundo de algum saber psicológico transforma-os em tipos psicopatológicos.

O Campo de Santana é um local histórico no Rio de Janeiro. Lá, no passado, o governo fabricava dinheiro. Este mesmo lugar, segundo Augusto, também fora quartel-general do exército. Apesar dos atrativos que a história produziu, Augusto só quer ver as árvores. Uma atitude estranha frente a um mundo estranho que não deixa de ser o nosso mundo. O seu modo de encontrar e desfrutar da convivência com as árvores nos faz pensar no modo de encontrar e explorar novos caminhos. Este campo tem uma velha história, pensa Augusto, também tem velhas árvores que o fazem ter vontade de se ajoelhar frente a elas, mas logo ele pensa na atitude cristã de se ajoelhar. Seu ódio em relação à tradição judaico-cristã toma frente ao seu desejo. Junto com ele comparece sua visão política sobre o movimento da igreja ecumênica e seu acordo comercial com as superstições do povo. Este movimento, que chamamos aqui de maquinação do sentimento religioso, também nos faz pensar num certo engendramento dos nossos afetos frente às agruras de viver numa cidade como a do Rio de Janeiro.

Um sintoma contemporâneo nos invade. No seu exame, vemos Augusto não querer perder tempo com um homem ventríloquo e seu cachorro. Ele não quer ocupar o seu tempo com coisas que possam se tornar motivo de preocupação, como a possibilidade insinuada pelo homem-ventríloquo de seu cachorro falar. Aqui, vemos uma certa fragmentação da narrativa e da consciência. Um esforço perante uma crise do sujeito e da subjetividade, um movimento frente à iminência de um desassossego. Augusto passa a mão na cabeça do cão e diz para o seu dono que precisa ir embora. Sua intenção não era sair do Campo, mas precisa desviar das garras da dispersão contemporânea.

Descendo pela Rua Presidente Vargas, blasfemando os especialistas em urbanismo que tardaram para reconhecer que uma avenida como aquela demandava sombra. Só após muitos anos é que tomaram a iniciativa. Mesmo assim, ela foi equivocada na escolha do tipo de árvore. “Eles (...) plantaram palmeiras-imperiais (...) como se palmeira fosse uma árvore digna de nome, um tronco comprido que não dá sombra nem passarinho, que mais parece uma

coluna de cimento” (p. 371). Esta indiferença das autoridades frente a uma política urbana mais condizente com as necessidades do povo, se não parece uma lógica da indiferença pós-moderna (Lima Lins, 2006), então pode ser vista como sinal de um comportamento moderno. Vale dizer, o nosso empenho em pensar na indiferença que acompanhou o homem com o advento da modernidade, descrita no segundo capítulo desta pesquisa, principalmente por Simmel (1986), com o seu estudo sobre a atitude blasé.

Nesta atmosfera, que dá ênfase à razão abissal e à linha tênue em que se inscrevem os personagens, como Augusto, que se vê numa certa situação limítrofe após saber que a prostituta Kelly tinha tentado matar um dos ratos da sua casa: “A gente começa matando um rato, depois mata um ladrão, depois um judeu, depois uma criança da vizinhança com a cabeça grande, depois uma criança da nossa família com a cabeça grande” (p. 371). Que versão da existência esta fala protagoniza? Rumores de um mundo cortante onde nada é inteiriço, aonde tudo nos vem em fragmentos. Mesmo assim, é possível pensarmos numa certa sensibilidade deste que quer se tornar um escritor andarilho e nos faz pensar o exílio dos homens e o exercício de uma ética frente à dura realidade dos fatos.

Augusto e Kelly estão na Rua Sete de Setembro. Ele está indo visitar um amigo na Rua do Carmo. A família do seu Amigo, Benevides, mora em casinholas de papelão sob a marquise do Banco Mercantil do Brasil. Por mais enrijecido que o morador de rua possa estar frente à situação para sobreviver a caótica situação sócio-econômica de quem é morador de rua, é possível perceber o medo estampado na sua fala: “Não quero sair daqui (...) moro ao lado de um banco, tem segurança, nenhum maluco vai tocar fogo na gente como fizeram com o barraco do Maílson.” No mundo antigo, a solidão imposta pelo poder era o exílio; na França, no século XVII, o desterro para o campo. Samuel Chaim Katz (1996) chama essa categoria de “solitários excluídos” e cita como exemplo os loucos, os deficientes, os retardados, os grupos marginalizados permanentemente. Considerados solitários porque não teriam condições de se comunicar e de conviver com os outros de modo “natural”, no sentido de atender às expectativas produtivas dos grupos sociais. Emile Durkheim seria, segundo Sennett, o maior porta-voz dos solitários enquanto vítimas. Aqui presenciamos a coexistência de linhas de captura oriunda das relações de poder que existiram no mundo antigo, mas que ainda se apresentam nos dias de hoje. Por mais aviltante a realidade deste fato tão atual que fala de falta

de oportunidade, ausência de uma política social do Estado, também podemos ver que Benevides dispõe de meios para negociar, com o seu agressor, uma convivência, no centro da violência que, ao menos aparentemente, consegue conter. A narrativa busca de maneira sutil a intensidade de uma ética possível frente à violência que se apresenta num conjunto de efeitos que obscurecem a fronteira que distingue homens de animais.

Este conto do Rubem Fonseca, por nos trazer uma sensação do quanto ele é atual, próximo de nós, nos faz lembrar nas transformações da subjetividade na virada do século XIX até os nossos dias. Sobretudo nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI. Sua narrativa apresenta o embate entre a razão e a consciência ocidental dos riscos que ela apresenta, ao não conseguir controlar o descomedimento e exagero próprios ao que o indivíduo constrói. São ficções que nos colocam frente a frente com a metamorfose das fronteiras do humano com o inumano, mostrando-nos uma existência insegura e nos aproximando das formas de exílio e errância estampadas nos personagens da arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro.

Augusto agora tem o compromisso de ir lanchar no Timpanas com um velho amigo que mora num sobrado. O velho tem saudades de antigamente. Olha para os prédios com um olhar de tristeza e diz: “Vai ser tudo derrubado”. “Antigamente era melhor?”, pergunta Augusto. “Era.” “Por quê?” “Antigamente tinha menos gente e quase não tinha automóveis.” “Os cavalos enchendo as ruas de bosta, deviam ser considerados uma praga igual aos carros de hoje”, diz Augusto. Em outras palavras, este trecho nos remete às “passagens” de Walter Benjamin (1989). O termo passagem pode ser visto como um conceito benjaminiano no estudo das galerias parisienses na Paris do Segundo Império. A ideia de passagem é vista por nós como uma lufada de ar para o nosso exercício de se pensar a cidade. Ela possibilita a criação de novas fronteiras, aborda os impasses e a própria crise, já que fornece a ideia de ruptura, possibilitando o encontro do velho com o novo numa fronteira tensa e, ao mesmo tempo, rica de acontecimentos, de porosidades.

O andarilho fONSEQUIANO chama Kelly para continuar o passeio: “Não vou a lugar nenhum com você para ver chafariz, prédios caindo aos pedaços e árvores nojentas...” (p. 382). O interesse do Augusto nos faz lembrar do inquieto interesse de Benjamin de ler as ruínas, de fazer falar o aparentemente desprezível numa cidade repleta de incertezas e

ambiguidades. Uma história pela ótica alegórica da ruína, do residual, dos restos. Kelly só aceita ir ver as coisas da cidade depois que Augusto ouvir a sua história pessoal.

Mas não são apenas as andanças e a visitação aos monumentos públicos que devem ser sublinhados na errância do Augusto. Ele não sente vontade de fazer sexo, diz não ter desejo, nem esperança, nem fé nem medo. Por isso ninguém pode lhe fazer mal. Alega que a falta de esperança o libertou (p. 388). Segundo Lúcia Helena, localizados em situações limítrofes, esses personagens protagonizam, nos riscos corridos, uma versão não heróica da existência (...). À medida que continuam sua luta, estilhaçam a ideologia que fabricou a crença na finalidade de um mundo burguês: ser ‘feliz’ à custa de quaisquer ‘meios’, se necessários” (2010, p. 13). O desejo de Kelly se sobrepõe à obsessão de Augusto de escrever um livro. Vínculos que vão ao extremo de uma linguagem estranha entregue à beira extrema de seus sentidos, urdindo a trama cujas amarrações não são vistas.

Em outras palavras, a passagem de uma cena a outra é feita naturalmente. Este conto é dotado de uma imaginação que vai da sordidez à compaixão penetrantes no tecido da vida marginal. Uma realidade tão sombria que pode ser sentida por nossos sentidos. O quê, nesse conto, nos faz fluir e ao mesmo tempo nos desconcerta? Somos levados ao subsolo humano e nos deparamos com a realidade sem disfarce, chocante.

O conto fonsequiano nos faz lembrar alguns textos benjaminianos. Seu foco não era explicar a modernidade urbana, mas produzir uma gama de alegorias no intuito de dar forma à experiência moderna. Benjamin colocava seus personagens na Paris do Segundo Império e Rubem Fonseca coloca-os em pleno Rio de Janeiro do final do século XX. Ambas as narrativas evocam ecos, semelhanças, mas nunca identidades completas.

A história do indivíduo isolado e preso em sua própria vida, sem ao menos conseguir contá-la, talvez por não ter a quem contar, e que, dominado pelo prazer de ver, erra pela cidade cada vez mais crescida e descentrada. Nas ruas com um número cada vez maior de pessoas e de forma labirínticas. Nesses termos, os personagens se misturam num intenso jogo dialético onde o andarilho se torna catador, assume ser conspirador, se apresenta como prostituta, molda-se em mendigo. Quase todos esses personagens participam da cena urbana, tanto na escritura benjaminiana quanto na fonsequiana. Em muitos sentidos, esses textos dão

visibilidade às narrativas de solidão na cidade, montando uma cartografia desenhada com os sentidos, os afetos e a imaginação.

Kelly, a prostituta, é a mais nova aluna do Augusto. Ela fala para ele do seu cafetão como seu protetor. Refere-se a ele como alguém que a ajuda a cuidar da sua saúde: “Ele vai me arranjar dinheiro para eu botar um dente e trabalhar na zona sul. (...) Uma moça não pode viver sozinha.” Seu discurso adensa a ideia de solidão e desamparo. Para Katz, quando um humano busca intensamente a companhia dos outros, é aí que se depara com a solidão. A solidão não é uma doença, mas uma conquista de muitos e poderia sê-la junto com outros. Vale dizer que, quando estamos “em busca de algo”, evidencia intensamente a existência de algo que se consolida, que se faz pulsar no agora e que não se satisfaz somente pelo afeto, tampouco pela presença alheia. Pode a solidão ir contra uma assim chamada consciência normativa do homem contemporâneo? Se sentimos a solidão, precisamos pensá-la enquanto experiência sensível, torná-la pública diante dos argumentos de uma certa razão ou de alguns saberes psicológicos que insistem em vê-la como doença que deve ser curada.

Aprendemos que, para pensar a constituição das subjetividades, além de destinados a estar com os outros, a viver juntos, necessitamos estar sós. A solidão precisa ser pensada como categoria e afeto constitutivos do ser humano. Na medida em que dialogamos com literaturas mais sensíveis ao que acontece na cidade, vamos redefinindo o que seria “estar com o outro”, assim como vamos reexaminando um assim chamado estatuto da solidão. Em outras palavras, o diálogo de Augusto com Kelly nos faz pensar na relação entre literatura e afeto. Este diálogo nos faz ver que podemos precisar da solidão e que é possível inventar modos para sua afirmação. Numa narrativa que transporta de modo cruel e sutil a solidão dos homens, compondo textos que insistem em escarafunchar um certo dilema dos afetos na sociedade contemporânea.

4.2 – A figura da prostituta e a força de sua escrita

“São onze horas da noite e Augusto está na Treze de Maio. Além de andar, ele ensina prostitutas a ler e a falar de maneira correta. A televisão e a música pop tinham corrompido o vocabulário dos cidadãos, das prostitutas principalmente” (FONSECA, 2004:363). Vivemos

um mundo repleto de distrações que nos fazem desviar de uma intenção bem pensada de transformar o presente.

O processo de alfabetização de prostitutas é visto por Augusto como infalível. Ele sempre usa um jornal novo na primeira aula e não utiliza o método de soletração. O nome desta moça é Kelly, com ela serão 28 putas a quem Augusto ensinou a ler em 15 dias. Este método, em muitos sentidos, mais do que um simples método de ensinar a ler, nos faz pensar num movimento outro. Outra gramática da cidade? Outra sintaxe cidadina? Esta pesquisa quer saber sobre o método inusitado do Augusto, neste diálogo da cidade com as palavras.

Kelly era mais uma prostituta que Augusto decidiu ensinar a ler. Ela aceita ser alfabetizada sem perceber a força das palavras. Longe da ótica do seu professor, ela deseja ser cortejada como objeto sexual, sente-se golpeada na sua dignidade de mulher, na sua condição de “desnecessária” mercadoria que já não desperta o interesse de consumo alheio. A tensão se firma entre as duas maneiras de dialogar com a cidade num jogo de forças do prazer e do desencanto.

O sentimento de desprezo que Kelly parece sentir nos faz pensar no desprezo pelo passado da cidade. Como se somente o presente tivesse direito à atenção. Trata-se de refletirmos se a cidade ainda pode ser um lugar possível do desejo ou se é um espaço onde se anda, sem aspirações, movido pela asfixia do medo.

A conduta de Kelly frente ao tabuleiro exibido na calçada da rua nos faz lembrar as coisas ínfimas e aparentemente desprezíveis, reféns do mercado.

Kelly para em frente aos tabuleiros, examina tudo, pergunta o preço dos rádios de pilha, dos brinquedos elétricos, das calculadoras de bolso, dos cosméticos, de um jogo de dominó de plástico imitando marfim, dos lápis coloridos, das canetas, das fitas de vídeo e cassetes virgens, do coador de café de pano, dos canivetes, dos baralhos, dos pentes, dos relógios e das outras bugigangas. [...] na verdade quer andar devagar para pesquisar os tabuleiros dos camelôs. (FONSECA, 1994:615).

A força da escrita denotada nesta personagem se apresenta na possibilidade de analisar tudo com atenção e minúcia. Andar sem pressa na cidade das imagens velozes. Kelly é a expressão ficcional de uma cidade múltipla. Dentro deste contexto, o anseio de Augusto em alfabetizar prostitutas nos faz pensar no quanto a sua atenção e perplexidade frente aos seus

desafios pode ser útil para pensarmos a solidão urbana. Solidão que nos impulsiona a andar pela cidade e montar a nossa escrita.

Uma afinação com aspirações de montagens de histórias, movida por um desejo de mostrar a abundância de detalhes, indica a riqueza das sensações cotidianas, das coisas ínfimas que passam despercebidas pela sua familiaridade. Importam-nos os restos, os resquícios, os interstícios daquilo que é rejeitado, evitado ou ingenuamente esquecido.

Solidões que se montam em cidades inventadas. Peças reunidas em forma de dispositivos de modo que possam captar a complexidade da vida citadina. Cacos, fragmentos oriundos dos velozes e fugazes movimentos urbanos.

Nesses termos, trabalhamos com uma certa tendência a ruptura. Um procedimento construtivo inspirado nas vanguardas do século XX como o Surrealismo. Assim, a montagem se apresenta em Benjamin e nos convoca a dialogar com as imagens, tomando-as em close, ampliando os espaços e os movimentos. A partir desta digressão, buscamos meios mais adequados à investigação dos fragmentos de narrativas de solidão na cidade. Deve-se sublinhar que Willi Bolli aborda esse assunto no seu livro *Fisiognomia da metrópole moderna* (1994), onde apresenta a radiografia da metrópole através de técnicas de montagem. Bolli, inspirado nos seus estudos benjaminianos, nos traz o conceito dadaísta de montagem no sentido de constituição e ruptura da obra. O conceito surrealista de montagem, onde se tenta decifrar os sonhos coletivos de uma época, visto no trabalho das *Passagens* de Benjamin. O conceito de teatro épico, no qual uma das suas funções é a de interrupção da ação e a de não ilustrá-la ou estimulá-la. Os seus efeitos não são vistos como fins, mas meios. No teatro épico, o ator tem várias funções, e seu estilo de representar varia de acordo com cada função. Espaçar os gestos. Mostrar e ser mostrado. Ver o assombro como uma capacidade que pode ser aprendida, vivendo os fluxos e refluxos da vida. O conceito jornalístico de montagem, no qual a técnica era a de um *layout* não linear, posição multidimensional da escrita, incorporando as tensões gráficas da publicidade. O conceito cinematográfico de montagem, pelo qual o cinema realiza de forma radical o princípio da fragmentação: os elementos isolados que “não significam nada”, o sentido nasce de uma combinação nova. A coletânea de materiais e montagem. Nela, Benjamin diz que não tem nada a dizer, só a mostrar. Aqui, Benjamin quer dizer que não quer inventariar nada, mas utilizar materiais. A montagem como desmontagem

pressupõe um trabalho de destruição e desmontagem. O objetivo é formar uma constelação onde o passado se junta com o agora para explodir um *continuum* da história. A montagem como arte combinatória: “ensaio cinematográfico e “radiografia da metrópole” é onde cinema e sonho fornecem a Benjamin subsídios para construir um “organon da história”. A montagem em forma de choque nos remete à técnica benjaminiana de renunciar a qualquer interpretação explícita, realçando as significações somente por uma montagem dos materiais em forma de choque. E, por fim, a montagem por superposição que, consoante Bolli, é a mais propícia, entre as técnicas benjaminianas de montagem, para radiografar o imaginário coletivo.

De um modo ou de outro, essas técnicas de montagem nos ajudam a criar uma radiografia das mentalidades sobre as agruras de viver numa cidade como a do Rio de Janeiro, pois os fragmentos de narrativas sobre a solidão urbana são colhidos como pistas para pensarmos a constituição do presente. Estes fragmentos de uma história social contemporânea nos convocam a ir além de um simples olhar que indica os espaços protegidos pelo conforto de um pensamento precipitado em sua distração ou ingenuidade. Nesta proposta, o que os olhos veem forjam encontros de pensamentos manufaturados que desmancham as tramas preexistentes.

Para a montagem ter vida nesta pesquisa, é necessário ser movida por mãos estrangeiras que confeccionam sua multiplicidade de traduções como simples ornamento da realidade. Nosso texto literário quer ser povoado por narrativas montadas por chamamentos do agora passível de intervenções provisórias. Um esforço por abrir outras fendas, outras porosidades no mar citadino das emoções entranhadas na solidão do eu.

4.3 – Experiências Urbanas

4.3.1 – Deambulações

Errar uma vez, duas vezes, três vezes para errar outra vez. E assim erraremos inúmeras vezes nas nossas errâncias por trajetos desconhecidos do eu. Deambulações libertadoras das armadilhas de linguagens desprovidas de erros, prescritivas, interpretativas. Avançamos trêmulos, movidos por sacudidelas bruscas, Tateando a cidade e o nosso pensamento. Perder-se e aprender nas dobras da experiência de uma verdade onde produzimos o incógnito, o pavoroso e o desconcertante.

As andanças observam a dissolução dos mistérios da razão nas entranhas do cotidiano na cidade. De nada nos servem o impenetrável, tampouco as leituras apressadas. Também não passamos por alamedas que não tenham rastros do inumano e do irreal. Cabe observar atentamente nossos impulsos para percorrermos a fisionomia do real e do infinito e assim pensarmos nossa relação com o incognoscível.

Estamos falando sobre o que possa estar invisível sem estar escondido. O invisível como plano de virtualidades, no qual não há formas, plano do porvir, por isso potente. Sendo assim, podemos criar acessos, produzir métodos que possam dar passagem a outros modos de subjetivação. O resultado dessas errâncias advém de um espaço rico das nuances de linguagens que borram contornos. Vale dizer, uma certa polifonia longe das intenções de um eu.

A extensão da imagem e a extensão do transitório são inseparáveis, como a própria dimensão do erro em nós. Os “fatos me erram e as imagens me guiam”, como disse Jean Marie Gagnebin no posfácio de *O Camponês de Paris*. Errar tem a ver com a perda das indicações familiares para dialogarmos com o que não nos é familiar, o que nos desassossega e nos apaixona. Assim, a cidade deixa de ser palco das certezas da razão, abrindo ruas com paisagens fugidias e porosas. Esta cidade é abordada na literatura porque observa o incognoscível que transparece nas tramas cidadinas. É o invisível que advém da própria dinâmica da linguagem, e não da consciência ou da intenção de um sujeito soberano. Assim, nos guiamos com a leveza lúcida que guia os passos errantes do Camponês.

Nossa proposta de deambular ou de errar pelas ruas do Rio de Janeiro reencontra-se com o movediço, o fugaz, o que se esvai, relacionado à história, à cidade e ao pensamento.

Ao andar pelas ruas, captamos rastros do que não está concluído. Rastros narradores de histórias anônimas como recurso contestador das violências que debilitam nossa força política, criativa, inventiva. Uma cartografia afetiva, configurada com mãos que reescrevem a cidade e olhos que se deslocam de acordo com a sensibilidade afetiva. Experiência sensível que dialoga com o que soçobra na cidade, com o que insiste e persiste em meio às imagens velozes e fugazes. Nesses termos, se apresentam outros olhares para ver além de uma dimensão de mercadoria.

4.3.2 – Homem de papel

Seu posicionamento é estrategicamente localizado. Sua postura é esguia e emprumada. Seu silêncio não fornece suspeita. Em uma das suas mãos, um grande volume de papéis. Na outra mão, apenas um pequeno número. Seu braço estendido captura o transeunte com a mesma audácia e agilidade do anúncio publicitário. É difícil para o observador desviar da velocidade daqueles movimentos treinados para serem descartados a cada pedestre. Abre-se uma fenda entre o corpo publicitário e a parede. Corpos tentam penetrar. Rapidamente, os poucos prospectos trocam de mão numa busca voraz pelo consumo. Algumas pessoas passam num grande esforço para não cair. No seu silêncio, o homem não esboça qualquer vestígio de vazio ou confusão. Os papéis com anúncios escondem, sem êxito, as marcas do cansaço exibidas no seu rosto. Ele parece não se importar com nada. Está longe dali. O sinal abre e uma multidão vem em sua direção. Ele não pode revelar os segredos do seu cansaço. Rastros de um corpo insólito no meio da calçada, os quais ele ignora, concentrado na publicidade. Seu silêncio traz outro movimento na cidade. A publicidade pelas mãos cheias de fragmentos que preconizam a história dos humildes de corpos sem nome e descartáveis. O homem dos papéis sorri para uma mulher na tentativa de diminuir o seu cansaço, mas a mulher passa indiferente. Seus olhos vermelhos procuram por algo para além dos anúncios do papel. Este mirar, tal como um *flâneur* que vai à feira, tão bem descrito por Walter Benjamin, não é para olhar, mas na verdade já é para procurar um comprador (1989:30). Atravessado pelo calor escaldante de verão, sua pele negra reluz mais que as filipetas em suas mãos. Seus dedos extasiados tentam manter os papéis em organização. Muitos já estão molhados e marcados pelo que seu corpo produz. O jovem homem tenta uma última investida. As pessoas já não pegam tantos papéis e ele já não apresenta tanta desenvoltura. As cidades prometem empregos fáceis dentro de uma lógica de função prática e descartável. O corpo do jovem homem que se torna prático e descartável, localizando-se estrategicamente num mercado que transforma o corpo em mercadoria. Esse corpo, assim como outros corpos, vai se desvitalizando frente aos olhares e à fome.

4.3.3 – As rugas da fome

O homem na porta da padaria propunha algo. Sua fala era baixa e confusa. Seu esforço visível se misturava aos movimentos velozes do caixa registrando as cifras. Sua aparência física refletia uma profusão de efeitos que fazia o observador distraído pensar na perenidade da sua essência. Ele era velho e curvado aos desvitalizadores muros que a entrada da padaria lhe oferecia. Seus olhos refletiam o brilho opaco de um teatro de sombras. Suas roupas pareciam alimentar a potência do constrangimento de qualquer tentativa para a conclusão de suas histórias. Mesmo assim, ele investia adentrar na padaria. Não esboçava poder de compra. Não trazia a simpatia de uma manhã dominical. Os dedos velozes do caixa em conluio com o olhar de rapina tocava sorrateiramente a aproximação da silhueta enrugada discordante da vida em harmonia. Seu braço se estende com um copo vazio como a cidade esvaziada pelo terror. Cada pedido de ajuda era rejeitado na inexistência de um atributo da substância. O observador não o rejeita, coloca-o no cerne da sua narrativa. Sua presença desmascara a fraqueza, a impotência e o incômodo como elementos de uma história fechada. Sua fala segmentada sopra o impalpável e o indizível de um presente que se anuncia. Transitando pelo seu interior, o velho magnetizava o inesperado, dissonante e plural num dia de domingo na padaria. Os dedos ágeis do caixa perdem terreno para o seu olhar que se fixa numa luminosidade emancipatória da razão. Em poucos segundos, olhos e rugas estão frente a frente num enfrentamento combativo de mortes na cidade. É hora de demarcar espaço, de impor limites. Um toque de alerta para a política do temor que esgota a cidade por meio da assepsia, num jogo entre geometrias e existências humanas. Nesses termos, montamos as nossas experiências urbanas. De uma simples e corriqueira cena cotidiana de um homem idoso que solicitava algo em frente a uma padaria, extraímos parte das nossas histórias.

Ítalo Calvino, no seu livro *Seis propostas para o próximo milênio* (1990), relembra suas primeiras leituras de infância ou a imagem visual que guarda delas, salientando a importância de seu papel na criação e composição das suas histórias. Em seu livro *Cidades Invisíveis* (2003), aborda de forma primorosa as políticas da subjetividade na dimensão do que nunca acaba. A cidade, para Calvino, é o lugar onde todo o possível é convocado, onde se podem extrair conclusões plurais.

Quebrar a cidade em sua superfície. Em *Seis propostas para o próximo milênio*, Calvino vai retratar a tensão entre os traçados geométricos (o cristal) e as existências humanas (a chama). O cristal, com sua precisão e sua capacidade de refratar a luz, é a imagem da constância e da regularidade. A chama é a imagem de uma constante agitação interna. O cristal tem a ver com o geométrico, a solidez e a exatidão. A chama conota a fluidez e a pulsão. As imagens do cristal e da chama, mesmo que opostas, nos fazem pensar na existência de duas formas de escrever e ler a cidade. Precisamos da forma cristal, sem esquecer da chama como um modo de ser. Tanto o cristal quanto a chama nos ajudam no entendimento das tensões entre a razão geométrica e os afetos na composição de cidades durante as travessias das ruas citadinas.

4.3.4 – Travessia

O painel digital anuncia os poucos segundos que restam. Assim o observador tem pouco tempo para decidir. No centro da cidade, respira-se transição e mudança. O desejo de permanecer cala qualquer transeunte. São linhas tênues que decidem um tempo de tranquilidade. Uns empacam no meio-fio, outros desviam o caminho. O observador alcança com o olhar os que se atrevem à travessia. Nas ruas largas, a mistura de ruídos confunde o movimento dos carros em alta velocidade. Informam ser descartável arriscar poucos segundos. O barulho e um corpo no chão. Um vestido vermelho invisibiliza a vida que se esvai, contrastando com as fachadas dos prédios que exibem uma racionalidade a tudo que é externo. Majestosos, todavia diminutos, pálidos com a cor que se anuncia. O observador torna-se minúsculo em sua ansiedade por circular entre os vermelhos que se fundem com a paisagem, buscando ouvir a voz do desconhecido. Durante a noite, o centro é deserto. Não existe qualquer sinal que mostre algo que não seja passagem. A suntuosidade das fachadas tenta, sem sucesso, subjugar o vermelho acontecimento em cenário. Por mais que o observador esteja impactado, o episódio vai se transformando em mais uma manchete de jornal. Publicidades que se infiltram não só nas construções, como também no corpo que pulsa ao chão, esboçando os segundos que lhe resta.

4.3.5 – Marcha profana

O impacto visual era de uma procissão. Sacerdotes de uma cerimônia citadina eram seguidos por homens de branco que entoavam uma silenciosa marcha profana. Imagens ou relíquias dignas de admiração. Seus corpos exibiam marcas dos hospícios que contrastavam com as imagens desencarnadas do progresso científico. A frente destes seres, homens de branco, fazendo vislumbrar outros corpos, davam direção vitoriosa da razão médica que rompe ínfimos fragmentos de uma vida equilibrada. O manicômio exibia seus produtos que adentravam insolitamente nas ruas da cidade. O observador tentava fazer daqueles pedaços de existências a presença outra de afetos. Quem os escuta, torna-os fragmentos disponíveis em corpos turbulentos à procura de parcerias. O andar daqueles homens, engessados nos seus desencontros, anunciavam o desvio das dores estampadas no isolamento. Por que aqueles corpos carregam o silêncio da cidade de rumores velozes? Dobraram a esquina. A perda visual daquela procissão deixou vozes que atravessaram as janelas do pensamento do observador. Sussurros que provocam estranhamentos. Murmúrios que nos deslocam de nós mesmos. Clamores que convocam a contar outras histórias. Após esta passagem, a cidade aumenta seus entrelaçamentos de procissões sagradas e profanas. Aquele passeio de homens lançou mixórdias, promoveu súbitos acontecimentos. O que era para ser uma simples atividade terapêutica de um frenocômio citadino trouxe a voz dos excluídos, tornou visível a mensagem de seus gestos, descrevendo a sua cotidianidade. Diante de uma aparente derrota, estampada nas camisas de forças químicas em seus corpos, inserem-se processos de sentido que igualmente insistem em burlar o poder e a razão que também insistem em governar a cidade, nas assim chamadas cidades invisíveis.

Tão invisível quanto às cidades de Calvino (2003), a força do pensamento foucaultiano nos faz pensar e ficar atentos ao que nos escapa e as linhas benjaminianas nos animam ao encontro das cidades possíveis. Ler a cidade como se fôssemos estrangeiros que buscam outros sentidos para ela, pois estes modos de pensar nos falam da história como corte, como interrupção. É a história dos anônimos, onde o que nos move são as coisas ínfimas, o aparentemente desprezível. Este rasgo nos faz pensar que mudar a vida é deslocar o sujeito de si, provocar paradoxos e forjar novas indagações. Invisível que nos impulsiona a ler a cidade de outra maneira. Invisível que nos empurra para algo que possa acontecer. A nossa escrita

sobre a leitura da cidade entende a visibilidade como método que trabalha no plano de uma visibilidade incomum, com a investigação do que as coisas ínfimas do cotidiano da cidade têm a nos dizer sobre os impasses de viver nas cidades: proposta cara à nossa pesquisa. Nosso estudo é realizado nas intercessões da arquitetura com a política e da literatura com a filosofia. As indagações provocadas por esses encontros teóricos nos permitem esboçar um desejo de compor histórias na cidade. Uma narrativa dos encontros, dos afetos rumo às linhas de força que compõem a experiência urbana. O que mais podemos esperar de textos que falem sobre a leitura da cidade?

Texto quer dizer tecido, mas enquanto até aqui este tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por traz do qual se mantém mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nesta textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções constitutivas da sua teia. (BARTHES, 1993, p. 83)

Cidades que emergem da cidade em seus infinitos ângulos que inscrevem a cidade imaginária cifrando regras de legibilidade. Precisamos de meios. Michel de Certeau (1994) nos diz que a cidade é o palco de uma guerra de relatos. Sendo assim, pensamos “as maneiras de fazer cotidianas” das massas anônimas, numa aparente “desordem” citadina composta em cenários passíveis de serem utilizados no estudo das subjetividades. Uma profusão de gentes, falas, gestos e movimentos, compondo uma invenção cotidiana de caminhos nas cidades que Calvino relata no encontro entre o cristal e a chama. Atravessados por estes itinerários, sinalizados por estes dois autores, caminhamos por escrituras que bifurcam em cidades na cidade, movidos pela tensão constante entre os pequenos discursos cotidianos, a captação do efêmero, do instante fugidio. Assim se apresenta a nossa errância à cata de versos que se confundem na abundância de imagens e na intensidade de gestos estampados, numa cena de caos urbano que presenciamos.

4.3.6 – Excessos

Um outro dia se anuncia e, com ele, as ruas e os bueiros repletos de água. As pessoas andando a esmo, com seus semblantes exibindo um misto de cansaço e pavor. Um dia sem lucro para o comércio invadido pela lama dos bueiros entupidos. De repente, um barulho

insólito em plena metrópole. Um hipermercado aberto a pleno vapor. Uma máquina na sua lateral anuncia um funcionamento descontínuo. Este supermercado tem um gerador próprio onde o consumismo desenfreado segue indiferente ao apagão na cidade. Máquinas de máquinas com suas conexões: gerador que eletriza corpos em desmanches de corpos miseráveis apenas na aparência. Uma máquina-órgão é ligada a uma máquina-fonte. Uma emite um fluxo de que a outra se alimenta. Máquina que produz máquina para comer. Cada corpo com sua máquina sobre rodas desvia do caos que se amplia lá fora. Corpos movidos pela certeza de que isso funciona, produz alguma coisa. O passeio pelo supermercado traz muitos sentidos ao observador. Sua visão prismática dialoga com os corpos que se recombina com a cidade-texto trazendo a cidade imaginária nos seus mínimos traços. Esse momento nos faz novamente pensar na descrição das cidades invisíveis feita por Ítalo Calvino (2003). Suas histórias, estampadas no relato de cada cidade que o seu personagem principal, Marco Polo, visitou, circundam elementos do mundo moderno e nos fazem pensar o agora. Imagens de cidades que ganham cor conforme os olhos errantes que se movem no tempo e no espaço. Suas áreas provisórias atravessam campos e percepções e auxiliam-nos a compreender o homem moderno. Dentro do supermercado que despreza o caos urbano, novos sinais anunciam novos trajetos indispensáveis à percepção do andarilho que insiste em ver a cidade em seu vão, em suas rasas.

Fora do supermercado não tem luz, não tem carros nas ruas, só água, lama e lixos. Pessoas ilhadas esperando as águas baixarem. Toda velocidade cidadina é freada pela frente fria. Não existe nada a fazer a não ser esperar numa cidade que nos faz temer e circular. O efeito das chuvas desconcerta os ávidos pela cidade cartão-postal. A frente fria mostra uma cidade povoada por vozes de revolta e indignação que recusam a cidade morta. A madrugada tempestuosa traz a escuridão da barbárie avessa ao ceticismo da razão contemporânea. O caos urbano gerado pelas chuvas nos faz pensar na experiência urbana enquanto inacabamento das análises. A tempestade desestabiliza nossas verdades conclusivas sobre a metrópole.

Outro dia se anuncia. Com ele, o observador se depara com um canteiro de obras onde operários aguardam ordens para tocar o obra. A cidade da ordem interroga os interstícios da crise. Intensa, às vezes cínica, ela assume uma inexorável guerra a qualquer sentimento nostálgico de uma urbe sem conflitos. Pedestres na esquina falam ao celular na busca de

condições de travessia nos desvitalizadores empecilhos dos efeitos das águas. Uma mesma curiosidade é compartilhada por todos para compreender as talhas que compõem a cidade contemporânea. Corpos encharcados lutam com galhardia. Parecem não se deixar afetar pela inércia do momento. As vozes ao celular, no canteiro de obras e nas calçadas inundadas montam a cidade polifônica que respira no desenho de outras urdiduras cidadinas.

Cidade parada em plena hora de aceleração do rush. Aeroportos fechados para pouso e decolagem. Muitos trabalhadores ainda não chegaram em casa. Seus passos cambaleantes refletem um outro desenho na cidade. Nestas linhas descontínuas se apresenta um material imprevisível, volátil e minucioso que abriga tanto o digno quanto o infame, tanto o memorável quanto o aparentemente desprezível para o estudo das cidades. Estes acontecimentos nos impelem a montar uma escrita incomum sobre os estudos da subjetividade. A cidade após a tempestade produz outros caminhos criados na espera, no desvio e na ousadia. Na mistura das águas se apresentam narrativas misturadas de “cidades invisíveis”.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiro tempo de saída

Chegamos à hora de dizer que muitos passos foram refeitos e vários ciclos de escrita se apresentaram. Todos eles nos ajudaram a compreender as histórias descontínuas com seus textos encarnando um intenso inacabamento. Estes acontecimentos nos trazem o frescor das histórias inacabadas, sobretudo numa metrópole vista como desigual e com tantos desencontros. Desenhamos uma espécie de mapa. Nele estamos imersos nas situações preñes de detalhes e impressões. Assim montamos proposições de uma polifonia. Vozes em forma de itinerários prontos a serem seguidos nas trilhas do pensamento crítico sobre a vida urbana.

Andamos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, atentos aos cheiros, sons e imagens como experimentos na cidade. Procuramos usar um certo anonimato no meio das misturas de sensações, sem esquecer do referencial teórico por nós escolhido dentro de uma aposta na sua intensidade criativa de combate.

Na reclusão necessária da nossa escrita, em casa, na rua ou na academia, forjamos parte da nossa compreensão sobre a solidão urbana processada nos seus discursos e narrativas que encontramos ao longo da pesquisa.

No lugar das conclusões apressadas, nos encantamos com as histórias inconclusas. Em vez de ideias universais, exercitamos o pensamento “descontínuo”. Na solidão necessária que renova o nosso fôlego para enfrentarmos as totalizações e homogeneizações, inventamos as primeiras linhas do nosso presente, ou melhor: apontamos desvios, descaminhos do que no presente se apresentam como inevitável.

Nas trilhas deixadas por estes modos de pensar, abrimos picadas nos recônditos da vida urbana à espreita do inefável e do que destrói as falsas profundidades do eu. Literatura e filosofia no exercício do pensamento, na tocaia dos instantes fugidios da história. Por uma leitura da cidade oriunda de um pensamento crítico que nos convoque ao desvio de um certo exercício totalizante da razão, para irmos ao encontro do aparentemente desprezível, estranho e desviante. Ler a cidade em sua fugacidade e transitoriedade. Projeto ousado, pois envolve o encontro com a fragmentação dos instantes. Esse encontro é movido por uma literatura como escrita aberta.

Pensar o ato de escrever é pensar o devir, sempre passível de acabamentos, eterno fazer-se, que transborda toda substância vivível ou vivida. Escrever é processo, é passagem de vida que põe de través o vivível e o vivido, seja ele na obra, no livro ou no diário. Assim, fomos registrando as coisas que nos afetavam no cotidiano, os acontecimentos que os momentos determinam, sem fazer disso uma revelação, pois não há nada a descobrir. Maurice Blanchot (1987) se refere a um “Memorial”, onde o escritor escreve apenas para não perder o norte, o rumo, para recordar corretamente o instante em que escreve. Uma escrita movida pelo movimento das horas, onde quem escreve não tem a preocupação com uma verdade, mas com narrativas de histórias possíveis. Assim, estamos na deriva dos instantes, à mercê da deriva que o dia a dia lhe favorece, vivendo as dúvidas oriundas dos instantes, por isso a escrita intensa.

Foucault (2002) fala do surgimento de outras literaturas mais conectadas aos acontecimentos. Literaturas que decompõem e deformam nossa visão sobre a cidade. Modos de pensar que desfazem o real trazendo novas modalidades de experiências e com elas, outras leituras urbanas. Esta sensibilidade ao que acontece na urbe acontece no encontro com as vidas infames que Foucault (1992, p. 93) descreve como “existências-clarão” ou “poemas-vida”.

Se ouvirmos, olharmos ou lermos algo sobre as cidades, doravante imaginaremos os rastros que cada texto, em suas sonoridades, visualidades e sintaxes escritas, insiste em mostrar. Assim, buscaremos apreender e aprender na poética da cidade o que escapa aos olhares desatentos. Numa multiplicidade de olhares sobre a cidade, tecida em redes de relações de desejo e desassossego, criaremos espaços para a criação de cidades na cidade.

No silêncio e na ausência do que nosso olhar desatento insiste em se ater, dialogaremos no limiar dos tensionamentos das relações. Num misto de medo e fascínio, encontro e perdição, abraçaremos os instantes fugidios que transformam ausências em presenças marcadas pelo esforço de ler a cidade como pretexto para acreditar no porvir.

Em outras palavras, aprendemos um pouco da arte de pensar a existência do que parece não existir. Insistimos em dialogar com o que insiste em sobreviver neste mundo onde precisamos de empenho para produzir um pensamento crítico sobre o viver nas cidades. Queremos continuar encontrando literaturas que atestem uma ética da existência. Literaturas

que nos desalojem de possíveis zonas de conforto. Escrituras que convoquem o exame crítico das agruras da vida e busquem saídas, formas de escape, de êxodo, de exílio a um certo tecido social fragmentado, composto de imagens velozes e fugazes, produtoras de sentidos instáveis.

Dentro deste escopo do que seja ou não literário, desejamos falar da literatura contemporânea fazendo uso de alguns termos disparadores da discussão. Uma literatura que fala do agora, da salvaguarda do evento e que traz as dúvidas oriundas dos instantes. Esta questão mostra um pouco da inquietação dos homens na sua passagem pelo aqui e agora da existência. Que imagem podemos trazer para mediar nossas reflexões? *Pela literatura, [...] a coletividade passa à reflexão e à mediação, adquire uma consciência infeliz, uma imagem sem equilíbrio de si mesma, que procura sem cessar modificar e melhorar* (Jean-Paul Sartre - Situações I: crítica literária).

Estamos, entretanto, muito distantes das intensas aproximações entre o intelectual e a fragmentação em sua intenção de examinar de modo consequente o desespero humano. Na contemporaneidade, esta fragmentação em forma de dilaceramento parece ter desaparecido. Logo, desaprendemos a lidar com nossas insatisfações e desassossegos.

Parte da nossa insatisfação vem da dificuldade de habitarmos o território da escrita onde a obra se converte em literatura. Talvez, se tentarmos esboçar a tal literatura por nós alvejada, tiraremos proveito dessa potência de escrita. Uma literatura capaz de pensar a existência do que parece não existir e que assim participe conosco de um certo substrato da experiência. Uma literatura que examine criticamente a dor e a cruza de vidas desprovidas de paz e de conforto, oferecendo ricas indagações para que se consigam equacionar algumas das tensões que proliferam no cotidiano dos que se sentem sem saída ou buscam formas de escapar. Longe das complacências românticas, do que devemos nos recordar sabendo que existem coisas que foram feitas para se esquecer? Tudo que agoniza e se despoja de uma verdade. Assim, saímos do conforto que nos impede de efetuar as nossas correspondências com o mundo.

Partindo de uma certa geografia incessantemente reinventada, a qual arrasta as palavras de um extremo a outro, tomamos a literatura como uma espécie de passagem entre textos. Assim, trazemos uma imagem que provém do poema “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto. Uma imagem que traz uma teia de textos entrelaçando-se uns aos outros e carregando de novas forças um conjunto de valores fundamentais de solidariedade, a ser

estendido como um tecido ético, sutil e estético e que não só estende a manhã, como possibilita divisar a renovação do amanhã para os homens.

Este entrelaçamento nos faz pressentir uma certa metamorfose a que estamos expostos. Num caminho que nos ladeia, anunciando um errar sem fim. Parece ser bom quando a nossa consciência sofre abalos, ferimentos, pois isso nos torna mais sensível a cada estímulo.

É neste território que se dá o processo de constituição das subjetividades que interagimos com o precário, o que falta e o que parece estar em ruínas. Desse encontro, surge uma escrita de desassossegos que nos fez pensar que, se a solidão estiver encarnada no indivíduo, também estará encarnada na cidade e no mundo. Num mesmo movimento que parece nos deformar, nos renova no exercício de ver e pensar a cidade, pensar a vida e pensar o mundo.

Deformações movidas por potências de alteridades desconcertantes que abalam os muros da privatização da solidão. Deles só restaram cacos de tijolos e de argamassas possíveis para a montagem de uma ética que recuse as armadilhas dos limites do que somos. Assim, avançamos ao encontro de formas outras de movimentos de ideias na cidade. Estamos atentos ao que soçobra como cacos da história. Fomos convocados para montar palavras dos seus pedaços possíveis de outras sintaxes. Episódios urbanos entre ruas e esquinas de uma montagem por vir.

Na encruzilhada dos conflitos na cidade, pinçamos linhas de força na urdidura da cena urbana. Este foi o nosso exercício de pensamento na tocaia dos instantes fugidios da história. Produção de um pensamento crítico, no desvio de um exercício totalizante da razão, rumo ao aparentemente desprezível, estranho, anônimo e desviante. Nós não nos interessamos em ver a potência nem a fraqueza de quem vive sozinho, mas em fazer uso dessas experiências para pensar a cidade, o mundo e a vida.

Andamos pela cidade desprovidos de intenções de buscar essências ou verdades. Cogitamos a experiência em fronteiras tênues da imaginação na combinação de outras imagens da cidade. O importante não foi a cidade, mas a nossa relação com ela.

Uma vez vencidos pelo que nos atravessou, experimentamos finitudes necessárias no limite da experiência e na experiência do limite. Nossos experimentos aconteceram na fronteira do que se fragmenta e do que se desdobra. Foi na dobra da solidão que compareceu o

exercício da nossa escrita. Ao olharmos o vir a ser experiência urbana, deparamo-nos com dispersão e atividade dotadas de sentido como unidade de uma trama chamada urbe.

Se o sentido da experiência urbana se constituiu na narrativa, seu funcionamento se configurou no sentido que demos a cada experiência. Este sentido foi produzido na dobra do que vemos com o que contamos. Poderíamos pensar que as condições de possibilidade desta atividade é um acontecimento dotado de instantes incomuns.

Para que o urbano torne-se experiência, precisamos assegurar sua multiplicidade fugaz e errante que tem sempre uma face indeterminada. Essa dimensão é passagem ao desconhecido e ao que não podemos antecipar. O ignorado faz da experiência urbana uma construção de sentido daquilo que nos passa, nos desintegra e nos atualiza.

Mostrar uma experiência é exhibir um desassossego que renova a nossa atenção e a nossa escuta. Olhares e escutas que abrem espaços para outras inquietudes. Habitamos o vazio das coisas e fomos atravessados por deformações geradoras de outros sentidos.

Experiência urbana como desabamento que nos permite ser o outro do outro em nós num eterno refazer dos sentidos. Nossos passos foram movidos por inquietações que nos convocaram para formar um pensamento crítico sobre o viver na cidade do Rio de Janeiro. O que acontece na cidade e me toca me faz pensar, olhar, andar mais devagar, sentir mais devagar, repousar nos detalhes, preservar a atenção, habitar a lentidão.

Em outras palavras, verificamos a solidão em sua polifonia e polissemia, estampadas nas falas e nas palavras que nos fazem pensar que o problema não é nos deixarem sós, mas não nos deixarem o suficientemente sós para inventarmos outros modos de existência. Tanto nas ruas, como na clínica e na nossa imaginação, somos povoados pela dialética do viver junto e do viver só. Em seu rastro, as literaturas sobre o urbano nos fazem pensar na dialética do mundo e desviar das estruturas aprisionantes.

Um outro olhar se traduziu no andar pelas ruas do Rio de Janeiro à cata de palavras sobre a experiência da solidão. Existe uma ética neste andar. Ética da atenção, em que o que está em jogo não é ficarmos mais sábios, mas ficarmos mais atentos. Não apenas como atitude ética, mas como processo do andar, usando as ruas e experimentando os choques e os embates que acontecem na cidade. Um caminhar moroso, movido por um pensamento sem pressa de experimentar territórios de confinamentos e confrontos. No final de cada dia de experiência

urbana, produzimos uma escrita, ao modo de uma cartografia dos afetos e sensações. Esta abundância de impressões e sensações deságua na montagem de narrativas sobre a solidão urbana. Logo, abriram-se fendas num campo de incertezas e embates imprevistos. Entendemos o campo da experiência dentro de uma riqueza de sensações onde o nosso corpo funciona como condutor da experiência da escrita urbana.

Não fomos movidos por dias previamente estipulados, mas impelidos pela mesma criatividade que invade a cidade em meio ao ato de desassossego, frente à sensação de insegurança que habita as ruas. Misturados aos transeuntes que reivindicam uma urbe segura. Entre as calçadas e as ruas, procuramos o prenúncio de palavras na montagem de outra geografia da cidade, as quais possam romper com a intimidação dos espaços monitorados. Assim, lidamos com um espaço público que não se resume a subjetividades privatizadas, que não se interrompe em medos paralisantes ansiosos em descobrir imagens familiares e sedentas para contemplar a cidade cartão-postal. Também é na face inacabada da imagem que se produz a nossa escrita.

Se o diário enraíza o movimento de escrever no tempo e na humildade do cotidiano datado, ele também nos serve para pensarmos a literatura composta de narrativas que discutem o embate entre a razão e a consciência com todos os riscos que ela possa apresentar. Neste mundo contemporâneo, que é um misto de velocidade e paralisia, tornamos os dias uma metamorfose de paradigmas e fronteiras de despreocupação com o verdadeiro. Uma literatura que fala do agora e dos instantes fugidios do dia a dia. Este assim chamado rigor da escrita se torna literário porque tem um compromisso com a existência insegura e o devir incerto das errâncias e dos exílios na vida e na morte. Nesses termos, vamos desenhando o estudo da subjetividade e a experiência de solidão.

Em cada momento, a solidão pode ser vivida de uma forma especial. Solidão como desprendimento de si mesmo, onde a singularidade não se reduz, mas nos convoca a distância que traz o desconhecido e nos faz descolar de um sentido familiar.

Esta linha de raciocínio aponta para a ideia do indeterminado que passa a fazer parte do pensamento. Nada mais é do que um exercício de errância em busca de uma escrita impessoal, anônima e interminável na sombra dos acontecimentos. Assim, entendemos o nosso ato de

escrever como algo interminável e incessante. Algo que nos priva de nós mesmos e nos silencia. Este silêncio nos faz pensar na solidão, aprimorando o seu entendimento.

Maurice Blanchot (1987) aborda a solidão como um acontecimento que põe o nosso pensamento em suspensão para nos fazer sair da reconhecimento e acessar o plano de uma potência infinita. Estamos falando de uma experiência de deixar vir. Ser afetado pela distância, pela assim chamada “solidão essencial”. Essencial porque é o movimento sem expressar um determinado conteúdo. É o exercício do pensamento no seu limite, como introdução do novo onde tudo se desfaz no limite do que já foi construído. Por isso a nossa aliança com a literatura. Ela provoca essas experiências desestabilizadoras numa linguagem com sentido num intenso burilar das palavras, brincando com elas.

Uma literatura que põe em cheque a soberania do sujeito. Literaturas que contenham experiências limites e preparem a cultura para uma relação com aquilo que ela rejeita.

O tema solidão urbana nos provoca uma atenção redobrada para uma ideia apressada de que a cidade produz solidão. Esta nossa postura quer desviar de uma noção romântica onde as pessoas querem voltar para a natureza para evitar a solidão. Cremos que tal intenção só alimentaria uma fratura entre subjetividade e cidade. Nosso primeiro passo é firmar nossas alianças com os autores que tematizaram a solidão urbana como um estado para além da passividade. Procuraremos usufruir esta aliança enquanto ela for necessária à nossa pesquisa. Assim, desejamos observar os aspectos cotidianos da vida relacionados aos modos de experimentar e pensar a solidão urbana, entre choques e desassossegos, inventando outras maneiras de escrever.

A escrita blanchotiana comparece na nossa pesquisa que quer pensar as narrativas em forma de fragmentos de solidão na cidade. Em fragmentos de fôlegos que compõem linhas descentradas, guiadas pelas circunstâncias das nossas composições que deslocam as verdades para centros esquivos e incertos.

Parece que aprendemos algo com Blanchot sobre o valor da literatura na nossa pesquisa. Nosso empenho na montagem de textos que falam da experiência urbana também nos traz os atravessamentos do estar só. Solidão da escrita, da cidade e do mundo. Uma única solidão essencial que desvia do isolamento complacente do individualismo numa tarefa que já nasce interminável. Este sem fim que fala de um recomeço e de uma destruição para celebrar, com

Paul Valéry, o privilégio do infinito. Não se trata de uma sensação de conquista, pois as coisas escapam, fogem num trabalho sem fim. Logo, nascem linhas inacabadas dentro deste contexto e a literatura é um aliado valioso na composição do desfecho que lhe é imposto. Fora disso não temos nada, a não ser um eterno inacabamento. Tramas de imagens e sons sucessivos que se apresentam em gestos sutis, para, em seguida, e da mesma forma, nos deixarem. Literaturas do incompleto, ficções do inconcluso que provocam experiências em plena cidade do Rio de Janeiro.

É preciso aprender a ser só. As imagens do conto e das experiências urbanas são concisas. Toda a tensão é jogada sobre a imagem e o choque que pode provocar no leitor com a relação entre os personagens. Não se apresenta nos personagens uma expressão interiorizada, por mais que pensemos nas subjetividades privatizadas. Não se pode deixar de incluir o “olhar indiscreto” de um narrador que, nas assim chamadas experiências urbanas, tenta parafrasear o personagem fonsequiano, Augusto, em seu diálogo com a cidade.

Antes de pensarmos em achar, pensamos no quanto é relevante procurar. São as indagações e não as conclusões que abrem fendas, porosidades na pesquisa. Por isso, considerações finais fazem mais sentido que uma conclusão.

Nos passos errantes da nossa caminhada, lembramos do que aconteceu e equivocou a nossa compreensão sobre a solidão. Lembramos do grande entusiasmo do início da pesquisa e dos encontros na cidade que dali se originaram. Fragmentos de desassossego numa intensa narrativa inicialmente esboçada num coro de vozes e num desenho de imagens de cidades na cidade do Rio de Janeiro.

Recordamos da velocidade das imagens que deixaram para traz nossas solidões a se desmancharem nas ruas, nas esquinas, nos becos e ruelas para que nós pudéssemos perceber a cidade em carne viva, palco de acontecimentos e perplexidades a renovar nossa vontade de continuar.

Lembramos das noites frias capazes de eletrizar o nosso fôlego para achar o chão das nossas composições sobre os desassossegos citadinos. Das vidas miseráveis que, de perto, só o são na aparência. Ao retomar o nosso andar, nos deparamos com cidades invisíveis que só aguçaram os nossos olhos da fome de ver as pessoas e as coisas em constante deslocamento.

As intensidades na nossa escrita foram forjadas como se fossem poemas na rua. Do que nasceu misturado nos restos e das sobras de episódios vividos em várias frentes de batalha pela vida na cidade. De encontros e desencontros produzindo potências de viver. De solidão em solidão, brotam sentimentos de sermos surpreendidos por histórias inacabadas com nenhuma mensagem definitiva para transmitir.

Os passos são refeitos no desejo de ser estrangeiro em plena cidade do Rio de Janeiro. Tintas que imitam o mármore no teatro municipal, num mundo de intensas simulações na cidade repleta de imagens pasteurizadas.

Segundo tempo de saída

Já é tarde e nós sentimos a transformação da nossa pesquisa num corpo vivo coexistindo com o sentimento de não ter mais para onde ir. Talvez tal sentimento tenha a ver com o nosso esforço para resolver as questões surgidas no decorrer da pesquisa. Quiçá, a principal possa ter sido a de se perguntar como se libertar da linguagem da solidão universalizante. Como desintegrá-la?

Assim, nossa pesquisa foi tomando corpo, sensorializando-se, tornando-se tátil, possível, quase manuseável. O que nos ajudou muito foi procurarmos o espanto, o sentimento de ser surpreendido pela vida. Espanto para nós não tem nada a ver com o sobrenatural, mas com o espanto cotidiano onde nasce o inesperado sobre o viver só.

Andando pelas ruas do Rio de Janeiro e acompanhando pessoas no consultório, montamos a base da nossa dramaturgia estampada nos conflitos e choques de ideias na urbe. Ao voltar do exílio na Argentina, Ferreira Gullar fez do espanto a matéria prima para a sua poesia. Longe de desejarmos nos comparar ao grande poeta, fomos montando parte por parte das nossas estranhas solidões inventando outra gramática da cidade. Em meio aos discursos urbanos, aproveitamos as marcas e os riscos de uma escrita febril num radioso inacabamento. Em meio à pobreza, à miséria, à violência e à degradação humana, um elemento comum se apresentou na solidão da escrita sob a forma de imagens do pensamento, dando a primazia a histórias anônimas prenes de vida. De parte em parte, encontramos uma forma provisória de traduzir o desfecho da nossa dissertação, recorrendo à sensibilidade de um poema de Ferreira Gullar.

TRADUZIR-SE

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
– que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?

Por que Ferreira Gullar comparece nas considerações finais desta pesquisa? Qual seria a relação deste poema com o conto de Rubem Fonseca? É através das palavras fonsequianas e das palavras gullarianas que produzimos reflexões sobre o que acontece na cidade do Rio de Janeiro quando o assunto é a solidão urbana. Elas nos ajudam a pensar a vida. O livro de

poemas intitulado *Poema sujo*, que inclui o poema “Traduzir-se”, é visto pela crítica como o poema que salvou a vida de Gullar. Quando ela parecia não ter sentido e todas as perspectivas estavam fechadas, ele inventou, através dele, outro modo de viver. Assim, ao ouvir o que as pessoas tinham a dizer sobre o estar só e o sentir-se só, fomos tomados pelo inesperado, pois os encontros com os assim chamados solitários da nossa cidade foram produtores de solidões que falavam também de lutas, de amor e de amizade.

O “Poema sujo” não segue as regras de métrica, rimas, palavras adequadas e vocabulário. Nossa pesquisa também não seguiu uma regra usual. Haja vista a forma como apresentamos o nosso problema diluído no decorrer do texto. O leitor precisará andar, deambular conosco para ter acesso ao que acontece na cidade, ao que faz a gente perder o fôlego ao mesmo tempo em que seguimos em frente.

Ao ler outros dos seus poemas sujos, não percebemos linearidade nos versos. Eles podem ser lidos de forma desordenada. Cada lembrança leva a outra. Não há uma sequência. Seus versos nos surpreendem com o inusitado. Parece que estamos a navegar nas janelas da existência.

De maneira próxima, montamos a nossa escrita guiada pelo conto de Fonseca. As linhas que se apresentaram durante o nosso percurso eram tanto linhas de continuidade quanto linhas de fuga. Estas linhas trazem a multiplicidade, o instante do que já foi na urbe. Se tivéssemos que dar um nome para a nossa escrita, chamaríamos de rizomática. “O rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga.” (Deleuze e Guatarri, 2004, p. 32-33).

Voltando a pensar sobre o uso das teorias que aqui se apresentaram, indagamos se elas serviram, se funcionaram para inventarmos outros modos de viver sós ou juntos. Nos encontros aqui produzidos, deparamos com um mar de intensidades. Surgiram zonas de vizinhanças, imprecisas e imprevisas como a própria condição de vida cidadina. Abriram-se conexões oriundas dos envolvimento e dobras que expressam a própria condição de estar vivo. No limite de nós mesmos, ficamos diante de um mundo de relações para além do que pensávamos saber sobre a solidão urbana. Assim, a caixa de ferramentas por nós manejada nos

ajudou a experimentar não a simples materialidade dos embates na cidade, mas as forças invisíveis a compor uma outra sintaxe urbana.

Na constituição do nosso presente, vivemos na carne os embates urbanos entre o caos e a ordem na cidade. Vivemos as interferências da cidade na nossa escrita, onde precisamos produzir desvios e desviar de nós mesmos. Acompanhamos nas ruas e confirmamos na clínica que é possível contribuir para a destruição do eterno no que diz respeito à compreensão do que acontece na cidade e na forma de cada um viver a solidão.

Embora esta pesquisa nunca tenha tido a pretensão de ser literária, sentimos o literário em seu devir minoritário através de alguns valiosos aprendizados que tivemos na academia, nas ruas e na clínica, entre outros, que as coisas apresentam algo que está sempre nos surpreendendo; as possibilidades de viver só podem ser sempre ampliadas; uma pesquisa precisa seguir a via oposta de uma finalidade ou intencionalidade; as pistas que seguimos podem nos levar a lugar algum; o tempo que seguimos é o tempo oportuno; reaprendemos a ter paciência; acolhemos um certo anacronismo produtivo que renovou o nosso desejo de perguntar o que o solitário nos apresenta em termos de contato com a cidade? Quais subjetividades podem estar sendo confeccionadas? Ver a cidade e a solidão apenas com os olhos é uma coisa, mas ver sentindo cheiros, ouvindo, é outra coisa. Assim, pudemos colher mais pistas nas ruas e na clínica do que somente através do olhar. Desta maneira, em contato direto com as coisas e as pessoas, procuramos manter a materialidade da cidade e da solidão, deixando-nos influenciar por elas. Vimos um mundo encarnado do confronto direto. Ele se movimenta conosco numa germinação anônima e inominável que nos fez indignar, desassossegar, mas, ao mesmo tempo, querer, no dia seguinte, voltar.

Tempo final

Agora só nos resta intensidades de um humano em constante deslocamento a procura de poemas na rua. Apresentamos estas linhas movidas pelo que a mão inspira escrever sem abusar da retórica e da métrica sobre solidões que nos invade ao mesmo tempo em que nos

recompõem, dando-nos coragem para continuar uma conversa em forma de prosa. Marcas e riscos de uma escritura que esboça algumas curvas da vida.

Solidão

Hei de ir andando. Hei de ir medindo a solidão? Entre os seus golpes persiste a primeira dor. Uma a uma se sobrepondo em sua nudez. Que o movimento anônimo de roupa a cobriu. Hei de ir sofrendo a ação do tempo que em sua fragilidade. Vai levando sem nenhum temor, as sobras da vida em forma do que do peito sai e chora por mais desassossego vindo. Hei de ir num novo ano de azedume que pergunta quando é que é novo o que nos volta em forma de desventura.

Ah! Me pego andando no que arde em escuras noites frias. Até nos montes do que vi nas alturas, do agosto em concretude, do que vi nos passos, nas ruas. Escrita do desassossego. Não sei apresentar as linhas de uma escrita que não se deixa conduzir. Só as mal traçadas linhas que se apresentam no meu medo e que me inspira, pode me conduzir.

Não posso me guiar. Gosto das ruas e das esquinas, do perder-se durante cada pedaço de passo. Sonhando-me num desterro encantador, forçando-me a olhar o que se aproxima. Da distância a regressar e a atrair o que me desorganiza e me faz esquecer.

Ausências...

Das aves sem penachos, dos animais sem chifres, dos que nasceram sem eles ou porque lhes cortaram o tecido. Do viver só. Sob a copa onde habitam as ausências formam filas, fugindo dos rubros embates, silenciosos e atônitos, meditam. Desta forma ficarão até o sol nascer, até a lua se deitar, no leito de um esplendoroso mar, do ditoso esquecimento.

Destas linhas tiramos um proveitoso ensinamento: foges para o mais longe possível, dos seus arrependimentos. Levanta-te dos seus edredons. Evitai os rumores indefinidos e contínuos das coisas, pois quem em seu corpo opaco se obscurece na reprodução e nos contornos, num lugar abrigado dos raios de solidão, só desfruta de ausências...

Cidade

Uma cidade pode ser medo, aflição. Uma cidade pode ser dor e sofrimento. Uma cidade pode ser receio e lamentação. Uma cidade pode ser pavor e ressentimento. Mas, uma cidade pode ser apenas um muro, uma calçada, uma rua, uma janela com uma rosa com gotas de orvalho de uma noite de intensos combates noturnos que anunciam a aurora da realidade com esporas, flancos, porosidades e flores em forma de espinhos.

Uma cidade pode ser um nome, um país, um barco ou um porto seguro. Mas uma cidade também pode ser anônima, sem fronteiras, desancorada num beijo de magnólias, ao crepúsculo ou à luz de velas. Cidades de cartões-postais, de roteiros turísticos ancoradas na areia. Cidades de entrelaçamentos de eventos, de conflitos que se reconfiguram em histórias a serem contadas numa tarde de Agosto. Uma cidade em forma de sutilezas que evitam talhar o eterno, pois suas ruas trazem estímulos inesgotáveis, mesmo que repartidos ou entremeados. Cidades das estalagens, dos operários que sofrem dos que têm fome, do empobrecimento dos vínculos que se apresentam em lugares que quase não percebemos de tanto que incorporamos os excessos de cenas urbanas numa trama repleta de inquietações.

Para cidades que extremizam as conexões e exorcizam a solidão, como viver juntos? O homem calara-se, olhando o poente, pensando em existir claramente, preocupados sem o saber. E as almas simples como as nossas pensam em ser estrangeiras e, como os rios, seguem o seu caminho pressentindo espaços vazios que compõem as nossas urdiduras.

Literaturas

Será que é preciso ser literato para ler literaturas? O que nos reconforta é praticar apenas uma forma de leitura? Haveria beleza na literatura? Sentar a mesa sem ter uma idéia. Buscar o prato sem fome de idéias, puxar a cadeira sem precisão de idéias, garfos e facas de idéias que me escapam. Como a maioria das comidas, as idéias não vêm prontas. É preciso prepará-las, temperá-las, cozinhá-las, para digeri-las. Se não consigo expressá-las, não as tenho. Se não consigo pegá-las é por não chegarem inteiras. Como os alimentos, elas vêm de partes distintas, de vários nascentes e vários poentes. Não precisamos compreendê-las. Precisamos de emoções puras e violentas. Tudo que para nós é importante tem um duplo sentido, uma dupla leitura, vem de outro lugar. Um outro lugar da literatura pela literatura. Como um cozinheiro que tem uma percepção não-literária da literatura.

No ancoradouro das subjetividades

Quanto mais diferente de nós pudermos ser e mais real nos parecer, menos dependeremos da nossa subjetividade. Outros eus, assim como um eu que não se conhece. Tempos de outrora e de adiante que fizeram de mim o que ainda não me tornei. Inventamos arranjos e olhares por outros tantos que descrevem eus que já morreram. Tocados pelas experiências de solidão que não nos conhecem nem nos vêem, sejam a nossa escrita.

Aquilo que chamamos de subjetividade. Feita de tecidos e tramas. Encarnam modalidades. De sentir e pensar. Por isso nos deslocamos para onde não imaginamos. Por isso dançamos por outras letras escritas. Em cada suspiro vamos unindo diálogos, fragmentos de experiências urbanas. Em cada volta da costura se apresenta nossas sensações e a nossa gramática que por vezes é agramatical.

Entre linhas e tecidos não prevalece um eu regulador, pois ele é resultado desses encontros. Nossa escrita nasce de circunstâncias, do que convoca. Neste sentido, literatura é reflexão, convívio e descoberta.

Muitas vezes a inspiração vem de uma insistência na elaboração. Um intenso vai e vem de aprisionamento de idéias. Existe um prazer de ir atrás das palavras, do movimento da escrita, mesmo sabendo que um texto se escreve, vai se impondo. Escrever pouco, inventar o corte, reescrever, reescrever, reescrever... até ser capaz de me afetar e me mudar de lugar. Neste momento não é tão importante ver, mas tornar visível. Devolver a sua potência de estranhamento. Precisamos estranhar, estranhar, estranhar...imaginar para criar possíveis. Olhar as coisas com uma atenção tal que intensifique o tempo. Mais que tornar visível é tornar partilhável.

Assim vamos nos esforçando e nos expandindo em fronteiras não tão rígidas em busca de uma escrita que faça sentido diferente de um certo modo hegemônico de ver a solidão e a cidade. O que escrevemos nos escreve. Que nos deixem passar, eis o que pedimos. Pensamos que a vida é feita de minutos, horas e dias, mas ela é feita de momentos. Momentos oportunos em forma de imagens inconclusas, inacabadas de uma escrita que tem a ver com prazer, desassossego e emoção.

Contar histórias!...A gente se realiza quando intercambia com os outros, emoções e sentimentos. Nestas linhas, nos tornamos mais tolerantes com as fragilidades, mais atentos as fraquezas, mais éticos frente aos acontecimentos, mais combativos às injustiças e mais interessados com as misturas. E assim, com mais prosa que verso, tecemos nossas próprias urdiduras.

Quando a gente se encontra não psicologiza as solidões. Nas nossas conversas não naturalizamos o que sentimos. Sempre que possível, pensamos se outras pessoas já sentiram da mesma forma que nós e, quando menos percebemos, estamos de outra maneira, contando outras histórias, entendendo como elas se produzem e dando a nossa existência, uma outra estética. Assim vamos caminhando, procurando mais que achando e aprendendo a ser só.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, Luís Antônio. **A cidade dos sábios** – Reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades. São Paulo: Summus, 1999.
- _____. **Combates urbanos**: A cidade como território de criação. No prelo, s/d A.
- _____. **Tartarugas e vira-latas em movimento**: políticas da mobilidade na cidade. No prelo, s/d B.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. de Antônio Gonçalves. Lisboa: Edições 70: 1987.
- _____. **O prazer do texto**. Trad. de Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70: 1974.
- BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Tradução de Tereza Cruz. Portugal Lisboa: Veja Passagens, 1993.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire – Um lírico no auge do capitalismo*. In: Obras escolhidas; v.3, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. **Passagens**. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. São Paulo: Editora UFMG, 2006.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha ar: a aventura da modernidade**. São Paulo. Companhia das Letras, 1986.
- BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário**. Rocco: Rio de Janeiro, 1987.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna**: Representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- _____. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CASTRO, Celso. **Homo Solitarius**: notas sobre a gênese da solidão moderna. Interseções – R. de Est. Interdisciplinares, Rio de Janeiro, v. 3, N. 1, p.79-90, Jan./Jun. 2001.

- COETZEE, Jonh Maxwell. **A vida dos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. Introdução: Rizoma. In: **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio Mendonça. **A invenção do psicológico**. Quatro séculos de subjetivação 1500-1900. São Paulo: Educ: Escuta, 1992.
- FONSECA, Rubem. **64 Contos escolhidos de Rubem Fonseca**. São Paulo: Companhia das letras. 2004.
- _____. **A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro**. In: *Romance negro e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal. 1979.
- _____. Sexualidade e Solidão (1981). In: *Ditos e Escritos*. vol. 5. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____. O que são as luzes? In: **Ditos & Escritos**, vol. 2. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, M. e SENNETT, R. Sexualidad y Soledad. In: TOMÁS ABRAHAM (org.). **Foucault y la Ética**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1988.
- _____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Lisboa, Portugal, 1968.
- _____. “A ética do cuidado de si como prática de liberdade”. In: **Ditos & Escritos**. vol. 5 – Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Uma topografia espiritual** (Posfácio) In: ARAGON, Louis. *O camponês de Paris*. Imago.
- _____. “Le Printemps adorable a perdu son odeur”. ALEA, VOLUME 9, NÚMERO 1, JANEIRO-JUNHO 2007, pag.64-74.
- _____. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. **O método desviante**. Algumas teses impertinentes sobre o que não fazer num curso de filosofia. Disponível em:
<[HTTP://oficinadefilosofia.wordpress.com/2007/02/21/o-metodo-desviante-por-jeanne-marie-gagnebin/](http://oficinadefilosofia.wordpress.com/2007/02/21/o-metodo-desviante-por-jeanne-marie-gagnebin/)>. Acesso em 12 de Julho de 2011.

- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade** – Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.
- HELENA, Lúcia. **Ficções do desassossego**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2010.
- KATZ, Chaim Samuel. **O coração distante**: ensaio sobre a solidão positiva. Rio de Janeiro: Revan, 1996.
- LARROSA, Jorge. **Literatura, experiência e formação**. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) *Caminhos investigativos* – Novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação. 1996.
- OWY, Michel. Franz Kafka: **Sonhador insubmisso**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.
- MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades**. Rio: Nova Fronteira, 1989.
- OLIVEIRA, Bernardo Barros Coelho de. **Olhar e Narrativa**: Leituras Benjaminianas. Vitória: EDUFES, 2006.
- PEIXOTO, Néelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Editora SENAC de São Paulo: Editora Marca d'água, 1996.
- _____. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo. Companhia das Letras, 1988.
- PÉLBART, Peter Pal. **Como viver só**. 27^a. Bienal de São Paulo Seminários.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.
- ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- SARTRE, Jean Paul. **Situações I: Crítica literária**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- SENNETT, Richard. Seminário proferido com Michel Foucault in. TANIS, Bernardo. **Circuitos da solidão**. Casa do psicólogo. 2003.
- _____. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **Fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara. 1987.
- TANIS, Bernardo. Circuitos da solidão. Casa do psicólogo. 2003.

VIANNA, Hermano. Ternura e atitude blasé na Lisboa de Pessoa e na Metrópole de Simmel.
In: VELHO, Gilberto. **Antropologia Urbana**. Rio de Janeiro: Zahar. 1999